Vol. IV Março de 1892 N.º 22

REVISTA

DE

PORTUGAL

EÇA DE QUEIROZ

DIRECTOR

LUIZ DE MAGALHÃES
SUB-DIRECTOR

ROCHA PEIXOTO
SECRETARIO DA REDACÇÃO

Summario

PAG.
393. A CIRCULAÇÃO MONETARIA E O BANCO DE PORTUGAL..... Rodrigues de Freitas.
412. JOÃO DE DEUS E A RENOVAÇÃO DO MODERNO LYRISMO..... Theophilo Braga.
433. CARTAS DA ULTIMA HORA: O theatro. — Neo-garrettismo. — A inspiração nacional..... Alberto d'Oliveira.
453. CARVÕES PORTUGUEZES..... Wenceslau de Lima.
473. CLARITA, poemeto..... Alexandre Braga, filho.
481. IDÉAS E FACTOS..... J. L.
490. REVISTA DE POLITICA EUROPEIA.. Moniz Barreto.
504. REVISTA SCIENTIFICA: Um projecto de programma internacional para os estudos anthropologicos..... Rocha Peixoto.
513. POLITICA INTERNA..... Jayme de Magalhães Lima.
521. BIBLIOGRAPHIA.

LUGAN & GENELIOUX, Editores — Porto

Correspondentes

PARIS

AMEDÉE PRINCE & Cie
34, Rue de Provence

Vve EMILE MELLIER
17, Rue Séguier

ACABA DE PUBLICAR-SE:

JOÃO BARREIRA

GOUACHES

(ESTUDOS E PHANTASIAS)

Um volume, em papel de linho nacional, com um **fusain** de Cellini.... 700

Lugan & Genelioux, editores — Porto

A **REVISTA DE PORTUGAL** é publicada mensalmente, n'um volume de 130 a 150 paginas.

Um **BOLETIM BIBLIOGRAPHICO** acompanha cada numero da Revista, dando noticia e descripção de todas as obras, nacionaes ou estrangeiras, que forem enviadas á Redacção.

Os **ANNUNCIOS** são inseridos n'um supplemento especial, collocado no fim do numero.

ASSIGNATURA

Portugal e ilhas adjacentes

Um anno	Seis mezes	Tres mezes
6$000 reis	**3$200 reis**	**1$700 reis**

Numero avulso. . . . . **500** reis
Pelo correio. . . . . **540** »

Colonias, Hespanha, Brazil e outros paizes da União Postal

Um anno	Seis mezes
7$200 reis fortes	**3$800 reis fortes**
(Fr. 40)	**(Fr. 21,10)**

A **REVISTA DE PORTUGAL** assigna-se no Porto na livraria dos editores e administradores **LUGAN & GENELIOUX**, em todas as livrarias de Portugal, e nas principaes livrarias do estrangeiro.

NO PRÉLO

Eça de Queiroz

Correspondencia de Fradique Mendes. 1 vol.

Theophilo Braga

As lendas christãs. 1 vol.
As modernas ideias na litteratura portugueza. 2.º vol.

THE J. PAUL GETTY CENTER
LIBRARY

A CIRCULAÇÃO MONETARIA

E O

BANCO DE PORTUGAL

I

Transferido para nações melhor governadas do que a nossa, ou guardado como reserva, ou constituindo materia de commercio, — o ouro amoedado sahiu da circulação portugueza. A prata, se, por suas inferiores condições, não pôde seguir aquelle metal precioso nas viagens ao estrangeiro, firmemente se recusou quasi sempre a entrar em giro se a não recebessem por valor maior que o inscripto n'ella; e até o bronze, que em tempos proximos era exemplar em humildade, ganha premio na lucta com as presumpçosas notas dos bancos; se o antigo patacó ainda vivesse, vingar-se-ia exigindo agio de quantos o motejavam por feio e pesado.

Para o logar dos metaes ausentes veio o papel; o decreto de 10 de maio de 1891, se não deu curso forçado ás notas dos bancos, permittiu aos estabelecimentos emissores que as não pagassem durante sessenta dias; o decreto de 9 de julho, querendo usar de palavras suaves, ordenou que esses papeis tivessem curso *legal;* mas como tambem consentiu que não fossem convertiveis em moeda metallica, definitivamente impoz a todos os portuguezes a obrigação de os aceitarem em pagamento.

Pessoas de ingenuos escrupulos, e que tenham na memoria as

palavras d'esse decreto, dirão que empreguei mal a palavra *definitivamente.* Confesso que ahi se marcou o termo do curso forçado: havia de ser o momento em que principiasse a vigorar o novo systema monetario; mas como os rudes factos quizeram que tanto mais tempo ia decorrendo sobre 9 de julho de 1891, mais se provava que o paiz não era digno de ser salvo pela revelação do segredo magico d'um ex-ministro; como o ruinoso aspecto do thesouro e o desmedro politico e moral impossibilitam sensatas esperanças de saudavel remodelação em breve espaço, é acertado ter como vivedouro o que o decreto parecia considerar de muito curta duração.

Eramos um dos paizes de melhor systema monetario; vigorava desde 29 de julho de 1854; viera extinguir os graves transtornos produzidos por varias leis; se algumas vezes, especialmente no ultimo decennio, foi censurado de fomentador de perturbações na circulação, é certo que jámais os censores mostraram conhecer bem o delicado objecto de que se occupavam. Porque passamos tão violentamente do emprego da moeda metallica ao uso quasi exclusivo do papel? No dizer de muitas pessoas, esta desgraça nacional originou-se na crescente falta de remessas do Brazil, e nas difficuldades experimentadas pelas praças estrangeiras. Aquella falta privou-nos de poderosos recursos para compras lá fóra, e para animação do trabalho nacional; estas difficuldades impediram-nos de continuar contrahindo emprestimos, tão necessarios sempre, conforme se affirmava, ao saldo de contas internacionaes.

É commodo para as más consciencias o descarregar sobre factos alheios a responsabilidade do erro proprio, ou attribuir-lhes influencia muito maior que a verdadeira; póde ser util a muitos politicos de mau quilate, ou agradavel a um cego patriotismo, o encobrir cuidadosamente as causas do mal gravissimo que agora afflige todos, e que a tantos desorienta; mas nem a intelligencia dos estrangeiros seria obscurecida pela falsa critica indigena, pois que de sobra conhecem o que temos sido, nem classe alguma do povo portuguez ganharia com imposturas e ficções sobre a procedencia da infelicidade.

Em 1889 o cambio do Rio sobre Londres conservou-se muito alto quasi sempre; desde janeiro até ao fim de novembro não baixou de 26 $^3/_4$ e muitas vezes excedeu 27; em dezembro o preço minimo foi 24 $^1/_4$; mas ainda se fizeram transacções a 27 $^1/_2$. A taxa do desconto em Londres, que alguns dias de janeiro esteve a 5, brevemente passou a 3, e só nos ultimos quatro mezes subiu a 5 e 6 [1]. Paris teve dinheiro a 3 desde março até dezembro; Amsterdam todo o anno cotou o desconto a 2 $^1/_2$; Bruxellas pagou-o a 3 e 4 nos ultimos nove mezes. Em annos immediatamente anteriores a 1889 as condições externas tinham sido notavelmente favoraveis a Portugal: desde 1886 o cambio do Rio foi subindo; a abundancia de capitaes nas grandes praças europeias permittira-nos contrahir emprestimos com modicos encargos. No interior a offerta de dinheiro conservou-se muito forte; nunca obtiveram tão pequeno lucro os mutuantes do thesouro, concorrendo para isto o systema de concurso nos emprestimos a curto praso. Que foi feito de tantas vantagens? Serviram em grande parte ao desperdicio e á devassidão. As despezas ordinarias do estado, que eram 33:960 contos em 1884-85, atreveram-se a ir até 39:165 contos em 1888-89. As extraordinarias, separando já os 5:263 contos pagos pela expropriação das fabricas de tabacos, etc. (este etc. tem uma historia caracteristica dos costumes politicos lusitanos), as extraordinarias foram 6:262 contos em 1888-89; quatro annos antes tinham sido 5:754 contos. Bem calculado o *deficit*, estava em 8:312 contos em 1884-85, e montou a 8:355 em 1888-89. Todas as boas condições de quatro annos foram insufficientes para melhorar a situação financeira de Portugal; pelo contrario, ao cabo d'elles estava peior que no principio, embora o recurso ao credito houvesse ministrado ao governo, durante o quadriennio, quasi 46:000 contos!

A má, a desordenada e peccaminosa gerencia dos negocios

[1] Só um dia esteve a 6; e se foi mantido a 5 durante cento e cinco dias, conservou-se cento e doze a 2 $^1/_2$, noventa e oito a 3, sete a 3 $^1/_2$ e quarenta e dois a 4.

*

publicos e tambem dos particulares, foi a principal causa dos desastres financeiros; se o cambio do Rio e os embaraços bolsistas nos prejudicaram muito, supportariamos facilmente o prejuizo, e nem o credito nacional padeceria, se tivessemos empregado intelligentemente e honestamente os valiosissimos bens que estiveram á nossa disposição.

Uma das manifestações dos maus costumes politicos é a decadencia parlamentar; as côrtes inconstitucionalmente delegam no executivo os seus poderes aliás intransmissiveis; as dictaduras tornam-se regra; os decretos d'ellas multiplicam-se, multiplicando quasi sempre a confusão administrativa, augmentando inopportunamente os gastos, e ampliando o arbitrio ministerial de modo a facilitar maus favores a particulares á custa de bons dinheiros publicos. Os modernos processos dictatorios luxuosamente organisam a corrupção politica e desorganisam as forças uteis do paiz. Contam-se aos milhares os censores vigorosos d'este fomento do parasitismo; cada partido opposicionista brada contra elle e o denuncía ao povo; mas cada partido, apenas se torna poder publico, usa continuar e engrandecer as tradições que eloquentemente combatera.

Um dos mais impressivos exemplos de transmissão inconstitucional do poder legislativo [1] occorreu em 1891; a lei de meios veio carregada com auctorisações parlamentares. Homens notaveis pela sciencia e pratica dos negocios não hesitaram em concedel-as, justificando-as com a necessidade imperiosa de habilitar o governo a cumprir o programma salvador. As côrtes, em vez de minuciosamente discutirem o problema financeiro, e tratarem de o resolver, quasi pediram encarecidamente aos minis-

[1] A carta constitucional portugueza diz que a divisão e harmonia dos poderes politicos é o principio conservador dos direitos dos cidadãos, e o mais seguro meio de fazer effectivas as garantias que a constituição confere; e, depois de estabelecer este principio fundamental, marca as attribuições dos diversos poderes; se qualquer d'elles tivesse a faculdade de os delegar n'outro, a divisão tão preconisada cessaria de facto; os legisladores, por exemplo, e os juizes passariam para o executivo o direito de legislar e julgar; as auctorisações parlamentares, quanto menos limitadas, mais atacam, portanto, o espirito e a letra da carta.

tros que para si tomassem toda a tarefa legislativa, e as mandassem embora, a ellas, como assembléas que mais os embaraçariam do que auxiliariam! Nunca foi tão longe a desorientação politica. Jámais chegaram a tal extremo as consequencias dos constantes attentados contra o espirito e a letra do nosso direito publico.

Entre as auctorisações havia a de reformar o Banco de Portugal; n'ella se baseou o decreto de 3 de dezembro de 1891, de accordo com a administração d'esse estabelecimento de credito; e no relatorio de 3 de fevereiro de 1892, assignado pelo conselho geral d'elle, foram expostos aos accionistas os motivos da reforma.

As modificações decretadas são valiosas; o governo que as aceitou não poderá gloriar-se d'ellas; a administração do Banco, pelo contrario, tem direito a affirmar que obteve grandes vantagens para os seus mandantes; convém examinal-as, já pela sua gravidade, já para se conhecer como entre nós são tratados negocios transcendentes.

II

N'este exame auxiliar-me-hão os relatorios do proprio Banco de Portugal; comparando-se o de 1887, ácerca da lei de 27 de julho d'esse anno, com o de 1892, concernente ao novo accordo, as contradicções sáem evidentes; doutrinas oppostas são ahi advogadas sobre pontos essenciaes ao regimen de estabelecimentos emissores.

A lei mencionada concedeu o curso legal ás notas nas localidades onde o Banco tivesse agencia, e n'um raio de 5 kilometros a partir d'ellas; a concessão caducaria desde o momento em que, por qualquer motivo, se interrompesse a troca em ouro na delegação respectiva; quando muito, e acima de certa quantia, poderia o reembolso demorar-se quatro dias nas agencias ou filiaes.

A convertibilidade é, com effeito, indispensavel para que

seja simplesmente legal o curso, e não forçado como hoje. Um relatorio do Banco dizia em 20 d'agosto de 1887:

« Esta disposição, destinada a garantir e assegurar o desenvolvimento da circulação fiduciaria, fica *absolutamente adstricta e dependente da convertibilidade immediata.* Cercando-se a instituição emissora de todas as garantias aconselhadas pela experiencia bancaria; regulando-se a emissão fiduciaria por fórma a não se poder duvidar da completa segurança do seu machinismo, o curso legal obedece na lei á exclusiva idéa de facilitar e desenvolver a circulação ».

O garantir quanto possivel a convertibilidade era uma das mais difficeis partes do trabalho legislativo. Determinou-se que a importancia total das notas estaria sempre representada por valores de realisação facil, n'um praso não superior a tres mezes, e pela reserva metallica; esta reserva nunca seria inferior a um terço do total das notas circulantes e de outras quaesquer responsabilidades á vista; só excepcionalmente poderia baixar d'esse limite, quando, « em vista de exposição motivada no conselho geral do Banco, o governo, por decisão tomada em conselho de ministros, assim o auctorisasse ».

O relatorio de 1887 commentou nos seguintes termos estas disposições:

« Adoptou-se geralmente como regra, baseada na analyse das fluctuações monetarias, a proporção de um terço dos compromissos á vista, como sufficiente para garantir a convertibilidade nas condições normaes da circulação.

« Com o fim de prevenir embaraços que eventualmente podessem advir da fixação de um limite sempre invariavel e absoluto, admittiu-se, por excepção, a possibilidade de descer a limites menores... A conveniencia d'esta faculdade é manifesta...

« *Não podendo esta faculdade utilisar-se sem resolução expressa do conselho de ministros,* não é de receiar que ella se exerça arbitrariamente com prejuizo da segurança da circulação e dos interesses publicos ».

Em 1891 outras foram as idéas reinantes no Banco de

Portugal. O accordo entre elle e o estado èstabelece que: 1.º a reserva poderá descer a um quinto das notas circulantes e depositos á vista; 2.º em casos extraordinarios de crise, ou de panico, d'onde resulte corrida de portadores de notas, a convertibilidade póde ser submettida a restricções, quando indispensaveis á manutenção dos limites minimos da rèserva. Em ambos os casos é precisa auctorisação do governo.

O relatorio de 1892 acha tudo isto excellente. Já não é necessaria a resolução expressa do conselho de ministros; bastará auctorisação governativa, isto é, um officio ou portaria do secretario dos negocios da fazenda para que a reserva desça a um quinto em vez de ficar, pelo menos, em um terço, ou para que as notas não sejam francamente convertidas em metal.

Em 1887 a administração do Banco, atacando largamente a liberdade emissora, accentuou que a convertibilidade é indispensavel á nota para funccionar como instrumento de credito identificado com a moeda. Agora agrada-lhe uma clausula que antecipadamente concede ao Banco a mais ou menos clara moratoria para as dividas por notas, sempre que a reserva tiver descido a certo nivel! Considera de interesse publico a manutenção de prefixa quantidade de metal precioso nas caixas do Banco; e tanto basta para que os portadores de notas sejam obrigados a aguardar o reembolso da respectiva importancia até que lhes chegue a vez, segundo o arbitrio bancario-governamental. Não será a completa e provada impossibilidade de pagar immediatamente a quem deve, que fundamentará a concessão de moratoria; não será no tribunal ou na assembléa dos credores que se hão de apreciar as circumstancias especiaes que tornaram difficil a situação do Banco; não será conforme o procedimento da gerencia que o favor da móra será feito ou negado; basta que os portadores de notas, correndo a buscar o seu dinheiro, extráiam tanto metal, que a reserva desça a um quinto da importancia da moeda fiduciaria em circulação e dos depositos á vista, ou baixe a 3:000 contos.

Porque se adoptaram estas *providencias?* O relatorio do Banco apresenta as seguintes razões:

1.ª RAZÃO. «A fixação dos limites minimos ás reservas metallicas é o proprio reconhecimento legal da impossibilidade de se respeitar até o extremo a obrigação da convertibilidade das notas».

Não me parece que seja assim. Quando as leis marcam limites minimos, unicamente pretendem estabelecer uma garantia contra o perigo de cessação de pagamento; bem sabem que não é uma garantia absoluta, efficaz em todos os casos; estabelecem meramente uma regra de prudencia, que os administradores dos respectivos bancos deverão reforçar segundo as indicações praticas; os legisladores que marcam limites minimos, como o do terço em metal precioso, não podem ignorar que esta proporção é aconselhada por um grosseiro e até contradictorio empyrismo; nenhum d'elles, cuido eu, quiz affirmar, ao tornal-a obrigatoria, que reconhecia, *ipso facto*, a impossibilidade de manter o reembolso até ao fim. Uma coisa nada tem com a outra. Acaso o conselho geral do Banco desejava dizer que seria impossivel converter em metal as notas até á ultima, se os portadores corressem todos simultaneamente? A asserção nem ainda assim ficaria absolutamente exacta. E que ficasse, nada tem com isto a fixação legal do minimo.

Passo á

2.ª RAZÃO. «Reconhecida esta impossibilidade e admittido aquelle principio, é melhor consignar desde logo na lei organica a prevenção do facto e o meio regular de o prover de remedio, do que aguardar providencias extraordinarias de occasião, que são quasi sempre um motivo de descredito e origem de maior abalo que o occasionado ás vezes pela propria crise».

A prevenção do facto?! Mas o accordo não previne a corrida, nem a impossibilidade de pagamento; quanto á corrida até a põe por condição necessaria das restricções ou da moratoria; quanto á impossibilidade de conversão das notas, como a previne se não dá recursos ao Banco para as trocar? A nova clausula unicamente serve de chamar-se legal a restricção (?) do reembolso. E não me parece que da rhetorica dependa o credito ou descredito do instituto emissor. No dia em que o Ban-

co fôr auctorisado a tomar taes precauções, é quasi certo que o publico em geral e os portadores das notas em particular não farão juizo tão favoravel das faculdades monetarias d'elle..., como se o reembolso continuasse; o credito será, pois, abalado, embora se diga que os credores foram mandados sahir sem dinheiro para se manter certa reserva metallica em harmonia com o estatuto. Ainda que o legislador não tivesse permittido esta desculpa, nenhum proprietario de notas ignoraria que, se não cobrava a moeda que lhe deviam, era porque a não possuiam, ou porque preferiam ficar com ella...

Supponha-se que no accordo não estava a clausula de que trato, e que os portadores da moeda fiduciaria corriam a exigir o dinheiro solemnemente promettido; se fossem de tal importancia as exigencias que, antes de satisfeitas, a reserva attingisse o minimo legal, — o Banco suspenderia talvez pagamentos para subordinar-se ao preceito estatutario, caso não preferisse pedir auctorisação para continuar pagando; a influencia d'este desaire sobre o seu credito variaria principalmente segundo as condições financeiras do Banco; se tivesse recursos para dentro em breve continuar pagamentos, se o balancete, commentado sinceramente pela administração, mostrasse que superabundavam meios de satisfazer em muito curto praso todas as responsabilidades á vista, o abalo seria passageiro, e até poderia dar ensejo a robustecer-se a confiança. Pelo contrario, se na vigencia do novo contrato se dér a suspensão ou restricção legal do reembolso para que se ha de manter certa reserva metallica, e o exame do inventario do Banco mostrar que são más as condições d'elle, não será a auctorisação governativa ou a mencionada clausula quem lhe ha de manter o credito. Em 1876, a 18 de agosto, o Banco de Portugal suspendeu pagamentos; no dia 16 a reserva em ouro importava sómente 471 contos, circulando em notas 2:232; apesar d'isto, como em breve conseguisse recomeçal-os, a sua moeda fiduciaria voltou a ser bem aceite; em 31 de março de 1876 a circulação foi de 2:949 contos; em 30 de junho, 3:274; em 30 de setembro, 3:239; em 30 de dezembro, 3:590; apenas uma leve depressão no fim do 3.º trimestre;

a crise, apesar de muito grande, só deixou passageiros vestigios no curso d'esta especie de moeda; por isso a direcção escreveu no relatorio concernente áquelle anno: « Revelam estas cifras a confiança que continúa a inspirar o papel fiduciario do Banco, excedendo a circulação no ultimo dia do anno findo a importancia maxima a que se elevára em 1875 e que fôra de 3.554:886$000 reis ».

Os estatutos d'esse tempo, que eram os approvados por decreto de 6 de maio de 1857, não marcavam o minimo da reserva; sómente ordenavam que as emissões fossem feitas em proporção tal que nunca obrigasse o Banco a differir ou interromper pagamentos; apesar de tão desnecessario conselho, a interrupção realisou-se, mas não teve tão funestas consequencias como anno passado, embora a lei de 1887 marcasse o infimo nivel da existencia metallica. A diversidade das circumstancias economico-politicas determinaram a differença fundamental dos factos. Em 1891 a auctorisação governativa (se acaso existiu), para diminuir a reserva de ouro a menos do terço, não melhorou o credito do Banco; o decreto de 7 de maio, permittindo maior diminuição, concedendo pagar em prata as notas de ouro, e allegando que esse instituto precisava d'estas liberdades para *soccorrer os outros estabelecimentos,* não lhe póde favorecer a fama; e a moratoria, dada pouco depois, tambem o não rehabilitou; o publico, desde algum tempo desconfiado, comprehendeu que a circulação fiduciaria se não proporcionára aos recursos disponiveis; as noticias de favores, inopportuna e indevidamente feitos a sociedades anonymas, confirmaram que o proprio Banco era dos que mais necessitavam soccorro, e que as suas desacertadas relações com o thesouro tinham prejudicado o credito das notas, muitissimas das quaes foram illegalissimamente lançadas na corrente circulatoria, depauperando-a com grave prejuizo nacional.

Sendo este o depoimento dos factos, que motivo ha para suppôr que o publico fique tranquillo sobre a sorte dos titulos ao portador e á vista, quando o governo ordena adiamento, ou restricções do reembolso d'elles?

Mas ainda outro argumento apparece no relatorio; é a 3.ª RAZÃO. «As reservas não deverão descer, em caso algum, abaixo de $^1/_5$ da importancia das notas em circulação e dos depositos exigiveis á vista; e porque se póde dar a hypothese de que a circulação torne a descer a proporções relativamente pouco avultadas, entendeu-se que o *stock* metallico do Banco de Portugal, como natural depositario da maior reserva metallica do paiz, nunca deveria ser inferior a 3:000 contos de reis. Para isto se conseguir, como conveniencia publica que é, forçoso se tornava prevenir os casos em que corridas incessantes para o troco de notas podessem affectar o limite minimo das reservas, esvasiando os cofres do banco».

A conveniencia publica principalmente exige que os estabelecimentos emissores procedam com o maximo cuidado, e não exagerem a circulação de notas, como desastradamente o Banco de Portugal teve de fazer, ainda antes do decreto de 7 de maio. Não ha motivo algum para affirmar que o paiz lucra mais em que esse instituto, dada uma corrida, mande embora os seus credores desde que a reserva desça a 3:000 contos, do que lucraria se lhes fosse pagando. E a poder-se provar o contrario, deveria legislar-se de modo analogo para todos os bancos ainda que não fossem emissores; tanta razão ha para marcar o minimo de reserva, que dá direito a suspender ou restringir a troca das notas, como para marcar o que dê faculdade identica em relação aos cheques dos depositantes. Se a existencia de 3:000 contos no Banco de Portugal é uma garantia de bom regimen economico, deve-o ser tambem a permanencia de 2:000, ou 1:000, ou outra quantia, nos bancos de menor porte. Porque não são todos elles auctorisados a suspender pagamentos quando assim desça o nivel dos metaes preciosos em seus cofres?

Maior razão, ou menor sem-razão haveria para o permittir a institutos independentes do thesouro, e não-emissores, do que ao Banco de Portugal; tornada bem publica essa clausula, não lhes confiasse dinheiro quem não a quizesse para si. Varios estabelecimentos já desde muito impozeram aos depositantes uma condição que até certo ponto garante os depositarios con-

tra os effeitos ordinarios das corridas; mas as notas do Banco de Portugal têm de ser aceites por força, ainda após o restabelecimento da circulação metallica, e em peiores condições do que no regimen decretado em 1887, como provarei; por isso mesmo devia o estado ser mais severo na exigencia de cuidados com a manutenção do credito das notas. Prescrever desde já que a baixa da reserva a 3:000 contos auctorisa restricções no pagamento das notas, é attribuir aos algarismos virtudes que não possuem, e deixar que legalmente dormite, ou repouse, quem devia estar sempre muito vigilante.

E porque hão de estacionar na caixa os 3:000 contos? Quem póde assegurar desde já que em todas as circumstancias futuras será melhor guardal-os do que ir pagando? Não haverá casos em que a continuação do pagamento por mais algum tempo evite que uma crise incipiente se desenvolva formidavel? Quem póde assegurar que a interrupção do reembolso das notas não actuará mais prejudicial na circulação e nos cambios do que actuará beneficamente para o publico o permanecerem inertes todos os 3:000 contos? Esta clausula não propagará desconfiança e pressa de trocar, ainda quando a reserva esteja sensivelmente superior ao minimo? O relatorio limitou-se á raza affirmação que transcrevi; e o ex-ministro da fazenda não fundamentou doutrinalmente o decreto de 3 de dezembro de 1891, embora procurasse resolver um dos mais delicados problemas economicos.

III

Ha pouco affirmei que, ainda depois de restabelecida a circulação metallica, ficará em peiores condições o curso legal das notas do que o estava segundo a lei de 1887. Já disse o que a respeito d'elle determinava esta lei. Resta-me transcrever o que ordena o decreto de 1891; dispõe o seguinte na base quinta:

«As notas do Banco de Portugal ficam tendo curso legal *em todo o territorio do continente do reino indistinctamente.*

Nas localidades onde não houver agencias, o banco facilitará o troco por intermedio das recebedorias de comarca, de accordo com o governo».

As differenças entre o passado e o futuro regimen são claras e grandes: outr'ora o curso era legal sómente nas localidades onde houvesse agencias, e a cinco kilometros de distancia; agora estender-se-ha a todo o continente. Outr'ora as agencias eram obrigadas a trocar as notas em metal, com restricções bem definidas; agora, onde não houver agencias, a troca sómente é promettida no vago preceito de que o Banco a *facilitará* pelas recebedorias de comarca, de accordo com o governo! Que segurança de convertibilidade offerece esta clausula aos portadores de notas? Quando e como se fará o accordo? Que obrigações definidas poderá ou deverá o thesouro aceitar para promover a circulação fiduciaria, que é sobretudo vantajosa ao estabelecimento que as emitte?

Tambem por outras bases o Banco obteve melhoria de condições. D'uma d'ellas diz o relatorio do conselho geral: «A rescisão do contrato sobre as classes inactivas *é um dos beneficios mais importantes que o novo contrato trouxe ao Banco*. Desde o principio que se avaliou e apreciou o inconveniente que o contrato de 1887 importava para o Banco. Era uma larga e longa immobilisação do capital, sem vantagens compensadoras debaixo do ponto de vista do lucro a auferir. Sacrificando o presente a um afastado futuro, o Banco teria de vêr immobilisado todo o seu capital social no simples maneio d'esta operação, sem outro recurso que não fosse o da valorisação por meio dos titulos representativos que foi auctorisado a emittir... Adoptou-se quanto á liquidação e reembolso, o systema mais suave e menos oneroso para o estado, alargando-se a amortisação por todo o tempo que ainda resta do privilegio do Banco e com o modico juro de 5 por cento ao anno».

Convém saber que o conselho geral nem sempre considerou desvantajosa a operação sobre o pagamento ás classes inactivas. No relatorio de 6 de fevereiro de 1891 ha o seguinte trecho:

«Tendo o governo sido auctorisado pela carta de lei de 25

de junho ultimo, a contratar com o Banco de Portugal ou com outro estabelecimento de credito, o abono da differença do vencimento dos officiaes reformados de terra e mar da metropole, *nos mesmos termos* do contrato das classes inactivas, entendeu o conselho geral que devia aceitar esta ampliação áquelle contrato, *porque a operação não só é segura, mas de razoavel retribuição,* etc.»

Outra vantagem obtida para o Banco pelo novo accordo é não participar o estado em lucros resultantes do augmento da taxa do desconto: segundo a lei de 1887, eram divididos igualmente pelo Banco e pelo thesouro os provenientes da elevação da taxa entre 5 e 6 em descontos e emprestimos; pertenceriam integralmente ao estado os originados pelo excesso de taxa sobre 6; exceptuavam-se os accrescimos de 2 por cento ás taxas de Lisboa e Porto, nas outras filiaes e agencias. Outra vantagem obtida para o Banco pelo novo accordo, é o poder elevar a circulação das notas ao triplo do capital realisado. A lei de 1887 limitava-a ao duplo. Outra vantagem é o não ser permittido ao governo o exigir que o Banco augmente o capital senão quando a importancia das notas circulantes attingir 38:000 contos. Segundo a lei de 1887, a exigencia podia ser feita logo que o nominal da moeda fiduciaria montasse a 25:000 contos. Outras vantagens para o Banco são a maior facilidade no estabelecimento das agencias, o ser menor a percentagem dos lucros liquidos obrigatoriamente destinada á constituição do fundo de reserva variavel, o levar á conta de ganhos e perdas o rendimento dos titulos que constituem o fundo permanente, em vez de o lançar a credito do variavel; etc.

IV

Que obteve o thesouro em troca de tão importante conjuncto de concessões? Só alcançou o que consta das seguintes clausulas:

«O limite maximo do debito do governo, pela conta cor-

rente, será o fixado cada anno economico por accordo entre o Banco e o governo, fixando-se tambem por essa occasião as taxas do juro applicaveis... e as cauções que... deverão ser prestadas. Este accordo será sanccionado por decreto.

«Na falta de accordo... o limite maximo... será... de dois nonos da importancia da circulação fiduciaria existente á data do decreto, regulando a taxa do juro medio da divida fluctuante por essa occasião.

«O limite maximo do debito do governo pela conta corrente no actual anno economico é fixado em 6:000 contos, sendo o juro de 5 ou 4, conforme o Banco fôr credor ou devedor».

Pelo anterior contrato, os juros eram de 3 e 4 respectivamente; o maior debito do thesouro n'estas condições fixava-se em 2:000 contos. A nova clausula, relativa ao corrente anno economico, triplica o maximo, e, augmentando a taxa, é como se os 2:000 contos continuassem com o encargo de 4 por cento, e os restantes 4:000 rendessem 5,5 para o Banco. Tanto mais o desembolso effectivo se desviar do maximo, tanto mais subirá a differença entre o encargo novo e o antigo. É certo que durante todo o tempo que o thesouro fôr credor do Banco, lucrará pela maior taxa agora fixada; mas nas circumstancias financeiras em que o paiz tem vivido ultimamente, é provavel que o estado seja quasi sempre devedor até ao fim do anno.

Ainda que o encargo definitivo do emprestimo em 1891-92 attingisse agora 7 ou 8 por cento, não deveria considerar-se excessivo, caso o mutuante fosse um estabelecimento livre; mas tendo o estado feito ao Banco tantos favores, que vale o augmento do credito maximo a 5,5 pelo menos?

Quanto á clausula concernente aos annos futuros, se o juro tem de ser regulado pela média dos encargos da divida fluctuante, não parece que o Banco faça grande sacrificio empregando assim dois nonos, quando muito, da importancia da circulação fiduciaria. E os dois nonos serão o maximo, sempre que assim convenha ao Banco; mas quantas vezes descerá a sommas relativamente pequenas o debito do thesouro? E quantas outras não será a nação crédora em vez de devedora? Nos ba-

lanços annuaes, posteriores ao contrato de 1887, a conta corrente é assim escripturada pelo Banco:

Annos	Activo	Passivo
1888.....	— $ —	590:433$106
1889.....	714:702$623	— $ —
1890.....	1:859:803$178	— $ —

Em nenhuma das datas o debito do thesouro attingiu 2:000 contos, sendo certo, porém, que póde tel-os até ultrapassado no decurso de cada um dos annos, visto que o balanço mostra só o estado da conta em 31 de dezembro. Pelo contrario, ao encerrar-se o periodo commercial de 1888, a fazenda publica era crédora do Banco por mais de 590 contos. Em 1887 foi apreciada officialmente em 1:800 contos a média dos fundos que provavelmente o thesouro teria a seu credito no Banco. Em 1888 e 1889 o saldo dos juros foi a favor do estado.

A redacção das clausulas sahiu agora de tal modo, que não se estabeleceu regra para a contagem dos juros quando o saldo da conta fôr favoravel ao estado. No caso de desharmonia entre as duas partes contratantes, como ha de estabelecer-se o accordo? A falta de preceito legal póde trazer damno ao thesouro.

Seja, porém, como fôr, e ainda posta de lado esta circumstancia, a conta corrente não excede muito as proporções d'uma operação ordinaria, principalmente desde que o Banco é o caixa do estado, e a contagem dos juros se determina pelo preço dos emprestimos a curto praso feitos ao thesouro no mercado livre. Quando as circumstancias financeiras forem más, é, decerto, conveniente ao estado o contar com que o debito ao Banco possa conservar-se alto; mas, além de que este caso não é ordinario, não só o curso legal de uma grande importancia em notas é favor valiosissimo, porém ainda n'essas occasiões de juro alto o Banco terá a vantagem de ficar com todo o lucro proveniente dos descontos e emprestimos a taxa superior a 5; ora em 1890 couberam ao thesouro, por este lucro, quasi 32 contos em harmo-

nia com a lei de 1887; se ainda, na vigencia do novo accordo, lhe tocar alguma parcella de tal ganho, será só indirectamente, como participante no que restar do dividendo de 7 por cento aos accionistas, e da constituição dos fundos de reserva; quando, como em 1890, o dividendo baixar de 7, nada terá a receber.

Allegar-se-ha como proveitosa ao estado a nova clausula que prohibe a elevação da taxa do desconto sem auctorisação prévia do governo? A este respeito é instructiva a leitura do seguinte trecho do relatorio de 1887, em que o Banco defendeu que a liberdade da taxa é necessaria ao bom regimen bancario:

«*A liberdade na fixação da taxa normal do juro,* dizia elle, não póde deixar de se considerar *condição indispensavel para o funccionamento regular da emissão e do seu complexo mechanismo,* não havendo fundamento para quaesquer objecções que contrariem este principio que *é o mais poderoso elemento defensivo dos bancos emissores,* e o nivelador natural de qualquer desequilibrio da circulação fiduciaria. A privação d'este valioso recurso, que decerto *é o mais efficaz para regular os capitaes pelo manejo livre do preço,* equivale quasi a libertar as instituições bancarias da responsabilidade dos seus actos de administração, por se lhes coarctar o livre arbitrio na parte mais essencial do seu organismo. A rejeição directa das operações é o unico elemento de defeza das instituições emissoras que não dispõem do livre exercicio do juro; mas esta providencia, de sua natureza violenta e arbitraria, *dá tão prejudiciaes resultados na pratica,* que os estabelecimentos de emissão, protegidos unicamente por este modo, *devem-se considerar irregular e defeituosamente constituidos.*

«Querer tornar o governo do estado arbitro do preço dos capitaes, é principio de economia bancaria que não resiste á mais ligeira critica, nem precisa grande cópia de argumentação para ser absolutamente vencido. A instituição a que se confiar o funccionamento da emissão fiduciaria *deve ter plena liberdade de acção sobre o seu mais poderoso elemento defensivo para não poder declinar as responsabilidades do mechanismo bancario sob pretexto de errados e absurdos preceitos, repudiados*

pela sciencia economica e pelas lições da experiencia e dos factos ».

Sendo assim em 1887, que sciencia nova e que novos factos vieram durante um quadriennio transformar tão radicalmente os conhecimentos humanos sobre este importantissimo ponto de organisação bancaria? Porque se introduziu no contrato recente a clausula da necessidade de auctorisação governativa para a elevação da taxa do desconto, se ha menos de cinco annos se defendeu a liberdade da taxa como essencial á boa gerencia dos institutos emissores? O relatorio do Banco de 3 de fevereiro de 1892, só diz o seguinte, que é transcripto de observações apresentadas por elle ao governo ácerca do projecto que veio a converter-se no accordo novo:

« Actualmente o banco póde augmentar a taxa do desconto sem licença do governo. Para que o não faça com mira em lucros, entendeu a lei que o correctivo era attribuir esses lucros ao governo. Isto é injusto e tem inconvenientes. O augmento da taxa do desconto nunca foi meio de augmentar lucros, porque o seu fim é precisamente reduzir e difficultar os descontos para evitar o desfalque das reservas. O projecto teve em vista, portanto, attender ás eventualidades que podem aconselhar a elevação da taxa do desconto, e tornar impossivel qualquer abuso por parte do Banco, tornando dependente a elevação da licença do governo ».

Principios evidenciados pela sciencia e pela experiencia, incompatibilidade entre a boa administração do privilegio emissor e as restricções da liberdade do juro, conhecidos resultados pessimos da ingerencia governativa na fixação do preço dos descontos e emprestimos, — tudo isto que era claro, evidente, ou que só podia soffrer objecções inconsistentes mesmo perante a mais leve critica, — tudo ficou sem valor, tudo morreu ao cabo de pouco mais de quatro annos, como se fôra producto de pura phantasia. Raro se terá visto tão rapida como infundada mudança de doutrinas, desde o ministerio da fazenda até ao Banco, do qual o estado confiou um dos maiores, um dos mais delicados privilegios. E passou-se de uma a outra doutrina sem a mais

leve justificação da mudança; admittiu-se agora, como garantia absoluta contra abusos na gerencia, o que ha poucos annos se condemnava como tão pernicioso e arriscado para ella, que até a impossibilitava de defender convenientemente as suas reservas, e lhe arrancava um elemento indispensavel á regular actividade do complicado mechanismo emissor!

Nas palavras acima transcriptas do relatorio de 1892 não ha, como o leitor viu, a refutação do que outr'ora se affirmára tão categoricamente; mas ha uma contradicção que condemna o que agora veio a ser decretado: se o augmento da taxa do desconto nunca foi meio de augmentar lucros, no dizer d'esse trecho do relatorio, e, pelo contrario, os diminue difficultando os descontos, que necessidade haverá da interferencia do governo para evitar abusos na elevação da taxa? Se o abuso é impossivel por causa do proprio interesse do instituto emissor, para que se introduziu como preventivo d'elle a auctorisação governativa? Prevenir o impossivel é demasiado luxo de previdencia, que fica mal sobretudo em quem tanto precisa de a empregar com toda a economia.

*

* *

Em resumo, o novo accordo entre o Banco e o thesouro parece-me fortemente caracterisado por uma série de concessões quasi de todo gratuitas, quando já a circulação de notas ascendia talvez a 28:000 contos, isto é, quando o monopolio emissor devia ser avaliado em muitissimo mais do que o fôra em 1887, e quando o thesouro devia procurar, como nunca, obter d'essas concessões o maximo proveito.

Porto, 24 de fevereiro de 1892.

Rodrigues de Freitas.

*

JOÃO DE DEUS

E A

RENOVAÇÃO DO MODERNO LYRISMO [1]

João de Deus achou a nota fundamental do seu lyrismo, o amor; o sentimento universal e eterno fez com que se encontrasse pela simplicidade da linguagem entre o povo e os grandes genios que synthetisam na sua palavra as emoções da humanidade. As poesias amorosas de Coimbra, as mais apaixonadas e repetidas em todos os pontos de Portugal, apparecem confundidas nas *Flôres do campo,* com outras já inspiradas por situações moraes angustiosas; pelos cadernos manuscriptos colligidos entre 1855 e 1865, conhece-se nitidamente o que pertence a esse periodo do mais puro lyrismo, desde a definição nitida das tonadilhas populares até á mais alta transfiguração da surprehendente elegia *A Vida.* O poeta tinha pulsado toda a lyra humana; o que soltára ao vento já bastava para caracterisal-o conscienciosamente pelo maior conhecedor da poesia universal: « *il primo poeta d'amore non solo del Portogallo, ma di tutta Europa...* » [2]. Basta-nos indicar os titulos das principaes poesias de João de Deus para se fixar esta idealisação ascencional: *Dê, Amo-te muito, No leito conjugal, Ella e Deus, Amores, amores, Heresta, Lagrima celeste, Apparição, Rachel, Fo-*

[1] Continuado da pag. 278.

[2] Marco Antonio Canini, *Libro dell'Amore,* pag. XXXI.

lha cahida, Adeus, Maria, Adeus tranças côr de oiro, Beatriz, a *Hermann, E a lua desce, Aos seus olhos, Mãe e filho, Meu dôce lyrio, O ultimo adeus, A lua, O beijo* (fragmento do episodio da Francesca di Rimini), *A Vida.*

Todas estas poesias vêm colligidas nas *Flôres do campo* com titulos differentes, e como já observámos com alterações fundamentaes. Ha porém outras poesias d'este periodo que João de Deus deixou de colligir, talvez por ter perdido a memoria d'ellas; e são: *Amo-te, flôr, A A. Jenny, No tumulo, Fique em silencio eterno a minha Lyra, Saudade, Deixa, N'um album, E a lua desce.* O estudo d'estas variantes capitaes, com omissão e ampliação de estrophes, prestava-se a um valioso estudo sobre a arte de João de Deus; mas a arte é uma das manifestações da sua vida, e esta explica-nos o porquê d'essas modificações. O poeta vivia no descuido de si proprio, meio temperamento, meio desalento; elaborava mentalmente as suas poesias e recitava-as já perfeitas; o primeiro dos amigos que o cercavam escrevia, e outros que vinham pediam novo ditado, que se ia modificando segundo lhe occorriam as reminiscencias; d'ahi novos versos e novas estrophes. Se os editores das *Flôres do campo* tivessem recorrido aos cadernos manuscriptos dos enthusiastas, e não ao poeta no seu periodo de desalento, que se prolongou além de 1868, teriam fixado um texto mais expressivo. A poesia *Ella e Deus,* acha-se nas *Flôres do campo* (pag. 53) com a fórma estrophica deturpada, fazendo-se de cada quadra uma parelha de endecasyllabos. Nos manuscriptos anda tal como foi composta:

Thuribulo suspenso
  Inda fluctúo,
Emquanto a alma em incenso
  Restitúo.

Mas quando como fumo
  Se esvái,
Minha alma, vai teu rumo,
  Sobe e vai!

. . . . . .

Outras vezes o texto das *Flôres do campo* offerece a superioridade de uma feliz reelaboração, como na cançoneta *O beijo* (pag. 44); na época de Coimbra constava apenas de quatro estrophes, a que o poeta, no Alemtejo, accrescentou mais oito estancias desenvolvendo a situação idyllica. *No leito conjugal* (*Flôres do campo,* pag. 90), que consta de dez estrophes, faltam-lhe as seguintes: Depois da 4.ª:

Cerca-te o leito aéreo
Delgado e raro véo,
E a estranhos... que mysterio
Eburnea flôr do céo!

E porém augmentada esta, depois da 5.ª:

Não segue acaso a sombra
Teu corpo sempre, flôr!
E pois, porque te assombra
Meu insensato amor?

E depois da 7.ª faltam estas duas:

Seu labio um dia aromas
No seio meu verteu,
E em sonho inda me assomas
Dôce visão do céo!

E quando a estrella treme,
E a aurora abrindo vem,
Inda em ti pensa e geme
Por ti no mundo alguem.

Fóra do texto das *Flôres do campo,* e continuando a decima estrophe, vem estas quatro estancias não colligidas:

Em premio, intima gota
D'ambar do coração.
De Deus, se é digno, dou-t'a,
Em premio do perdão!

A mais não penso eu, triste,
Nunca aspirar nem pude...
Vergontea... que partiste
As cordas do alaúde.

Mas se inda o mal que vasa
Teu labio, flôr! me ungisse,
Ou penna da tua aza
Em minhas mãos cahisse;

A ave harmoniosa
No hombro pousar-me-ia
E assomar-se-ia a rosa
Ao nome de Maria!

Na *Heresta* (*Flôres do campo,* pag. 121) falta esta quadra final:

E agora se o desejo
Te satisfiz em premio
D'um canto, d'alma gemeo
Um gemeo e dôce... beijo.

Não fazemos aqui um estudo critico exclusivo do texto poetico de João de Deus, mas simplesmente para observar como a elaboração *in mente* influiu na instabilidade das composições colligidas em occasiões differentes; na poesia *A Vida* (*Flôres do campo,* pag. 160), uma das mais bellas idealisações da litteratura portugueza, falta a pag. 162, logo depois da terceira estrophe, a seguinte:

Quando o annel da bocca luzidia
Vermelha como a rosa cheia d'agua,
Em beijos a saudade abrindo a mágua
Mil rosas pela face me esparzia.

E a pag. 164, falta depois da primeira estrophe:

Que é d'essa franja comprida
D'aquelle chaile mais leve
Que a nuvem côr de neve,
Margarida!

Depois da 3.ª estrophe da pag. 166:

Levou, sim, como a folha que desprende
D'uma flôr delicada o vento sul,
Como a estrella que esplende
N'essa abobada azul.

Não consignamos aqui as poesias não colligidas da época de Coimbra, porque nos alterariam as proporções d'este estudo, e temos esperança de cooperar n'uma edição critica de toda a Lyrica de João de Deus. Para formar um juizo claro da influencia na geração moderna é preciso seguil-o nos accidentes da sua vida. Depois da sahida de Coimbra, em 1862, o poeta fixou a residencia em Beja durante alguns mezes; era sinceramente *un homme de rien*, um grande poeta incapaz de se submetter á advocacia provinciana; alli viveu com a rapaziada da terra que sustentava o jornal *O Bejense*, e para comprazer com esse acanhado meio entrou no pandemonium jornalistico sem queimar as azas. Nos differentes numeros do *Bejense* encontram-se versos seus, alguns dos quaes não foram colligidos; indicamos o que alli está espalhado: *Crasso e Eu* (n.º 50, 1861, assignado Charles Mackay, Sines); *A uma velhinha* (n.º 108); *Ella e Deus* (n.º 139); *Os Lusiadas e a Conversação preambular* (n.º 150, III anno, 1863); *A uma Senha* (n.º 185, 1864); *O Verbo divino* (n.º 187, 1864); *Patria; Uma carta sem assignatura* (n.º 195, 1864); *A Folhinha* (n.º 197); *Deixa* (n.º 197); *As que não engeitam os filhos* (n.º 209); *Jasmins e Rosas* (ib.); *Cantiga* (n.º 201); *Margarida* (n.º 311); *Innocencia* (n.º 317); *Margarida — A um amigo — Psalmo* (n.º 331); *Questões do tempo* (n.º 332); *No tumulo* (n.º 334); *A Amelia Jenny* (n.º 355); *Cançoneta* (n.º 353). O poeta achava-se na situação desesperada em que se viu Camões em Moçambique; elle bem sentia a

identidade moral, quando, precedendo a dissidencia de Coimbra, se insurgiu em 1863 contra Castilho, que na sua infallibilidade papal declarára, que nenhum poeta moderno portuguez assignaria sem vergonha uma oitava dos *Lusiadas*.

João de Deus regressou a Messines, onde o bom-senso paternal do activo proletario não se conformava com a indole contemplativa do bacharel. Sahiu para Portimão, onde andou na vida desenfadada da caça, absorto n'aquella natureza esplendida; e veio parar a Evora, onde continuou a entregar-se á poesia, collaborando em 1865 e 1866 na *Folha do Sul,* redigida pelo seu amigo Manoel Vianna, que em Coimbra o forçára a escrever na *Estreia litteraria,* e pelo dr. Augusto Filippe Simões, que veio a suicidar-se depois de entrar como lente para a faculdade de medicina. Na *Folha do Sul* (2.º anno, n.º 85, 1865) publicou essa sentidissima poesia *Marina,* que veiu a continuar ainda em 1866 (n.º 176) acompanhada de um commentario em prosa de uma construcção vacillante lembrando por vezes o estylo da *Menina e Moça.* No mesmo jornal publicou a poesia *Luz da Fé* (n.º 89), á qual Anthero de Quental respondeu no seu periodo de insurreição mental com a *Luz do Sol* (n.º 93); *Satisfação* (n.º 101); *Carta* a Alberto Telles sobre as *Rimas* (n.º 104). Vê-se que o poeta se ajudava na lucta pela existencia com esta mesquinha collaboração jornalistica, onde a sua superior organisação moral se não corrompeu. Elle porém ia ser submettido a uma prova mais terrivel: em 1868 achou-se involuntariamente eleito deputado por Silves! Assim o quizeram dois amigos influentes que acreditavam na saude moral, e no poder extraordinario da sua eloquencia natural revelada na conversação! Um d'esses amigos José Antonio Garcia Blanco, é que fez colligir as poesias a que deu publicidade em 1869 sob o titulo despretencioso *Flores do campo.* A entrada no parlamento e o successo do livro coincidiram; o poeta era admirado, e esperava-se uma estreia assombrosa nas pugnas politicas. E natural mesmo que os amigos de João de Deus empurrando-o para o parlamento julgassem abrir-lhe caminho na vida por essa fórma, para que elle sahisse da apathia e revelasse a sua

pujança. Se João de Deus fosse uma mediocridade intellectual, ou um d'esses degenerados a quem falta o senso moral, e com a audacia do desvergonhamento se apresentam ao encontro de todas as veniagas e se prestam ás mais degradantes torpezas, — o parlamento levaria João de Deus ás culminancias de ministro, transformal-o-ia em capitalista, embaixador, tudo quanto se póde fazer do barro vil. João de Deus entrou no parlamento, na sua pureza de consciencia, e achou-se alli estranho, percebendo tanto da ordem do dia, das moções e propostas que se ventilavam, como em uma feira perceberia os signaes que entre si trocam os ciganos, quando por entre os actos licitos do commercio vão realisando os seus *inconfessaveis interesses*. João de Deus abandonou de vez a vida publica; o seu valor moral era negativo n'esse conflicto, onde os mais audaciosos se despem da dignidade exercendo uma arte, que Vieira não previu, a *Arte de ser ministro*.

Em uma carta, datada de 1714, escripta por Lady Montague a seu marido, acha-se indicado um processo seguro para no caminho aventuroso da politica chegar a ser ministro. Transcreveremos as palavras da espirituosa dama, para comproval-as com os factos da historia contemporanea do parlamentarismo em Portugal, e assim concluir que mesmo nos actos de decomposição de uma nacionalidade existem leis sociologicas, que importa conhecer e pôr em relevo. Escrevia Lady Montague:

« Nunca o homem modesto fez nem fará fortuna. O vosso amigo lord Halifax, Robert Walpole, e todos os outros individuos notaveis pelo seu rapido engrandecimento, foram impudentes até ao extremo grau. O ministerio é como uma representação dramatica na côrte. Alli não ha senão uma porta estreita para entrar, e uma grande multidão da parte de fóra, onde cada qual afasta os outros para chegar primeiro. Aquelle que dá cotovelão nos que o acercam, e não faz caso do pontapé que o impelle para diante, esse avança sempre, seguro de alcançar um logar bom. Porém o homem modesto fica para traz; todos o atropellam; rasgam-lhe o fato, abafam-no, e elle vê passarem-lhe adiante mil tratantes que não valem uma unha das suas... »

Este phenomeno, que Lady Montague notava no parlamentarismo inglez, no começo do seculo passado, repete-se no fim do presente seculo, que se debate no esgotamento e esterilidade politica, porque os ideologos da Restauração tentaram implantar a pedantocracia ingleza. Quem mais fallar nos parlamentos e mais desenfreadamente escrever nos jornaes, converte-se em uma potencia, que os governos procuram comprar, e por fim torna-se tambem governo pela força da propria impudencia. Onde a realeza deixou de ser uma instituição normal e se converteu em uma transacção com a soberania nacional, a constante sophismação das garantias publicas torna necessario o conluio e os accordos com as vigorosas opposições.

O meio politico era, pois, uma atmosphera asphyxiante para uma organisação moral como a de João de Deus; esteve no pateo dos leões sem ser devorado, como se conta do propheta Daniel, e preferiu immergir-se na sombra, na nullidade, na indigencia em vez de ataviar-se com os guisos da infamia politica. De 1869 a 1877, em que começa o apostolado da *Cartilha maternal,* João de Deus soffreu as mais dolorosas privações com aquelle sorriso dôce que transparece nos retratos de Ariosto: a submissão á realidade modificada pela imaginação, sempre animado pelo sentimento da sociabilidade. Possuimos um epigramma inedito de João de Deus em que pinta a sua situação desolada, mas para rir-se:

Vendo-me um amigo um dia
A cama feita no chão,
Por um milagre que não
Lhe deu uma apoplexia.

E, (o que é estar acostumado
Aos regalos da riqueza)
Disse-me elle: — Com franqueza,
Tu és muito desleixado;

Um leito faz grande falta,
Eu vou-t'o já arranjar...
«Queres-me a cama mais alta
Morando n'um quinto andar?»

Effectivamente o poeta morava em um quinto andar da travessa da Palha, d'onde descia ao anoitecer para dar algumas voltas em redor do Rocio; durante o dia trabalhava á machina de costura para a loja de roupas brancas dos irmãos Declas, suissos, estabelecidos no Chiado; e para cumulo de soffrimento, compunha quadras e disticos para papeis de rebuçados de uma confeitaria! É a agonia de Gethsemâni. O poeta voltou novamente á satyra; nem podia deixar de ser. *Semper ego auditor tantum, nunquam ne reponam,* dizia Juvenal, *vexatus toties?* D'esta vez vibrava a satyra politica. Ha um soneto feito ás salvas funeraes da imperatriz, viuva de D. Pedro IV:

Ditosa d'uma augusta personagem!
Que em exhalando o ultimo suspiro,
De quarto em quarto d'hora ouve-se um tiro,
O que é de uma grandissima vantagem!

Nós cá temos no lucto outra linguagem,
Que é o pranto, o silencio e o retiro;
Elles, tiros de peça! Não admiro!
São pessoas de altissima linhagem.

São pessoas reaes; os mais, abortos,
Em que os cavallos do seu coche encalham;
E elles vão indo, extaticos, absortos...

Não se lhes dá das lastimas que espalham,
E ainda menos que, depois de mortos,
Quebrem o sommo aos pobres que trabalham.

Um dos mais disvelados amigos de João de Deus, que o acompanhou n'este periodo de desolação, Fernando Leal, publicou no *Districto de Faro* (n.º 661, 10 de outubro de 1888) um folhetim com o titulo *Um Soneto de João de Deus,* em que descreve o modo como o poeta foi levado a empunhar o látego do sarcasmo. Transcrevemos as suas proprias palavras:

« Era por 1870 e tantos, em Lisboa. Fallecera a « augusta personagem » de quem se trata n'aquelle soneto. Em consequen-

cia d'esse passamento real, ou imperial, durante tres dias e tres noites o castello de S. Jorge, os fortes da barra e os navios surtos no Tejo atroavam os ares, de quarto em quarto de hora, com o estridor dos seus tiros. A cidade inteira estava sobresaltada, alvoroçada, com os frequentes estampidos da funebre artilheria; os predios tremiam, como se os abalassem successivas convulsões subterraneas; as creanças choravam de terror; os habitantes todos não socegavam; ninguem dormiu em Lisboa, n'essas longas e afflictivas setenta horas. Quem escreve estas linhas dormiu algumas vezes, em pleno sertão africano, embalado pelos roncos do leão ou pelas casquinadas estridentes e sarcasticas das hyenas; mas não foi capaz de adormecer durante essas tres noites e esses tres dias de supplicio neo-dantesco...

«Ora, na terceira d'aquellas noites de fragor, de insomnia e de pesadelos para a cidade do Tejo, eis o que se passava em um quinto andar da travessa da Palha, onde então morava, com sua familia, o segundo poeta lyrico de Portugal — porque o primeiro é Camões; primeiro como lyrico, pois, como épico, já se sabe que é unico. Um irmão de João de Deus, o estimabilissimo padre Antonio Ramos, que passou aquella noite no escriptorio do poeta, foi quem me contou isto. João tinha pessoas de familia doentes; a insomnia forçada e o sobresalto contínuo eram um desespero, cuja causa era soberanamente estupida; pois outra coisa não se póde chamar ao facto de incommodar e affligir milhares de vivos por causa de vãs honrarias, prestadas a uma pessoa morta. Alta noite, padre Antonio sente no silencio da casa um lento arrastar de chinelos e uma voz de estremunhado aproximar-se, resmungando. Era o poeta, que do seu quarto de cama se encaminhava para o escriptorio, a fallar só. E o padre, na calada da hora, percebeu estas palavras:

«— Deixa estar, minha figurona, que já não vaes sem soneto ao rabo!

«E textual. E eu seria um franco imbecil, se por medo de ferir conveniencias, adulterasse a phrase, para lhe attenuar a pittoresca energia.

«Padre Antonio, contendo a custo uma gargalhada, fingiu que dormia, para não perturbar a *vis* poetica do irmão. Entrou o poeta no escriptorio, abancou-se e escreveu o soneto que se lê a paginas 94 das *Folhas soltas*.

«É essa composição terrivel, em que perpassa não sei que sopro do *Magnificat* (*deposuit potentes de sede!*) quando, á ironia agudissima dos quartetos, succede a cólera, tanto mais explosiva quanto se vê que é represada, dos tercetos. O lyrico meiguissimo das *Flôres do campo, — affettuóso e ténero, —* como lhe chamou um illustre escriptor italiano, transfigurára-se, como se transfigurou o manso Jesus, que se enternecia perante as mulheres e as creanças, para expulsar os vendilhões do templo, a golpes de azorrague. A indignação, como a Juvenal, ditava ao poeta aquelles versos, cujo tremendo remate mais parece bramido por um Isaias do seculo do Anarchismo e do Nihilismo. Com effeito, dir-se-ia que o poeta arrancou, essa noite, as cordas diamantinas da sua lyra, para as torcer em um latego de raios, com que fustigar os venerados lombos dos poderosos d'este mundo».

A phase da satyra politica não podia durar muito; João de Deus era suggerido pelas criticas acerbas dos que o cercavam. O soneto intitulado *A Monarchia*, é uma synthese:

Ha setecentos annos simplesmente
Que este systema nos governa, e vêde
Commercio, industria, tudo florescente.

Os caminhos de ferro é uma rêde!
E quanto a instrucção, toda essa gente
Faz riscos de carvão n'uma parede! [1]

A poesia *Theatro de Lisboa* é um quadro realista, em que o senso moral popular triumpha sobre o convencionalismo dos desnaturados costumes burguezes. A Aria da *Rainha Jacintha*, imitando a linguagem mascavada dos pretos, é a narrativa da

[1] *Folhas soltas*, pag. 93.

peripecia tão explorada pela imprensa monarchica sobre o heroismo da rainha Maria Pia salvar os filhos de um pretendido perigo no poço do Mixilhoeiro, em Cascaes, e da gran cruz concedida por D. Luiz á esposa *sobre todas muito amada.* A fórma poetica condiz com o fetichismo dos louvaminheiros; o poeta nunca pensou que essa carga fosse publicada em seu nome, mas a avidez dos livreiros ou de quem formou o volume das *Folhas soltas* foi dirigida pelo criterio do interesse, a ponto de incluir n'esse livro *A Melopêa da Dorothêa*, que lhe não pertence [1]. As poesias que estão comprehendidas das paginas 109 a 155 das *Folhas soltas,* formaram o volume intitulado *Ramo de Flôres,* que os caixeiros do livreiro Chardron imprimiram para brinde das senhoras assignantes do *Journal des Dames et Demoiselles,* e que mais tarde, quando se estabeleceram, incorporaram no volume alludido. Na sua angustia economica, João de Deus era duramente explorado pelos livreiros, com prejuizo da vulgarisação dos seus versos. Na satyra *Theatro de Lisboa* vem a confissão ingenua:

Os versos não me dão bastantes meios
De me gozar das distracções que ha;
Por isso annuncios de theatros, leio-os,
Más leio apenas, porque não vou lá...

Conhecida a pobreza do poeta forçavam-no a fazer versos que affrontavam a sua dignidade de artista; os festeiros de Al-

[1] No *Novo Almanach de Lembranças,* de 1882, pag. XXIII, ha uma noticia do juiz do supremo tribunal A. M. Couto Monteiro, explicando como escrevera esse amphiguri:

«*A Melopêa da Dorothêa,* brinquedo metrico que eu não destinára á publicidade, teve a fortuna de agradar a um amigo nosso, que o mandou para o *Jornal da Noite,* onde foi publicado em Folhetim na terça-feira de entrudo de 1873 sob a epigraphe: *Litteratura superior n'esta quadra.* Tres annos depois appareceu-me a Dorothêa entre as *Folhas soltas* de João de Deus, toda soberba e dengosa, com a sua filiação adoptiva! Tive tambem um certo desvanecimento de a vêr tão nobilitada, mas Teixeira do Vasconcellos, que a conhecia *desde o berço* humilde, notou no seu jornal a apparição, João de Deus explicou-a no dia seguinte, e a infeliz Dorothêa teve de conformar-se com a obscuridade da sua origem».

margem alcançaram de João de Deus as *Loas á Virgem* que haviam de deitar no cirio ou romaria do Cabo. O genio do poeta pairou por sobre o ridiculo da festança do cirio, e fez as sublimes estrophes á Virgem, em que excede a elevação de S. Bernardo, de Dante, de Petrarcha e dos mais apaixonados mysticos! Algumas d'essas *Loas,* que se imprimiram em 1877 na Imprensa nacional, acham-se incorporadas nas *Folhas soltas.*

Tocamos o periodo, em que João de Deus entrou no apostolado da *Cartilha maternal* em 1877; nasceu esta nova revelação do seu genio suscitado por um alto sentimento de sociabilidade, quando a Casa Rolan e Semiond, então dirigida por Rovere, lhe encommendou uma Cartilha. Alludimos já a este facto por se prender á serie dos trabalhos a que se via forçado pela exploração dos livreiros, e que elle transformava em uma maravilha genial. O apostolado da *Cartilha* absorveu-lhe todo o seu sêr, deu-lhe uma actividade que não tinha; mas nem por isso deixou completamente a poesia. Muitos d'esses versos espalhados pelos jornaes começaram em 1880 a ser colligidos com o titulo *Despedidas de Verão,* que não passou da quinta folha e se reduziu a papel de embrulho. É natural que o poeta não possua cópia d'essas composições dispersas, que elle desejava reunir em um volume contendo todos os seus versos, com o titulo *Campo de Flôres.* Conhecemos a Lyrica completa de João de Deus, do periodo em que escapou ao pedantismo universitario, e do periodo em que passou incolume pela pedantocracia parlamentar; é possivel já formar um juizo claro sobre o grande poeta, que como Camões tem o poder de produzir a *sympathia social.*

Como nos organismos superiores se repetem no seu periodo fetal as phases rudimentares da serie animal de que elles são o ápice, tambem nas manifestações psychologicas ha um instincto synthetico em que o genio resume os caracteres essenciaes do sentimento ou do pensamento de uma época historica. Ao estabelecer-se a evolução da poesia moderna, desde a elaboração dos trovadores e transmissão das tradições populares até á crise philosophica moderna que procura conciliar a razão e o senti-

mento, immediatamente se acham reflectidas no Lyrismo de João de Deus todas essas caracteristicas, de que elle teve uma intuição genial. Como um trovador, no seu lyrismo exclusivamente amoroso, elle conserva essa emoção de timidez e segredo diante da mulher, essa adoração extatica e passiva que o eleva e fortifica. E pela identidade do sentimento d'onde emanou o lyrismo moderno, elle acha as mesmas fórmas estrophicas com os seus primitivos e ingenuos retornellos:

Passavas como rainha;
E eu, que andava como morto,
Parece que me sustinha
No ar, em extase, absorto...
É ella, dizia eu;
A minha estrella do céo.

Passavas, lançando em torno,
Como a lua em noite amena,
Aquelle olhar dôce e môrno,
Que me dava gosto e pena...
Pena de não ser só meu
Esse reflexo do céo. Etc. [1]

As fórmas estrophicas são uma invenção permanente, como acontecia nos complicados artificios da poesia provençalesca, mas com a mestria de sete seculos de cultura da expressão esthetica. E para definir de um modo completo o sentimento do *amor* em João de Deus, transcrevemos integralmente a *Adoração*, uma das odes mais bellas do lyrismo universal:

Vi o teu rosto lindo,
Esse rosto sem par!
Contemplei-o de longe mudo e quedo,
Como quem volta d'áspero degredo,
E vê, ao ár subindo,
O fumo do seu lar!

[1] *Folhas soltas*, pag. 9.

Vi esse olhar tocante,
D'um fluido sem igual!
Suave, como lampada sagrada,
Bemvindo, como a luz da madrugada,
Que rompe ao navegante
Depois do temporal.

Vi esse corpo d'ave!
Que parece que vai
Levado, como o sol ou como a lua,
Sem encontrar belleza egual á sua,
Magestoso e suave
Que surprehende e attrae!

Attrae, e não me atrevo
A contemplal-o bem;
Porque espalha o teu rosto uma luz santa,
Uma luz que me prende e que me encanta,
N'aquelle santo enlevo
D'um filho em sua mãe.

Tremo, apenas presinto
A tua apparição!
E, se me aproximasse mais, bastava
Pôr os olhos nos teus, ajoelhava!
Não é amor que eu sinto!
É uma adoração!

Que as azas previdentes
Do anjo tutelar
Te abriguem sempre á sua sombra pura!
A mim basta-me só esta ventura
De vêr que me consentes
Olhar de longe... olhar!

E n'esta idealisação ascendente, o poeta, como os lyricos italianos do seculo XIII e XIV, transforma a mulher no typo ineffavel da Virgem, e symbolisa n'ella a maternidade piedosa, a presidencia do sentimento ou a providencia affectiva na marcha da humanidade. Nem Dante, nem Petrarcha comprehenderam o ideal da Virgem de uma fórma mais bella, e o exprimiram com mais altura:

De luz se inundem os céos.
Franjem-se as nuvens de ouro,
Em honra da mãe de Deus.

Essa gloria, esse thesouro
Que o Senhor tem a seu lado,
E os anjos cantam em côro!

Aquella que o seu cuidado
É a pobre mãe afflicta,
O orphão desamparado!
Virgem Maria bemdita!

*

Curvai árvores frondosas
Até ao chão vossa rama!
Encha-se a estrada de rosas!

Esta é quem o céo proclama
Santa, pura, immaculada!
Que os seus filhos tanto ama!

Incansavel advogada
E protectora nos céos
De toda a alma accusada
Lá no tribunal de Deus.

*

Esta é quem o navegante
Debaixo da tempestade
Chama, invoca supplicante!

Que em toda a necessidade
Nos ampara, nos abriga
No manto da piedade!

Que uma palavra que diga
Ao Filho em nosso favor,
Já o Senhor não castiga,
Condóe-se do peccador.

---

*

Oh joia primorosa
Da corôa do Senhor!
Oh sempre fresca rosa
De puro e casto amor!

A quem a flôr envia
O seu primeiro aroma,
Logo ao romper do dia,
Mal a aurora assoma.

Oh immortal aurora
Que céo e terra encanta!
Por quem a rosa chora!
Por quem a ave canta!

A quem por toda a terra,
A quem por todo o mundo,
No pincaro da serra,
No valle o mais profundo,

Foi levantada egreja,
Foi levantado altar
Que ao longe nos alveja.
Como um baixel no mar!

Alli se abriga a esperança
Na grande desventura,
Alli auxilio alcança
O triste que o procura!

Alli se quebra o encanto
Do mal fundado amor!
Alli se enxuga o pranto
De irreparavel dôr.

*

Virgem Mãe do mesmo Deus!
Virgem filha do teu Filho!
Não ha estrella de mais brilho
N'esses céos!

D'olhar fito n'esse olhar,
D'olhos fitos n'esses olhos,
Não ha baixos, não ha escolhos
N'esse mar!

Vem a onde, sobrevem
Nova onda; e nada teme
Quem te vê guiando o leme,
Virgem-Mãe!

. . . . . .

Por feroz que esteja o mar
De repente fórma um lago!
Basta um só reflexo vago
D'esse olhar!

Esse olhar é quem a mim
Me encaminha e me soccorre!
O meu norte, é só a *Torre*
De Marfim.

Meu pharol, refugio meu,
Sol que dia e noite brilha!
Mãe de Deus e de Deus Filha,
Mãe do Céo [1].

O poeta reproduz intuitivamente os tercetos da hymnologia latina da egreja, e encontra-se com o Dante no verso: *Vergine Madre, figlia del tuo Figlio...* Naturalmente João de Deus achou-se attrahido para a leitura do maior iniciador da poesia moderna, e a impressão que recebeu acha-se na imitação ou traducção paraphrastica do episodio de Francesca de Rimini, da *Divina Comedia.*

João de Deus não quiz comprehender o Dante pelo lado revolucionario como Anthero de Quental; como lyrico apropriou-se do segredo da expressão ideal da primeira Renascença,

[1] Nem todas estas estrophes se acham colligidas nas *Folhas soltas,* pag. 59.

e poz em circulação a fórma definitiva do terceto, com que desenha a realidade da vida contemporanea, como nas estrophes a *Maria:*

Vêr-te, Maria, á porta a fazer meia
Olhando para mim de quando em quando,
É o que n'esta vida me recreia.

E referindo-se á vida descuidada da mocidade, faz o mais bello retrato de mulher com a forte carnação dos pintores da Renascença do seculo XVI:

Já esse lindo pé que tens, Maria,
Esse quadril redondo e cinta estreita
Me não vinha á idéa noite e dia;

Esses encontros de mulher perfeita,
Esse peito redondo e arqueado
Como o de pomba farta e satisfeita...

Esse bello pescoço, não existe
Outro assim torneado: o rosto é lindo,
E a tão meiga expressão ninguem resiste.

A bocca é tão vermelha que, em te rindo,
Lembra-me uma romã aberta ao meio
Quando já de madura está cahindo.

Esses olhos azues... que olhar! Receio
E desejo estar sempre a contemplal-o;
Não ha mais dôce e mais custoso enleio:

. . . . . .

Oh que ditoso, alegre e satisfeito
Não viverá o homem que algum dia
Descançar a cabeça no teu peito [1].

[1] Na versão das *Flôres do campo,* pag. 83, vem por esta fórma attenuada:

Sentir pular-te o coração no peito.

João de Deus, por este naturalismo espontaneo, adivinhára a grande poesia da Renascença, de que o lyrismo de Camões é uma das expressões mais bellas. Não o seduziu tanto a oitava épica, como o Soneto idealista, que estava um pouco decahido depois dos improvisos elmanistas e dos continuadores das Arcadias. Apesar de toda a superioridade artistica, Soares de Passos não pôde restaurar o Soneto camoniano. Na extensa elegia *A Vida,* a mais bella creação do lyrismo moderno, João de Deus abre com um Soneto camoniano, que o proprio cantor da Nathercia poria ao lado da *Alma minha gentil:*

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que n'esta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degráos do tumulo descendo.

Em se ella anuveando, em a não vendo,
Já se me a luz de tudo anuveava;
Despontava ella apenas, despontava
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.

Alma gemea da minha, e ingenua e pura
Como os anjos do céo (se o não sonharam...)
Quiz mostrar-me que o bem, bem pouco dura.

Não sei se me voou, se m'a levaram,
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram.

Anthero de Quental publicando em 1861 em Coimbra a sua primeira collecção de vinte e um Sonetos, estabelecia no prologo a continuidade artistica entre Camões e João de Deus, quebrada desde tres seculos. O soneto camoniano ainda floresceu brilhantemente no seculo XVII em D. Francisco Manoel e Francisco Rodrigues Lobo; no emtanto Anthero mostra um enthusiasmo por esta fórma lyrica ainda mal dominada por elle, e proclama: «Esta é a fórma superior do lyrismo do coração. N'ella tem vindo todos os grandes poetas vasar o que tinham de

mais puro na alma... Recebeu-lhes, então, o balsamo mais puro de suas almas esta fórma generosa e profunda. Dante, Miguel Angelo, Shakespeare, Camões, admiram-se nas grandes, nas immensas manifestações de suas intelligencias, o *Inferno, S. Pedro, Othelo, Lusiadas;* mas conhecel-os, amal-os, só aonde esta fórma bella e pura lhes prestou molde aonde vasassem os sentimentos mais intimos das suas almas. Alli admira-se o Artista, mas aqui ama-se o Poeta; alli arrebata-nos o enthusiasmo, mas aqui rebentam-nos as lagrimas ». A obra de João de Deus começava a exercer a sua influencia, e Anthero em 1861, principiou a libertar-se do lyrismo ultra-romantico, modificando a expressão poetica gradativamente na *Beatrice,* até chegar á belleza suprema dos *Sonetos* philosophicos. A mesma influencia se estendeu á maioria dos poetas portuguezes; versejaram melhor e procuraram novos effeitos para a dicção poetica com as phrases da linguagem popular imaginosa e pittoresca. Muitas mediocridades chegaram a imitar bastante o estylo de João de Deus no verso endecasyllabo; mas não passaram d'isso.

(*Continúa*).

Theophilo Braga.

CARTAS DA ULTIMA HORA

O THEATRO. — NEO-GARRETTISMO. — A INSPIRAÇÃO NACIONAL

Meu amigo. — Quero hoje divagar comtigo sobre essa admiravel arte do Theatro, capaz como nenhuma outra de conter em syntheses ao mesmo tempo que divinas, humanas (como a dupla natureza de Jesus), os mais vertiginosos panoramas da Vida, e a que a impotente litteratura contemporanea quiz chamar, com desdem, um genero de arte inferior, todo de artificio e de convenção, interessando o publico por combinações scenographicas e finaes de effeito, e por isso piquenina demais para aos seus hombros pôr a apparatosa cavallaria do Naturalismo. Todas essas fertilidades absurdas que dão dois volumes ao anno, na impossibilidade de se multiplicarem tão presto em dramas capazes de exito, voltam as costas ao theatro e chamam-no officio alheio á arte, improprio de altos espiritos e só accessivel ás mediocridades sem escrupulos. E assim este tempo, que devia legar, ao menos, aos vindoiros, duas ou tres assombrosas tragedias, todo se vai desfazendo em livrinhos de informação exigente e indiscreta applicada a almas, miudezas de psycologia e de nevrose, exquisitices de traje e de pensamento, nada solido, nada intenso nem grande, nada que appeteça reler nos dias em que se tem o nojo da Litteratura e a

amarga certeza de que a Vida não são anecdotas. Não digas que exaggero. Certamente, de um ponto de vista tão alto, não posso enxergar cantos de valle bem vestidos de verde, ou curtas varzeas viçosas, onde é dôce o repoiso: vou em busca, antes, de horisontes vastos, vastas cordilheiras por onde se sinta fumegar o cansaço das Almas que as vão subindo.

Senta-te, pois, aqui ao pé de mim, derrama na tua alma (como incenso de um thuribulo) as emoções d'este maravilhoso paiz onde nascemos, recorda a simplicidade em que fomos educados e a que de novo regressamos, esquece as tuas reminiscencias e preoccupações livrescas, e tenta emfim remontar ao estado de espirito de um homem muito intelligente, que nunca houvesse lido ou visto senão obras-primas, e que tivesse a mesma comprehensão exigente e definitiva para julgar a formosura de uma floresta e a de um livro de versos. Esse homem entrava na nossa mesquinha bibliotheca de brochuras amarellas, onde no emtanto ha tudo quanto os cerebros contemporaneos produzem de melhor, dizia adeus com familiaridade de amigo velho a uma Biblia, a um Dante, a um Shakspeare, a um raro Cancioneiro e a uma chronica da Renascença, e em seguida punha-se a folhear, cheio de curiosidade, as brochuras miudinhas da nossa collecção. A sua intelligencia era agudissima, tão aguda como a sua simplicidade, tão vasta como a sua humanidade. E começava por esse irritante *Jornal* que acabo de deixar no meio, de um homem chamado Goncourt, que tem setenta annos, e cuja dominante obsessão é ainda hoje, pela manhã quando acorda, provocar allucinações de côr aos olhos ainda piscos, com os vitracs da claraboia da alcova. Que estranheza deviam causar ás barbas braneas do meu Asceta e aos seus olhos humidos e grandes, os perfumados bigodes d'este velho litterato, a sua pretenção, os seus olhitos penetrantes e requeimados! E veria, em seguida, que na obra de Goncourt não ha um largo sopro de humanidade: tudo alli é litterario e moveis velhos. Comprehendendo tudo, não conseguiu sentir nada como um homem. Em face de uma tragedia de lagrimas, a sua attitude foi, de monoculo, encher de notulas hystericas o seu memorial de escriptor. Daria um ami-

go por um prato do Japão, bem raro. Dos aspectos moraes da Vida, da sede de infinito que devora as creaturas, dos simples sentimentos da Virtude, da dedicação, da ternura, como eram irreductiveis a phrases, inexplicaveis pelo som e pela côr, a sua singular cegueira nada comprehendeu. O espectaculo da Vida não lhe provocou um grito, uma brutalidade, um desespero: nervos, nervos, nervos, ter um lar com mulher e filhos foi idéa que não chegou a inquietal-o, não amou ninguem, nos amigos estimava unicamente o litterato, e afinal, quando morre Jules, a elegia que lhe faz Edmond é o insupportavel jornal de uma agonia dito com tanta ferocidade e pormenores, que se teria de admirar a singular presença de espirito de aquella dôr, se não vissemos logo, por cima d'ella, a volupia do litterato a espojar-se.

Nunca jantou na paz de uma familia, numa sala cheirando a arroz-doce, conversando de coisas simples e encantando-se a fazer tagarellar as creanças; nos seus jantares falava-se de litteratura sempre, e um dia que Hugo convidou os dois irmãos para jantar, ficaram espantados de que um tão grande espirito conversasse á mesa como a outra gente, e de que o seu sequito fossem excellentes e tranquillas mães de familia, em vez de decorativas fidalgas, bebendo preciosos licores e trajando sedas lindas de deslumbrar. No cerco de Paris, Edmond andava pelo meio das barricadas a procurar adjectivos, que não balas, com que fixar certas attitudes de revolucionarios. É deploravel. Ter cabellos brancos e nunca ter tido a impressão de que a Vida não é uma collecção de antiguidades, nem um adjectivo raro; nunca ter sentido o vazio da sua obra, e o tedio quasi anojado que ella viria a produzir em gente humana! Aos setenta annos, Edmond continúa a colleccionar pratos, e o ultimo livro apparecido d'este Velho, que eu não desejaria ao meu maior inimigo para avô, é o estudo benedictino e tranquillo sobre um Pintor japonez. Nunca teve alegria em frente de um bom sol, nunca se embriagou da frescura de um pinhal, ou de um trecho de mar largo. O sol só o cita por poder comparal-o a alguma preciosa lacca do seu museu, mais que o murmurio de uma floresta

o perturba o *ruge-ruge* de uma seda amarrotada nas mãos, e infinitamente preferivel a dormir a sesta encostado a um tronco de arvore, respirando ar que cheira a flores e ouvindo cantar a agua de uma nascente, é para elle adormecer sob uma coberta de brocado, sonhando com o grande seculo e fumando cigarrilhas de sandalo. Estou convencido de que, á hora da morte, Edmond pedirá para a roda de si, não um crucifixo, ou as lagrimas de uma Irmã, ou as orações de um padre, mas os seus bronzes e as suas porcelanas. O seu ultimo suspiro oiçam-no bem; será, eu lh'o juro! um neologismo.

Ó meu amigo, diante de tanta complicação sinto nauseas! Já não é homem quem escreve assim este *Jornal:* ao pé d'elle, appetece, tem-se o orgulho de ser trivial, de chorar e amar como toda a gente, só para não ser *isto!* E está certo de que a alma direita e branca do nosso Asceta, diria: Esta obra é uma obra sêcca, feita por almas tendo a aridez (sem terem o vago) das charnecas. Mais me encanta e me enche de sonho que tal aravia, a palavra ingenua de um simples, dizendo a oração da manhã, antes de começar o trabalho.

*

* *

Não te espantes d'estas opiniões extremas, que são proprias de quem procura num livro, menos as suas qualidades de execução, de invenção e de detalhe, as suas imagens e os seus adjectivos, que a raça de alma que por traz d'elle se occulta, e a maneira como ao cerebro do auctor se impõe o espectaculo da Vida. Dirás, e nisto discorres acertado, que com a minha alampada accesa (já atraz o accentuára) vou pelas ruas acotovellando toda a gente, para apenas fixar os meus olhos sobre o Homem de Genio. Assim é. Não venho a negar que haja muito talento disperso pelos milhares de paginas que diariamente apparecem. Pergunto apenas: quaes são os livros, ou o livro publicado neste meio seculo, que d'aqui a cem annos não terá

morrido e será capaz de impôr aos nossos vindoiros o mesmo religioso respeito e emoção com que hoje folheamos o *Hamlet* ou a *Imitação de Christo?* Diante da mais singela chronica do seculo XVI, onde, num modo de dizer ingenuo e balbuciante, se descobre uma intensa emoção dramatica e mancheias de alma dando vida aos assumptos, é natural perguntar se os nossos netos acharão algum interesse, mais que o da curiosidade, e colherão alguma emoção, mais que a da extravagancia, na leitura dos livros carregados de estylo, mas tisicos de alma, que lhes legamos. E se te cito com insistencia os Goncourt, é porque elles representam o maximo a que a obsessão da Litteratura póde conduzir um homem de talento; e como este maximo é desconsolador, o exemplo poderá talvez aproveitar aos que se deleitam com os seus epithetos raros, como com beijos de amarantinas boccas.

Não quero, porém, esquecer-me de outro escriptor que foi o antipoda dos Goncourt na sua esthetica, pois proclamou a Alma, a Vida, o Infinito, a Virtude, como os motivos dominantes da sua obra, e ficou na lenda como uma especie de propheta e de santo, cheio de allucinações em que adivinhava o Amanhã e via Deus. Falo de Victor Hugo, cuja obra não consegue entrar na minha alma e empolgal-a, porque é monstruosa. Toda de emphase e de antitheses, não me dá da Natureza e das coisas uma impressão humana e que eu seja capaz de partilhar. As emoções perdem sua frescura, carregadas de imagens, de complicadas visões (e cedendo ao peso d'ellas). Um riso de creança, um cantar de fonte, um cahir de sol, coisas simples, que em dois versos me seriam evocadas com intensidade, apparecem disfarçadas, perdidas, irreconheciveis, entre exuberantes metaphoras. Hugo descreve uma floresta: e em vez de me dar uma impressão da sua grandeza, de m'a pôr diante dos olhos cheia dos susurros do vento e do murmurio das aves, faz d'ella uma longa figura, deformatoria em grande, em extra-humano: de cada arvore brotam, não fructos ou flôres, mas reflexões philosophicas e imagens. As Coisas, as Aves, juntam as suas vozes á do Poeta, e falam, como elle, a mesma emphatica lingua forrada

de eloquencia e de prophecia. E, ao fim da descripção, póde o imprevisto da fórma e o brilho das imagens ter-me seduzido, mas a floresta, *não a vi.* Abundancia, assombrosa exuberancia, genio? Sem duvida: mas isto só não faz o Poeta, isto só não é a Arte. Tambem são abundantes Shakspeare e Shelley, mas a sua abundancia não os expulsa da alma humana. Hugo tinha qualquer coisa de aberração na sua dôr e na sua alegria: de dentro dos seus versos não escorrem lagrimas como as nossas.

O que sobretudo me fatiga nos seus livros, é a permanente attitude de Poeta profissional, como direi? encartado, que elle se impoz e de que nem se esquece nas posições pensativas dos seus retratos, braços cruzados e a cabeça inclinada ao pezo do genio. Vi uma photographia em que Hugo, com um manto enfunado ao vento, em cima de um rochedo (o rochedo do exilio), como que diz á Humanidade prophecias. E o episodio do esculptor que teve de lhe pôr em duvida o tamanho da testa (visto Hugo não querer poisar) para lhe surprehender certos detalhes de physionomia, no rapido momento de quetude que o Poeta teve, tal o seu pasmo pela espantosa blasphemia?

Como um alto funccionario, grave e ponderado, em frente de uma desgraça, se recorda subito da sua posição e trata de harmonisar a sua dôr com ella, de misturar ás suas lagrimas o mesmo perfume que usa na roupa, para as tornar acceitaveis em sociedade — Hugo nunca se esquece de que é um grande Poeta, de que tem atraz de si uma dynastia de genios, cujo aspecto decorativo precisa de imitar. A sua missão social de Poeta, educar, prégar, ralhar aos Reis e aos Papas, obriga-o, nos instantes de mais simpleza e ternura, a profissões de fé da peor opportunidade. Este defeito é fundamental, pois se a dôr de um Poeta deve distinguir-se da do homem que passa, é em ser transcripta com genio, não em ser menos sentida, ou mais convencional. Ainda ha dias li o livro de Hugo sobre Shakspeare: a obsessão do seu papel e a admiração de si proprio têm neste livro um documento extraordinario. É realmente, a vaidade de Hugo, uma vaidade epica, genial, cuja audacia assombra.

A verdadeira Verdade, todavia, é que, se ha poesias de Hugo que são uma maravilha de imaginação e puras obras-primas, a sua dôr e a sua alegria não nos parecem authenticas, ou, pelo menos, não são humanas. Quereriamos vêl-o chorar, ter desespero e lagrimas como nós outros. Dirão que é a corrente, dizer mal de Hugo? Mas não: o certo é que Hugo não se lê, hoje, senão no seio das familias, onde os seus romances humanitarios são devorados como os de Eugenio Sue. A sua alma não está em relações com a nossa: e assim, acclamado pelo Mundo, enterrado com uma extraordinaria pompa, Hugo esqueceu. Não é a sua obra, nem a theoricamente opposta dos Goncourt, que darão alento ás Almas fatigadas, para subir a ladeira. Todos, cansados de saber, e com remorsos de terem aniquilado a ingenuidade e a pureza de espirito pelo contacto com a Vida, perguntam de toda a parte quem será o estranho Genio, sabendo tudo mas sendo simples como se tudo ignorasse, falando de modo que o entendam pastores da serra e doutores da sciencia, e capaz de, levado ao alto da montanha por nós, poder falar com a mesma serenidade e justiça (como, outr'ora, Jesus ao Diabo) «de todos os Reinos do Mundo e da gloria d'elles?»

*

* *

Como me permitti eu, querendo fallar do Theatro, uma tão vadia tagarellice sobre os mais alheios assumptos? Comecei esta carta para te falar da idéa que me obsidia, e que vem a ser: que o Theatro é uma arte superior, muito menos accessivel ao bicho-litterato que o Romance, e que em Portugal tal especie de arte poderia desenvolver-se com pujança e vigor, visto este povo ser essencialmente dramatico e poetico, como tão bem o viu Garrett. Falando-se de litteratura, e com os olhos fitos n'alguns exemplares d'essa antipathica profissão, na nossa terra, veio a pello exprimir todo o meu desgosto de sensibilidade pela influencia do convencionalismo e do artificio sobre a obra, como sobre a vida, d'este ou de aquelle escriptor. Estas observações amargas

teriam de vestir uma feição, que eu lhes desejo evitar, se quizessem referir-se a Portugal. Eu diria aos que, neste paiz encantador e simples, tentam introduzir a mania das doenças litterarias e agasalhar em seu seio o rato da Nevrose, de que algumas almas de eleição se sentem roídas, o perigo de fazer cahir, pelo seu impulso, toda a nossa robusta Arte em insignificantes quadros de genero. Diria como, neste paiz, onde ha quatro Poetas admiraveis e humanos para ler e reler (Anthero, Junqueiro, Gomes Leal e João de Deus), mysticos e religiosos por natureza e raça antes dos mysticismos litterarios de ainda-agora, já repontam flores exoticas de arte querendo desnortear a Poesia portugueza, unica joia que ainda nos restava para padrão do que foi Portugal outr'ora. E isso me peza pela sorte d'esta terra incomparavel, cheia de paizagens por ver, de tradições e lendas por desempoeirar do esquecimento; d'esta terra que ainda ha vinte annos falava pela bocca dos seus homens de genio, uma lingua forte e cheia de encanto, com alma portugueza, com pictoresco portuguez, com saudade e melancolia que nos foram signal desde sempre. Os frades que Herculano creou em marmore, de um bloco, a Joanninha do valle de Santarem, figura divina de graça e frescura, os romances de costumes de Camillo, a minha namorada morgadinha dos Cannaviaes... Portugal possue neste seculo uma litteratura cheia de vigor e de caracter. Os seus Poetas, ardentes e cheios de febre, são quatro vezes superiores aos melhores Poetas francezes contemporaneos, com defeitos de execução faceis de eliminar por seguidores que comprehendessem, como elles, o orgulho da sua raça.

Ó rapazes meus camaradas, vamos pedir aos Francezes, se quizerdes, a sua sciencia de detalhe, os seus rythmos sabios, os seus processos de observação e critica, — mas desenrolemos os nossos pergaminhos poeticos, que os temos, vindos do Povo, de um quilate riquissimo. Das cantigas das espadelladeiras da nossa quinta, dos rimances rezados pela nossa Avó, não sentis vós subir o aroma de poesia, de religião, de doçura e graça que deve ungir as vossas balladas? Não comprehendeis a inferioridade mesquinha e *commis-voyageuse* de importar o catholicismo falso

dos outros, o seu diabolismo litterario, a sua allucinação feita de leituras e de um intenso viver cerebral num meio horrivel, onde ha frio, crime, a Miseria, e o Mundo inteiro que se não importa? Nós possuimos, contra elles, um authentico horisonte poetico, cheio do encanto dos oiros esmaiados e dos velludos gastos. Somos um povo mystico e supersticioso, atacado da febre das grandezas, e d'ella morrendo, como um Poeta doido, vestido de sedas velhas no meio de um presepio de cabras. Temos diabolicos e sadistas na nossa historia, e casos hystericos abundantes em pormenores: ha aldeias em Portugal, com familias inteiras de doidos typicos e ineditos. Temos a paizagem moribunda e aguacenta como esta de Coimbra, onde as alvas do dia são, seguramente, hemoptyses da Terra, tisica no ultimo grau. E como é ridicula e impotente a idéa parnasiana no meio de tantas opulencias por explorar, e afflige a mesquinha obra de Crespo cantando moveis e porcelanasinhas, nem ao menos os nossos contadores, nem ao menos a nossa India cheia de sonho, e a poesia bizarra, os allucinados tremolos de oiro e de seda que provocam na alma as chronicas das Descobertas, onde se parece ir por um mar de esmeraldas, galeões atraz de galeões, rondando as costas do Malabar, a cruz de Christo nas vélas, com especiarias, diamantes, oiro, ambar, marfim, como uma estranha, admiravel frota que voltasse do Sol, de cavar oiro! Como rasga na alma janellas immensas de céo, a visão d'essa India tão feerica, que até os nomes das suas terras têm timbres de oiro, e são macios como velludos de Meca ou como as sedas da Persia: paizes encantados, onde as grades para os presos são de oiro macisso, e os palacios dos Nayres têm, lá diz Damião de Goes, « varandas de oiro sobre o mar! »

Vá, Poetas, para aqui desviae os olhos attentos da vossa phantasia! Armemos tambem a nossa frota, como outr'ora, e dentro de embandeiradas fustas e caravellas vamos através das paginas amarellas das chronicas, das trovas graceis dos Cancioneiros, das illuminuras delidas dos livros de Horas. Fazei vossas odes d'esta visão intensa do que fomos, se o Passado vos tenta: dizei de vossos Avós as arrebatadas cavallarias, e buscai

sua coragem de animo nas feições esmaiadas dos paineis: mergulhae na Paizagem, e contae os encantos d'ella, parallelos aos da terra que a fecundou; ide ás cercas dos conventos extinctos evocar almas de hystericas e de Santas que alli amortalharam seus dias; e se é a Deus que quereis rezar, se é a simplicidade christã a da vossa alma, ó ermidas de Traz-os-Montes, piquenos campanarios que repicaes pela festa do orago, onde altar mais humano, mais florido, mais doce, para os nossos psalmos, extasiadas ladainhas, ou piedosas romagens?

*

* *

Tenho eu pensado na vaidosa satisfação dos poetas minimos dos ultimos cenaculos parisienses, ao verem certos meus compatriotas deslumbrados diante dos seus pobres ensaios, enchendo-lhes os nomes de lisonjas e apotheóses, e dando-lhes a illusão de que o seu talento corre a Europa, entre palmas verdes de victoria. E a França é pobre de poetas: das ultimas controversias litterarias liquida-se Paul Verlaine, um perpetuo enfermo de hospital, atacado de todas as loucuras da doença e do genio, e gritando pela vida fóra, em uivos de macho ou em gemidos de penitente, versos que são a gangrena mesma das suas chagas. É, certo, um Poeta admiravel: mas não tem um discipulo que o valha, e já na sua desamparada velhice o abandonam.

Em Portugal seria necessario que nós os poetas emigrassemos para as aldeias, habituando-nos a uma vida doce e monastica no fundo de bibliothecas tristes, cheias de velhos livros, em cujas capas nos viesse como insinuado, o tedio das brochuras francezas. E aprenderiamos historia portugueza no convivio do Beirão quasi primitivo ou do Transmontano rude como um tojo, dos pescadores da costa supersticiosos, quando vão nas estradas cantando o Bemdito, das romarias ao San-João, bizarras como festas japonezas, que em Braga são de um encanto unico. Veriamos, aos poentes, enterros na aldeia caminhando, ao tlim-tlim das cam-

painhas, pelo meio dos milhos; as queimadas das serras, de um tão sinistro effeito nas noites negras; as espadelladas ao luar, taesquaes rondas de fadas, com rythmos que sobem, por escadas de sonho, até ás freirinhas professas da Via-Lactea... Talvez assim comprehendessemos o caracter do nosso paiz, e vissemos bem largo o caminho que nos podemos traçar de um momento para o outro, cheio de novo, no meio d'esta Litteratura fatigada.

Quero agora falar-te, em duas linhas salientes (já que divaguei tanto) das minhas idéas sobre o Theatro. Vês em França como as tentativas dos naturalistas e das outras escólas têm falhado. Esse fiasco, que elles attribuem á inferioridade da arte dramatica, para mim significa o contrario. Com preconceitos de escóla nunca se fará em theatro uma obra duravel, porque o trabalho dramatico, para triumphar, tem de ser perfeito e de conseguir que a emoção cáia no espirito do publico, cristallina e intensa como um veio de agua. Procurarei fazer-me perceber melhor. Emquanto o Romance admitte convenções e caprichos de these que só muito de leve prejudicam o seu valor (como nos livros de Zola), em theatro a acção está tão presa episodio a episodio, e tão tangente á acção a alma do escriptor e a emoção do Publico, que o mais leve desvio para fóra da humanidade, subverte subito todo o resto do trabalho, como num equilibrio perigoso. Um drama faz-se com meia duzia de scenas sobrias e simples, onde não ha logar para descripções e effeitos de pura belleza litteraria, como no romance: todo o interesse do publico se confina, porisso, na essencia mesma da obra, no seu valor como synthese, no que eu chamarei, pictorescamente, o seu *miolo* psycologico e humano. Assim, indo a attenção mais direita ao alvo, por terras de bom piso, sem piquenos encantos de detalhe, pelo caminho, onde se prenda ou divida, a prova real de um talento é mais segura e mais prompta.

Ha pouco tempo na Belgica, um Poeta novo, Maurice Maeterlinck, muito lido em Shakspeare, Edgar Poe, e quiçá no norueguez Ibsen, ensaiou piquenos episodios dramaticos, destinados a dar uma impressão intensa de terror por meios simples,

sem emphase, repetições de phrases como em echo, evocação de motivos humanos e universalmente sentidos. O seu ensaio foi, e está sendo ainda hoje, coberto de acclamações: houve quem lhe chamasse o novo Shakspeare. Em verdade, apesar do exagerado rigor com que quasi pastichou o tragico do *Hamlet,* Maeterlinck escreveu *Les Aveugles,* que é um trecho admiravel. Aquillo, porém, não é ainda theatro; taes peças dramaticas não têm caracteres, nem psycologia; são simples ensaios de composição muito perfeitos, aliás, mas já em trabalhos ultimos do mesmo Poeta repetidos com monotonia e pobreza de invenção. E se cito aqui Maeterlinck, é porque a sua theoria, recebida como nova e acclamada como um dogma, era ha meio-seculo adivinhada e posta em pratica, com um tino absolutamente genial, por Garrett, no *Frei Luiz de Sousa.*

Quem leu, na memoria ao Conservatorio com que abre o livro, palavras de theoria como estas: «... a difficuldade era extrema pela extrema simplicidade dos meios que adoptei. Nem amores, nem aventuras, nem paixões, nem caracteres violentos de nenhum genero. Com uma acção que se passa entre pae, mãe e filha, um frade, um escudeiro velho, um peregrino que apenas entra em duas ou tres scenas — tudo gente honesta e temente a Deus — sem um mau para contraste, sem um tyranno que se mate ou mate alguem, pelo menos no ultimo acto, como eram as tragedias d'antes — sem uma dança macabra de assassinios, de adulterios e de incestos, tripudiada ao som das blasphemias e das maldições como hoje se quer fazer o drama — *eu quiz vêr se era possivel excitar fortemente o terror e a piedade,* — ao cadaver das nossas plateias, gastas e cacheticas pelo uso contínuo de estimulantes violentos, galvanisal-o com sós estes dois metaes de lei... Não sei se o consegui; sei... que aquelle que o alcançar, esse achou a tragedia nova... tem creado o theatro da sua época... O drama é a expressão litteraria mais verdadeira do estado da sociedade...» quem leu estas palavras, para logo conclue que nenhum escriptor das ultimas camadas avançou mais em seus desejos de renovação artistica, e vê o poderoso theatro que os nossos artistas poderiam

ter creado só com seguirem as idéas de Garrett, tão absolutamente cumpridas no seu incomparavel drama.

Seria preciso fundar um *neo-garrettismo*, e fazer aos Novos decorar o *Frei Luiz*, interpretal-o e marginal-o de commentarios piedosos como fazem os Stendhalianos ao seu mestre. Garrett fôra sobretudo um grande e activo agitador de idéas, o chefe de uma escóla que ainda não teve um discipulo. Elle sonhou, com olhos de genio, uma Litteratura portugueza nova, pujante, toda de regresso ás tradições, com a melancolia e o maravilhoso do povo, e logo procurou fornecer modelos para todos os generos de arte: assim renovou o Theatro, organisou o Romanceiro, escreveu romances nacionaes, exaltou a nossa Paizagem, emfim compoz esses divinos dois volumes das *Viagens na minha terra*. Garrett, mais que nenhum outro escriptor portuguez d'este seculo, pela sua variedade de aptidões, prompta emoção e senso artistico, pela sua aguda e vasta intelligencia critica, merece que inscrevamos o seu nome em nossos balsões de campanha, e de olhos fitos na sua obra, vamos seguindo os caminhos inexplorados que elle apenas indicou, sem ter tido o tempo de os percorrer.

O *Frei Luiz* é uma obra para estudar e meditar. Os que estimam, de preferencia, personagens estranhos e doentes, capazes de arranhar mais fundo a alma com suas garras de além, porque não estudam, com recolhimento, o modo simples, tenso, insubstituivel, como Garrett conduz através do drama a figura hysterica de Maria, mãos a arder, sempre rosetas de febre na face, sabendo tudo « com um saber cá de dentro », lendo nas estrellas, ouvindo, ao longe, a voz do Pae que chega no bergantim, crendo na vinda de D. Sebastião, sem medo da peste porque « se lhe não pega nada », e com suas adivinhações e prenuncios fatalistas, transcriptos em episodios de uma fulminante emoção, trazendo em permanente alarme o allucinado amor dos Paes?

E porque não estudam ainda a prosa d'este escriptor, originalissima, toda em rythmos languidos como os de um fado, de um garbo de phrases que lembra as maneiras de um pa-

ladino, doce, doce como beijos, palpitante de frescura, cheirando a flores, de uma piedade bem humorada e terna para a Desgraça, sobretudo nada hirta, toda mimada, gesticulada e nervosa, desenhando de alto a baixo a alma do homem que a compoz?

E porque não seguem no inexgotavel *Frei Luiz de Sousa*, o fino talento com que se evocam os nossos velhos mobiliarios, e luxos de côrte, como o pictoresco da nossa paizagem e da nossa antiga litteratura é aproveitado sem um emprestimo a estranhos, e como através de toda a obra garrettiana gira, tal em arterias, o sangue da nossa raça, o seu fatalismo, o seu sensualismo no amor, a sua paixão ingenua e espiritual da Aventura e da Cavallaria?

*

* *

Garrett copiou Portugal para os seus livros, e mesmo os inferiores têm esse encanto e esse papel litterario: evocar, suggerir a terra onde foram nados. Sob tão sãs inspirações criticas, vê-se nitido como a nossa Poesia se póde renovar, regressando á simplicidade e emmoldurando dentro dos primitivos rythmos e dos nacionaes modos de dizer os vôos de maior idealismo. Vê-se como é urgente fazer dramas no seguimento do *Frei Luiz de Sousa* e procurar no maravilhoso portuguez assumptos com que escrever magicas admiraveis, e de um bem maior encanto possivel (ao menos nos episodios) que as feerias shakspeareanas como o *Sonho de uma noite de verão*. A França que é, no fundo, um paiz calmo e positivo, sem idealismo e sem vago, não nos fornece materia-prima poetica, como a que ha dispersa neste paiz de encantos, em agiologios cheios de extravagantes pormenores. Em Portugal, as bruxas, os milagres, as almas penadas, enchem a imaginação de todos nós e imprimem aos costumes provinciaes o mais bizarro caracter. Todas as meninas de amores consultam a mulher que deita as cartas; um boçal que vai pelas ruas lendo a *buena-dicha* é chamado ás portas,

e as suas sinas escutadas com emoção. Em cada aldeia ha uma Santa que se sustenta no ar sem que a segurem, e os seus milagres correm toada por freguezias afóra. Em nenhum outro paiz está mais derramado o agoiro tragico das terças-feiras. Pergunta nas livrarias se não se vendem por centenas, a gente aldeana sobretudo, o *Diccionario dos Sonhos* e o *Livro de S. Cypriano*. Todos nós fomos educados a crer em lobishomens, e qual de vós não ouviu em piqueno, num tom de reza, as endeixas de *Santa Iria*, o rimance da *Clara-Linda*, e as trovas da *Tricana de aldeia que vae para a guerra*, numa melodia tão prolongada, enroscando-se, em incoerciveis volutas, no coração! Ouvi uma vez, numa espadellada ao pé de Ovar, cantada por lindas raparigas morenas *do ar do mar*, uma musica de tal exquisitice, que mais parecia doce ballada wagneriana, não partindo em quadras mas subindo sempre, como um fumo de casal, tendo notas graves de *de-profundis* e gritos de hymno, e só rythmada de um modo embriagador pelas espadellas cahindo, tzuc, tzuc, tzuc, lentas sobre o linho...

E queres feiticerias de uma imaginação macabra? Para fazer calar um cão, que uiva lá fóra, basta que levantes um sapato com a sola para cima. Ainda ha dias vi chorar de raiva uma rapariga de vicio, por ninguem querer acreditar que ella houvesse visto o Diabo no hospital, em figura de coelho branco, guiando a mão do medico para a declarar limpa e lhe dar alta. Quando houver trovoada, chega-te para ao pé de uma creança de mama, que o raio não cahirá sobre vós.

Emfim, a nossa litteratura de cordel ainda não morreu. As lagrimas da emigração e do degredo chocam ainda muitos Poetas entre o povo. Hei de, um dia, escrever-te a respeito de alguns fados que ultimamente tenho ouvido, e póesias populares de messianismo politico a proposito do 31 de janeiro, o mais possivel caracteristicas. Está preso no Porto, por motivo d'essa revolta, um homem muito sympathico (Felizardo de Lima), cujo temperamento, vida errante, e producções litterarias merecem um estudo que eu talvez faça em tendo vagar. É um herdeiro legitimo do propheta Bandarra, e dos populares que iam, em

domingo de Ramos, cantar endeixas em volta da sepultura de Nun'Alvares.

Ora, num povo de uma tão sobreexcitada sensibilidade, para quem os mais simples episodios da vida logo se complicam de visões, milagres e vôos para o céo, crear o Theatro, a tragedia, o drama, ao mesmo tempo impressionando *pelo terror e pela piedade*, e guardando em syntheses claras o nosso passado e a nossa época, seria uma obra grande a fazer, digna de que por ella se interessasse toda a geração dos Novos, numa campanha que os escriptores merecidamente consagrados não deixariam, certo, de baptisar com o seu applauso.

Adeus, perdoa o tamanho d'esta carta, pois se as noites de inverno são tão grandes! — ALBERTO.

*

* *

P. S. Ainda encontro, ao fundo da pasta, uma duzia de linhas que têm opportunidade nesta carta que tanto se occupa de litteratos. É uma especie de dialogo, como os de Bourget, em que ambos os contendores têm uma parte de razão, e dos seus exageros mutuos avulta a Verdade mais saliente. Certos pormenores são authenticos, algures colhidos. Já agora ouve-o:

DIALOGO

— Nada agradavel como discutir controversias de Arte, por um poente doce de verão, quando os oiros da Paizagem começam de empallidecer e nenhuma Côr dá gritos, através do moribundo silencio. Meu Amigo, veja como o infinito da Barra se prolonga, se prolonga, e a nossa Alma a seguil-o, como atraz de uma Illusão, um Poeta. Lá longe vai picar, de aqui a pouco, a esmeralda de um pharolim. Não se ouve chorar a Agua, que alli está estagnada, com barcos calados por cima, co-

mo o sonho de um brahmane. Tudo morto, tudo jaz... Olhe o brilho sêcco das estrellas, lembra-me o olhar de certos homens de agora. Ai! as searas do céo são desoladoras como plantas sem rega! As Coisas falam todas de morte, a sua voz casa-se para melodias funebres. Ha talvez, lá para o fundo da treva que começa, ataques hystericos de plantas. Quem surprehendera, numa obra confusa e estranha, toda esta orchestra das Coisas, quem annotára sobre um papel (como em notas de musica) a sonata que sinto ascender de todos os murmurios da Vida, entrelaçados!

O Amigo (impaciente) — Que insupportavel e falso que V. é, com toda essa litteratura! E chamam a isso finura de analyse, subtileza, comprehensão da Nuança. No meu ponto de vista, tudo isso é litteratura, e da peor. Incoherente, postiço, construido sobre a areia movediça de uma suggestão que eu nego. Os senhores são muito intelligentes, não ha duvida. Até demais. Entre a sua faculdade creadora e o senso critico, nenhum equilibrio: este tem o poder absoluto. De ahi a sua impotencia. A sua analyse exige condições superiores, talvez extra-humanas, á obra de arte. Por isso o Hugo é um idiota, e lhe contrapõem o Verlaine, que cabe todo numa estrophe das *Orientales*. Tal esthetica é talvez verdadeira, mas prematura. Nem dentro de dois seculos apparecerá o Poeta enorme que a consagre. Entretanto, as tentativas dos senhores são pueris e irritantes. Não percebem o encanto de nenhuma immortal obra de arte, porque não são communicativos, são seccos. A sua emoção é feita de phrases, os seus sentimentos vêm nos livros. Amam os poentes e o cahir das folhas, porque é a moda recente. Cahiram em desuso as alvoradas e as bucolicas pagãs. Que interesse novo traz á Alma universal, isso?

— Ah, meu Amigo, que blasphemias esteve a dizer! O nosso «outomnismo» é o symptoma da crise por que a nossa alma passa. Carregada de civilisação, ella perdeu a limpidez, é como a agua de um rio carreando detrictos. Somos velhos, hoje, ainda em imberbes! E admira-se de que sejamos obscuros, de que sejamos confusos e incoherentes? É que a nossa lingua já

não serve, e vem ahi outra — sabe? tenho a certeza d'isso — e vem ahi outra que nós, por ora, soletramos. A Vida é uma ondulação, e as palavras velhas são duras como angulos. Ora, como adaptar uma moldura de ferro a um Sonho? Por isso caminhamos para a Musica, como para uma aspiração. A nova linguagem será talvez só feita de inflexões de voz e de gesto. A palavra é de uma symbolisação estreita, serviu só emquanto as idéas foram simples. Mas agora! Lá me vêm os senhores argumentar com a sua Italia, com as suas obras plasticas. Pois haverá alguma coisa menos esthetica, que as virgens-lavadeiras de Raphael? Nesse prodigioso problema de alma — a Virgem-Maria — suggestivo de todas as perguntas que desde o principio do Mundo nos vimos fazendo a nós mesmos, os senhores só viram o Amor materno animal, como o da cabra ao cabritinho... Para achar uma virgem assim, escusado era ir a Bethleem, buscal-a ao presepio onde Jesus nasceu. De resto, a Renascença é uma época inferior. Arte sã, quer dizer, profunda satisfação, ausencia de tortura, o periodo das vaccas gordas para a Alma humana. Comem bem, bebem quanto lhes presta, e têm a paciencia sem fim para dar clareza e sobriedade ao que criam. Que importa tudo isso? Só na desgraça é que os homens se lembram de cavar a mina do Infinito. Ha lá filões novos, filões virgens, que os senhores nem presentiram, porque passaram a vida a cultivar flores de estimação. Pois não valerá mais o oiro em bruto, decerto imperfeito, decerto incoherente, mas vivo e natural, da nossa mina, que toda a oirivesaria amaneirada dos senhores? Nós gaguejamos a nova Arte: somos os precursores de uma reacção artistica extraordinaria.

— É singular como V. acaba por attribuir-me qualidades que são apenas proprias das suas affeições litterarias. Amaneirados, nós que queremos a Arte plastica, sã (como V. mesmo disse), o harmonioso equilibrio da fórma e da idéa, uma á outra servindo de espelho e de realce? V. queixa-se de que a lingua não chega. Então que fará o marmore, hein? No emtanto, permitto-me lembrar-lhe que a Venus de Milo, cujo sorriso V., com toda a sua comprehensão do subtil, ainda não interpretou,

é o marmore mais sereno, mais plastico, mais harmonioso e bello de toda a esculptura. Não, V. tem razão, mas apenas numa face do problema, porque o seu exclusivismo não quer abranger as outras. Por mais subtil e vaga que seja a creação de um artista, a obra de arte só será perfeita quando realisar de um modo plastico todo esse vago da idéa. Dizia Theo que a sua lingua era bastante ampla e submissa, para exprimir todas as nuanças de uma Idéa. Só o artista que pudér dizer isto, será grande! Agora ser sybillino a proposito de serem obscuras as idéas, querer fazer comprehender o vago pelo vago, é uma maneira inhabil de evitar o esforço, por uma banda, e pela outra revela um temperamento grosseiro de decifrador.

— Mas se a Vida é o desequilibrio, é a desharmonia, é a incoherencia, como quer V. que a Arte seja o contrario de tudo isso? Ficará falsa, postiça, amaneirada — repito...

— A Vida é a incoherencia, vista de perto, no seu aspecto episodico. De muito alto, a Vida é a coherencia na incoherencia, o equilibrio no desequilibrio, poisque leis necessarias e periodicas presidem a tudo. E assim, justamente, deve ser a Arte. Os senhores não o alcançam. Os seus livros têm de resignar-se ao esquecimento dentro de alguns annos: serão os ensaios, as pontes provisorias que deixarão a Arte passar. E quanto á sua Excentricidade, ao seu Bizarro, á sua preoccupação do Singular, são como as cores de uma tarde que nunca mais se repetem. A Vida é um pouco mais que tudo isso.

— De maneira que os senhores querem o pautado, o methodo, a disciplina? Não admittem que uma obra de arte seja um ataque de nervos, seja um accesso de loucura? Dentro do artista precisará de estar um guarda-livros? Os senhores querem isto? (e riscou um quadrado no muro). Pois bem: nós queremos a indisciplina, a Imagem desgrenhada, temos o odio á Regra, desprezamos o Contorno, queremos a Mancha, a Mancha (e a sua mão nervosa roçou um momento pela parede, a dar a impressão de uma nodoa alastrada e irregular).

Então o Amigo, num relampago de olhar, apontando o indicador da sua mão fina, sobre o muro onde tão cabalisticos si-

gnaes haviam sido indicados com mão convulsa, respondeu triumphantemente:

— Não; eu não quero o Quadrado, nem quero a mancha; não quero o Estreito, nem o Irregular; quero a unidade, a plasticidade, a harmonia: — e á medida que falava, sublinhando os termos, ia desenhando uma espiral tranquilla e lenta, como o symbolo mesmo da sua Esthetica.

Então a palestra cahiu numa gargalhada que o imprevisto e vivo da replica provocára, e os dois Amigos (ambos com o appetite que sempre resulta das longas sabbatinas) foram cear juntos. Só o Plastico ainda ajuntou:

— E demais, ainda hoje não discutimos senão o ponto technico, propriamente *artistico*, da questão. Esqueceu-nos o lado humano, o lado moral. A vêr se V. tambem defende essa tortuosidade e vago, nas consciencias!

Coimbra, 1892.

Alberto d'Oliveira.

CARVÕES PORTUGUEZES

Corre o paiz de bocca em bocca que é chegado momento de nos lançarmos em pleno lavor industrial, ou de morrermos á mão dos agiotas. No espirito popular, que aceita sempre as fórmulas mais simples, radicou-se como verdade indiscutivel a necessidade d'uma pauta exaggeradamente proteccionista. Não nos parece que resolva o nosso problema economico: a vida excessivamente cara, a miseria de todos, não póde gerar a riqueza da nação. Em nosso entender o que importa é, conhecidas as causas do mal-estar economico, darmos balanço ás forças productivas, para entrarmos em acção decidida e serenamente. Aos leitores da Revista daremos breve idéa do que o paiz póde produzir de combustivel fossil — esse pão da industria, indispensavel á sua alimentação. É verdade assente, dita, redita e exaggerada, que Portugal é pobre de carvão mineral; e n'essa pobreza filiam muitos a nossa mingua de industrias. O codigo veda investigações de paternidade; mas para salvar a honra do carvão portuguez não duvido correr risco de me sentar no banco dos réos. Portugal é effectivamente pobre de carvão fossil. Mas peor do que a sua pobreza é a nossa incuria, deixando inexplorado o que temos, para o importar do estrangeiro; peor do que a nossa incuria, são os tristes processos que entre nós se têm seguido, tolhendo, sempre que se procura alentar,

a expansão industrial, e sobretudo a industria mineira. D'isso têm tido culpa os governantes; tem culpa sobretudo o paiz, a opinião publica, que assim os obriga. Em Portugal receia-se muito que as emprezas prosperem, que enriqueçam, que os industriaes façam fortuna. Os que governam, acobardam-se perante o vento de descredito que sopra de todos os lados. Cercam o auxilio a industriaes de tantas peias, asphyxiam-no em rêde de tão apertadas difficuldades, que a burocracia fabríca a primor, que póde uma empreza morrer á nascença, esganada pela mão descaroavel de qualquer ministro; raro correrá risco de envelhecer na abundancia. Mas a opinião publica regosija-se com vêr boiar no mar morto da nossa industria os destroços d'essas emprezas fallidas, e glorifica o homem honrado, — o ministro que não deixou que se fizessem fortunas á sua sombra. Ah! mas se a empreza prospera, se enriquece, se lhe não tolhem o passo, — o ministro é um venal — recebeu luvas. Se alguma coisa censuramos a dirigentes, é a falta de coragem para desprezar os *ricanements* d'estes *lazzaroni* nacionaes, que nada fazem, estiraçados ao bello sol peninsular, e que na sua invejosa e indolente pobreza querem nivelar tudo por baixo. Pobres sim, mas todos pobres. O paiz rico — entidade á parte — seria bom para vida mais folgada! E não se lembram os maledicentes *faineants,* que a riqueza do paiz é a riqueza das suas emprezas, é a riqueza dos homens que trabalham.

Ha annos em Africa concederam-se a Paiva de Andrade terrenos para exploração agricola e industrial: o paiz levantou-se de voz em grita que a empreza ia ganhar rios de dinheiro, Paiva de Andrade tornar-se millionario; e o nome do ministro que assignou a concessão foi arrastado por todas as ignominias. Houve motim nas ruas, e o ministerio cahiu. São volvidos annos. A concessão era tão cheia de difficuldades que Paiva de Andrade continúa pobre, está doente dos longos estadios em Africa, e ainda não conseguiu organisar companhia para explorar a *escandalosa e lucrativa concessão.* Em Inglaterra, — como se entende de differente modo a economia da nação —

fazem-se as mais amplas concessões, enchem-se de favores os concessionarios, o estado faculta-lhes as suas tropas, dá-lhes as mais largas regalias, promove-lhes o engrandecimento e a riqueza: — promove a riqueza e poderio da nação. E isto passa-se na grandiosa e industrial Inglaterra, no paiz do *self-help*, onde tudo já caminha de per si. Entre nós, onde tudo ha para crear, é de regra o procedimento havido com Paiva de Andrade [1].

Pouco depois um grupo qualquer procurou valorisar os improductivos e insalubres salgados do Algarve, o apparelho littoral que vai de Faro a Cacella. Que celeuma se não ergueu, que riquezas se não descobriram! E a empreza nem chegou a constituir-se! No Algarve houve ainda quem pensasse em introduzir a cultura da canna sacharina, tão prospera na visinha Andaluzia, tão adequada ao nosso Algarve costeiro; fizeram-se experiencias culturaes, coroadas do melhor exito: faltaram as necessarias garantias das camaras e do governo.

Facto recentissimo, e triste exemplo. Ha poucos annos concluiu, na Polytechnica do Porto, curso brilhante um rapaz vigoroso, intelligente, bem temperado para todas as luctas da vida. Podia anichar-se em qualquer emprego publico; era collaborador desejado por um dos mais doutos homens de sciencia do paiz, e ainda hoje, acreditamos, apesar das leis draconianas que vedam ingresso nos quadros officiaes, o seu bello talento lhe faria aberta de excepção por onde entrasse ao serviço das obras publicas. Tinha ambições, iniciativa, crença no seu vigor, amor da

[1] Não podemos deixar de mencionar, como excepção ao que fica dito, a proposta de lei, que tanto poderia concorrer para chamar capitaes ao nosso paiz e fixal-os na industria, firmada pelo notavel estadista João Franco Castello Branco. Em todo o mundo o inventor encontra garantias e privilegios. Em Portugal introduzir uma industria é mais meritorio do que invental-a. Aos introductores deviam portanto, e pelo menos, tornar-se extensivas as regalias dos inventores. O snr. João Franco assim procedeu, e, pondo de parte a obcessão liberal do nosso meio, não se arreceiou de conceder privilegios e monopolios. Em face do nosso mal-estar economico, bem se podia exclamar, paraphraseando um dito celebre:

Oh! liberté que de *bêtises* on commet en ton nom!

sua independencia; custava-lhe enfiar a manga de alpaca da sciencia official, ser mandarim d'este paiz do sol, e preferiu dar á industria o seu talento. Percorreu as costas portuguezas, foi á sua custa a Arcachon, á Belgica, á Hollanda, estudou a cultura das ostras e mexilhões, dos variados molluscos, tão acclimataveis entre nós, e d'um tão lucrativo commercio, trouxe nota de quanto precisava para introduzir uma industria nova no paiz; — tinha capitaes á sua disposição. Requereu concessões nos pontos que lhe pareceram mais adequados para o seu emprehendimento. O requerimento, acompanhado de memoria justificativa, andou de ministerio em ministerio; foi á veneravel procuradoria geral da corôa: o requerente seguiu-o durante dois longos annos através dos meandrosos corredores das secretarias — cançou-se de esperar pela resolução e emigrou. Foi para o Brazil dar plena expansão á sua actividade: nós ficamos sem um trabalhador de raça e sem uma industria. A estas horas é de crêr que ainda se ande em busca da legislação de todos os paizes, que é o «costume da terra», para descortinar n'ella o meio de entorpecer a acção dos industriaes, e salvar a honra dos ministros. Quem sabe se não traremos pelas regiões que o nosso expatriado percorreu á sua custa, algum agente official, pago pelo estado, para estudar o assumpto! Se não trazemos, já trouxemos com certeza.

A estes «usos da terra», mais que á mingua de carvão, se deve a nossa pobreza economica. É pequeno o sólo continental: pois na sua maior área está por arroteear, por utilisar. Na linha da costa uma extensa faxa de areia vai mordendo dia a dia o sólo aravel. Os governos não dispõem de dinheiro para fixar as dunas, para se opporem á invasão das areias; mas cáia alguem em querer valorisar esses terrenos! Tudo se levantará em defeza do sólo sagrado da patria, que é patrimonio de todos, e o paiz, onde podia abastecer-se de madeira para construcção e combustivel, continuará a gozar uma extensa zona esteril.

De estes vicios de temperamento nacional padecemos mais do que de falta de carvão. O que temos ainda nos chegaria para muito, quando convenientemente explorado.

Desde as visinhanças de Fão, passando perto de Rates, em Ferreiró, S. Pedro da Cóva, e seguindo até junto do Gafanhão, estende-se, com estreitamentos e interrupções, a maior faxa de terreno permo-carbonico superior, que se conhece em Portugal. Essa faxa, pelo que observamos, pelas investigações paleontologicas a que procedemos, e contrariamente ao que se tem supposto, pertence ao mais recente andar do carbonico productivo. Na sua quasi totalidade corresponde ao nivel de Commentry, em França. Já foi considerada como siluriano, e Carlos Ribeiro teve-a ultimamente na conta de carbonico medio. Não é fecunda em toda a sua extensão; o carvão que encerra é anthracite, em geral de boa qualidade. As principaes concessões, que têm sido exploradas n'esta faxa, acham-se collocadas ao centro e são, correndo de noroeste a sudeste, Mont'Alto e Ervedosa, S. Pedro da Cóva e Passal de Baixo, na margem direita do Douro, Pejão, na margem esquerda do mesmo rio, e perto de Arouca.

A concessão de Mont'Alto e Ervedosa occupa uma área de perto de cem hectares. Bom carvão; lavra irregular, motivada ao que parece por falta de capitaes. Lavraram uma camada de tres metros de possança. A uns cem metros de profundidade suspenderam os trabalhos, segundo se diz, por ser necessario praticar galerias de esgoto indispensaveis, e para o que a empreza não dispunha de haveres. Iniciou-se a exploração n'outro ponto em camada de trinta centimetros de possança. O carvão extrahido é vendido no Porto ao preço de 4$200 reis a tonelada. A producção tem sido muito pequena.

S. Pedro da Cóva é a mais importante das concessões mineiras d'esta bacia. A concessão assenta na sua parte mais larga e occupa uma vasta área, e é das mais antigas minas de carvão que se explora em Portugal: está em exploração contínua desde fins do seculo passado. Descoberta por um particular, a quem o governo, passado um anno, cassou a licença, foi a principio explorada pelo estado.

Durante o primeiro periodo de administração, que durou até 1804, foram os trabalhos muito irregulares, não só os de la-

vra, mas ainda os de administração. O carvão extrahido era vendido aos carreiros em *chômage,* que partiam da mina por aquellas redondezas, até ao Porto, mendigando pão e compradores.

Comprehende-se que, com tal mercado, fosse pequena a producção. De 1804 até 1825, em que a mina passou por arrendamento para o conde de Farrobo, calcula-se em 68:000 toneladas a quantidade de carvão extrahido, com um valor aproximado de 307 contos, producto liquido de 102 contos, e rendimento annual de 4 contos proximamente. O conde de Farrobo obteve mais tarde concessão definitiva, que em pagamento de dividas passou para Manoel Joaquim Alves Pimenta, o qual nunca a explorou de conta propria.

Ha mais de vinte annos que é seu arrendatario o snr. Bento Rodrigues de Oliveira. Até 1852 a exploração foi muito irregular, pouco abundante, e nociva pelo muito combustivel que a má direcção de trabalhos inutilisou. De então para cá os processos de lavra e transporte não se têm aperfeiçoado muito, mas a administração regularisou-se.

A maxima profundidade a que descem os poços é de 140 metros, e a maxima extensão a que vão as galerias é de 320 metros. O poço Oliveira e o poço Constança são os dois principaes centros de ataque. Pelo poço Oliveira desmonta-se uma camada com 6 metros de possança, a que correspondem 9,6 toneladas de carvão por metro quadrado; no Constança o desmonte ataca a camada com 4 metros de possança a que correspondem 6,4 toneladas por metro quadrado. As galerias são amplas e a madeira empregada no escoramento (jugos, capas e escoras) é o pinho, abundante nas serras visinhas. É barata mas consome-se bastante pelas necessidades de rapida substituição. No desmonte empregam-se os talhes lateraes. A illuminação é feita com candis de azeite, porque quasi não ha grisú. A extracção pratica-se do seguinte modo. Uma longa fila de rapazes passa de mão em mão uns cubos de madeira com o carvão extrahido, que a uns 60 metros da bocca do poço é lançado em wagonetes, tirados até á superficie por quatro bois que vão fa-

zendo girar os malacates. Esgoto pela galeria de Santa Barbara. As aguas dos pisos inferiores é elevada á mão com bombas de madeira aspirantes, de columna não superior a 7 metros, movidas a braço. O esgoto dos pisos superiores faz-se naturalmente. De noite suspendem-se os trabalhos. Eis o triste quadro da exploração d'uma mina portugueza, rica, antiga e productiva. E ainda assim a producção média annual é de cerca de 11:000 toneladas, representando ao preço de 4$200 a tonelada um valor de 46 contos, numeros redondos. O carvão continúa a sahir em carros de bois, agora já por conta da empreza, e vai abastecer as cozinhas burguezas do Porto, frigir ovos e batatas. É o seu *debouché*.

Situação e riqueza determinavam para esta mina mais largo futuro. Nada se faz. Em 1889 a França offereceu aos seus visitantes uma exposição retrospectiva da habitação humana. No Campo de Marte podia vêr-se a habitação primitiva, a casa do Celta, do Romano, a habitação moderna. Nós podiamos ainda hoje na nossa terra mostrar em plena actividade uma exposição mineira... retrospectiva. Haverá nada de mais commoventemente singelo e archaico do que o transporte do carvão pela fiada dos rapazes dentro da mina, o boi scismador que vai dando volta ao malacate, a agua puxada a braço, de piso a piso, pela tosca bomba de madeira, e o carro de bois gemebundo, que vai entregar ás cozinheiras do Porto o producto d'esta poetica lavra? O sapatão tauxeado do mineiro romano, que por vezes se encontra nas minas abandonadas dos convisinhos serros do Raio e de Vallongo, não tem de corar perante o tamanco ferrado do mineiro portuguez. Dos pés á cabeça não vai grande differença.

O Passal de Baixo é proxima visinha de S. Pedro da Cóva. Fica-lhe a S. E. e occupa uma área de 45 hectares. Os trabalhos attingiram em tempo uma profundidade de 105 metros e uma extensão horisontal de 180 metros. Hoje estão muito limitados. Os processos de extracção são os mesmos de S. Pedro da Cóva. O carvão igualmente bom. Em tempo fez-lhe no Porto larga concorrencia. S. Pedro da Cóva moveu-lhe demandas,

sobretudo por causa da galeria de esgotos, e invasão da área de concessão, e paralysou-lhe os trabalhos. O Passal de Baixo nunca extrahiu mais de 1:000 a 1:500 toneladas de carvão por anno com um valor de 45 contos pouco mais ou menos. Liquidadas em bons termos as questões com S. Pedro da Cóva, o que será difficil, a mina do Passal poderá ter algum futuro.

O Pejão é explorado pela Companhia carbonifera e industrïal do Pejão, que se organisou para utilisar a concessão que lhe foi cedida pelo antigo vogal da commissão geologica Frederico de Vasconcellos Pereira Cabral. Tem 130 e tantos hectares para campo de lavra, n'uma extensão de 2:750 metros da faxa carbonifera. O carvão extrahido é anthracite em geral friavel e terrosa, proveniente d'uma camada com 10 metros de possança. A exploração d'esta mina de modo regular póde dizer-se que data de 1884. A companhia tem dispendido avultadas quantias, não só na execução de pesquizas e trabalhos subterraneos definitivos, mas ainda em trabalhos superficiaes. Entre estes conta-se o caminho de ferro de via reduzida que põe a mina em communicação com o rio Douro, permittindo assim o transporte fluvial durante um largo precurso. O caminho de ferro tem uma extensão de 7 kilometros e vem dar a um plano inclinado automotor de grande utilidade economica para o carregamento do combustivel, que tem de ser conduzido ao Porto. A grande massa do carvão extrahido no Pejão, como já dissemos, é fragmentar e terrosa, e ainda que a industria tivesse as suas caldeiras preparadas para funccionarem com anthracite, não podia o Pejão exploral-a economicamente, sem o alvitre, que adoptou, de a lançar no mercado, utilisando-a na quasi totalidade pela transformação em *briquettes*. Antes da mina passar para a actual companhia, já o seu antigo possuidor o snr. Frederico de Vasconcellos Pereira Cabral tentára identica transformação. Ainda vimos no Porto, rua da Boa-Vista, a antiga machina, movida a braço com que o snr. Vasconcellos fabricou alguns milhares de agglomerados, que tiveram fraco consumo nas cozinhas d'esta cidade, e nenhuma outra applicação. O

actual director technico da empreza, o snr. Moraes Carvalho, com intelligente e tenaz persistencia, conseguiu fabricar *briquettes* de variados typos, já aceitaveis e aceites pela industria e consumo domestico, e que certamente irão conquistando dia a dia mais largo campo de collocação, como merecem. Os habitos inveterados, a adopção d'um combustivel de aspecto inteiramente novo, embora mais economico do que o carvão inglez, hão de ainda pôr á prova a sua intelligencia e boa vontade. A empreza deve ter, porém, prospero futuro. Basta attentar na facil adaptação das *briquettes*, não só aos usos domesticos, mas ainda ás mais variadas exigencias industriaes, desde a locomoção a vapor, quer terrestre quer maritima, até á possibilidade de sua utilisação na industria siderurgica, quando previamente transformadas em coke. A Europa consome annualmente milhões de toneladas de *briquettes*. Os caminhos de ferro italianos e francezes, e em França ha boa hulha, gastam-nas em enorme proporção. Metade talvez do combustivel dos caminhos de ferro da França entra nas grelhas sob a fórma de *briquettes*.

Com estes pequenos dados, que maiores os não permitte a indole d'este artigo, comprehende-se quão largo desenvolvimento poderá ter a mina do Pejão. A companhia separou os trabalhos de lavra dos de agglomeração. Explora no Pejão e fabríca na Afurada, perto do Porto. No Pejão os trabalhos de lavra distribuem-se por quatro pisos, ligados entre si por meio de poços. A differença de nivel entre o primeiro e quarto piso é de 120 metros. A extracção do combustivel desde 1884 tem sido de cerca de 1:000 toneladas por anno. De noite não se trabalha. As *briquettes* vendidas e offerecidas para experiencia desde 1884 até 1891 subiram a 15:000 toneladas, com um valor de 91:000$000 reis, e dando uma média annual de 1:800 toneladas. A lucta que a companhia teve de sustentar para fazer aceitar os seus productos, a baixa de preço que n'alguns annos se deu no carvão inglez, o imposto de 2$000 reis por tonelada que veio incidir no breu, e outras causas ainda têm limitado a producção d'esta companhia. Ultimamente as encommendas recebidas garantem-lhe consumo para o seu fabrico de dez horas

diarias, ou 80 toneladas, e resolveu por isso estabelecer trabalho continuo. Seria para desejar que o breu e a hulha miuda fossem alliviados de impostos, que pouco ou nada rendem, e difficultam a marcha da empreza. Que esta continue aperfeiçoando e adaptando o seu fabrico como póde (e é essa uma das altas vantagens das *briquettes*), a todas as exigencias do consumo, que o governo não entrave, antes auxilie a expansão d'esta empreza, e com isso lucrará o paiz.

As demais concessões d'esta faxa carbonosa, que nos districtos do Porto e Aveiro montam a 18, com uma superficie aproximada de 2:000 hectares, não estão em exploração. Muitas d'essas concessões encerram importantes massas de boa anthracite, outras nunca serão exploraveis. Quando todas as concessões trabalhassem e utilisassem os modernos meios de mineração, poderia obter-se importante contingente de carvão para o paiz, durante longuissimo periodo de tempo.

Ainda pertencente ao systema permo-carbonico existe perto do Bussaco um trato de terreno que afflora desde Boialvo até á Matta Maxial, n'uma extensão de 22 kilometros e com uma largura média de 700 metros. N'este terreno fizeram-se em tempo concessões, que hoje pertencem a uma mesma empreza, a qual não as explora. O terreno foi estudado por engenheiros nacionaes e estrangeiros, reputado como pertencente ao andar productivo do carbonico, ou hulhifero, e as maiores esperanças afagaram o inicio dos trabalhos n'estas minas. Os relatorios de dois engenheiros estrangeiros, com longa pratica d'estes serviços, eram de molde a dar-lhes alento. Começaram-se trabalhos de pesquiza com grande actividade; extrahiu-se carvão; um comboio foi do Porto a Coimbra, queimando verdadeira hulha portugueza. O enthusiasmo era grande, mas a queda foi completa. Os affloramentos eram de pequena possança: os engenheiros affirmavam que as camadas se dilatariam, quando seguidas em profundidade. As suas previsões não foram, porém, até hoje coroadas de exito, e a exploração de pesquiza cessou. Não chegaram nunca a entrar em lavra activa e regular.

Os estudos que fizemos do terreno e o minucioso exame da

flora fossil levaram-nos a considerar os terrenos do Bussaco como pertencentes a um nivel superior, ao Rothliegende, e assimilal-o a certo andar da Corrèse, em França. Infelizmente o estudo geotectonico e paleontologico conduziu-nos a convicções pouco lisongeiras ácerca da abundancia de carvão n'aquella região. O carvão que se extrahia era hulha verdadeira, com uma boa potencia calorifica, mas um tanto pyritosa.

Fóra d'estas duas regiões, Norte ou bacia do Douro, e Bussaco, nenhuns jazigos carbonosos de idade permo-carbonica se conhecem em Portugal. Terreno carbonico ainda existe, mas sem valor industrial.

Ha, porém, hulha moderna ou linhitosa e linhitos perfeitos utilisaveis nos districtos de Coimbra, Leiria e Santarem.

N'estes tres districtos encontram-se as regiões mesozoicas e modernas portuguezas, productivas de hulha moderna e linhitos.

Podem grupar-se esses jazigos, segundo os trabalhos do snr. Carlos Ribeiro, rectificados e accrescentados pelo snr. Paul Choffat, que tão vastos serviços tem prestado á geologia portugueza, em quatro niveis ou idades differentes.

Os depositos mais antigos são os da base do Malm, e comprehendem as minas de Cabo Mondego, no districto de Coimbra, e os da faxa assás extensa, 4 kilometros proximamente, que vai da Mendiga, no districto de Leiria, até além de Valverde, no districto de Santarem. Os de idade immediatamente posterior pertencem a um horisonte inferior do Malm medio, e occupam uma pequena faxa que vai das proximidades de Leiria a Alvados. Os restantes depositos jurassicos productivos, d'esta região, são ainda do Malm medio, horisonte superior ao precedente, e constituem a faxa carbonosa que vai da Batalha a Porto de Móz.

Fóra d'estes horisontes não se encontram no centro do paiz faxas ou estratos carbonosos extensos e exploraveis.

Ha ainda simples bolsadas ou depositos terciarios, pliocenicos, comprehendendo linhitos de bom aspecto (carvão de Por-

to de Móz), e outros menos perfeitos, como os de Alencarce, no concelho de Soure, districto de Coimbra; e ainda páus fosseis, como os de Marrazes, no districto de Leiria.

Aqui e além apparecem tambem alguns indicios de carvão, o que é frequente em toda a serie jurassica e cretacica portugueza, mas com pouco ou nenhum valor industrial. Servem apenas para dar origem a uma multiplicidade sem fim de manifestos.

Pertencente ao primeiro nivel a que nos referimos, e no districto de Coimbra, existe a mina do Cabo Mondego, das mais antigas de Portugal. A sua primitiva concessão data dos fins do seculo passado. Em 1854 foi concedida ao conde de Farrobo. Actualmente é administrada pela Empreza exploradora das minas e industrias do Cabo Mondego, organisada pelo conde Duparchy, a qual não só cuida da lavra da mina, mas ainda das industrias annexas, fabrica de vidros, de cimento, de cal gorda, cal hydraulica, telha e tijolos.

A concessão abrange uma área de 341 hectares proximamente. O carvão que n'ella se extrae tem sido considerado ora como hulha, ora como linhito perfeito. Póde de facto ser considerado como uma hulha. É um pouco pyritoso. Afflora em seis camadas de possança crescente desde $0^m,1$ a 1 metro. Só esta ultima tem sido explorada. A sua lavra está distribuida por diversos pisos. A maxima profundidade a que os trabalhos têm descido é de 124 metros abaixo do nivel das installações. Actualmente o desmonte faz-se n'um massiço superior á galeria de extracção, que é tambem a galeria de esgoto. (Galeria de Santa Barbara com 1:880 metros de extensão). Os methodos empregados no desmonte são o dos pilares e o de degraus invertidos (na galeria de Santa Barbara). Dentro da mina o transporte do carvão faz-se rolando-o nos primeiros pendores e carregando-o em wagonetes puxados por muares ou cavallos. O carvão extrahido é classificado em tres categorias. Á primeira e terceira pouco pertence. A grande massa vai para a segunda. A producção total por anno póde computar-se em 4:500 a 5:000 toneladas com o valor aproximado de 10:600$000. Os preços

habituaes do carvão á bocca da mina por tonelada são de 3$700 para a primeira qualidade, 2$500 para a segunda e 1$500 para a terceira. Na Figueira, sobre os caes, ou na estação do caminho de ferro, carregado nos wagons, custa primeira qualidade grosso 4$500 por tonelada, miudo lavado 4$000. As outras qualidades são consumidas nas industrias annexas. A parte do jazigo mais abundante de carvão, e onde elle é de melhor qualidade tem estado inundada por falta de bombas de esgoto. Consta ter havido em tempos remotos duas ou tres explosões de grisú. Ultimamente nenhum accidente d'esta natureza se deu. A ventilação é boa e a illuminação faz-se com candeias ordinarias.

A companhia queixa-se do exaggero das tarifas do caminho de ferro, que lhe difficulta a exportação.

Na fabrica ceramica da Pampilhosa, que emprega com bom resultado o carvão do Cabo Mondego, foi-me dito que se viam obrigados a comprar carvão inglez por a empreza lhe não fornecer a quantidade de que careciam. A exploração é frouxa. Ao que parece nem satisfaz por completo as necessidades das industrias annexas, visto queimar-se tambem n'ellas madeira de pinho. Comquanto o carvão do Cabo Mondego não seja uma hulha de fina qualidade e de muito elevado poder calorifico, satisfaz em todo o caso aos requisitos de um bom carvão, que póde ter largo consumo na industria e permittir uma lavra remuneradora. O *stock* carbonoso da concessão deve ser importante: não póde calcular-se ao certo, por a região não estar ainda sufficientemente estudada, sob o ponto de vista industrial.

No districto de Leiria quasi toda a região util para mineração carbonosa, e ainda aquella na qual se não deparam senão insignificantes vestigios, foi açambarcada pelo snr. Croft, que obteve concessões n'uma área de 21:000 hectares! Essas concessões deviam ser exploradas por uma companhia organisada em Londres — a qual de facto nada explora, nem deixa explorar. As concessões nos termos das leis portuguezas estão caducas; o governador civil como taes as declarou. Os interes-

sados interpozeram recurso, e ha mais de vinte annos que essa questão se arrasta pelas estações officiaes portuguezas, continuando esterilisado e perdido para a industria nacional um tão vasto e util campo de mineração carbonosa. Das concessões Croft soube ha annos aproveitar-se, não um industrial, mas um cavalheiro de industria. Estabeleceu-se em plena concessão, chamou mineiros, abriu um poço, extrahiu e vendeu carvão. N'um bello dia terminou esta magnifica exploração, explorando tambem os pobres mineiros a quem não pagou — e fugiu.

Fóra dos principescos e inuteis dominios Croft, e pertencentes ao Malm, existem ainda no districto de Leiria, Cabeço de Veado e Sitio das Hortas, que não passaram de pesquizas, e no districto de Santarem a concessão de Val Verde, onde se tem pesquizado com mais alguma actividade. Sobre o Sitio das Hortas escreveu o snr. Roquette um relatorio industrial em que considera o carvão extrahido como hulha. Respeitando muito a opinião do sabio engenheiro de minas, somos comtudo de opinião que não só o carvão d'aquella região, mas ainda todo o carvão jurassico do districto de Leiria, é um linhito perfeito, bastante assimilavel nas boas qualidades, ao que se explora em Fuveau, perto de Marselha, e que tão boa aceitação tem tido na grande industria franceza, dando bons lucros á empreza exploradora.

Entre nós existe a preoccupação, com a qual é necessario acabar, de que todo o carvão que não seja hulha não presta. D'ahi vem que por vezes os peritos, para não desvalorisarem o que de facto tem valor, se vêem compellidos a alguma transigencia com as suas opiniões.

Os depositos modernos estão igualmente inexplorados. Alencarce, no districto de Coimbra, começou a ser lavrado. Poucas localidades estariam tão fadadas para uma industria prospera, como este pequeno logar do concelho de Soure. Combustivel em abundancia, motor hydraulico resistindo ás estiagens, areia propria para vidraria, cal, gesso para adubos e estuques, argillas para ceramica, e kaolinos para porcelana — tudo n'uma área de menos d'um kilometro quadrado. A galeria

de extracção do linhito vinha dar ás installações. Realisação pratica de quanto theoricamente podesse desejar-se. Installações e administrações sumptuosas — á moda dos ultimos tempos — esterilisaram este privilegiado campo industrial.

Em Portugal, regra geral, ou a industria segue acanhada rotina, receiosa de qualquer innovação, como em S. Pedro da Cóva, e assim cerceia a sua producção e lucros, ou se faz da industria uma especulação de bolsa, entendendo que ella deve dar para tudo, e mata-se á nascença.

No estrangeiro ninguem pede á industria mais do que os lucros honestos que ella póde dar. Em Portugal não se falle em dinheiro para emprezas industriaes e mineiras, a menos de promessa d'um juro fabuloso e irrealisavel. Herança cupida dos bons tempos das minas do Brazil. Vem de longe o mal. Povo habituado ás aventuras da India e do Brazil, seduz-nos mais a loteria e a bolsa, a possibilidade de fortuna n'uma hora, do que a certeza de riqueza no trabalho porfiado e honestamente remunerado de muitos annos. O homem de dinheiro joga em fundos, o proletario joga a vida na emigração, com mira de fortuna em poucos annos. Se quizermos ou podermos endireitar por melhor caminho, carecemos de mudar de rumo.

Este rapido passeio através das regiões carbonosas do paiz, e suas principaes concessões, deixa vêr que effectivamente Portugal possue pouquissima hulha. Tem, porém, uma importante faxa carbonosa a do Norte, ou bacia do Douro, abundante em boa anthracite. As industrias norte-americanas quasi exclusivamente se provêem d'este combustivel, incluindo a industria siderurgica, e todos sabem quanto as industrias da grande republica são ricas e florescentes.

As nossas anthracites não são inferiores ás americanas, mas a nossa industria não recorre a ellas, abandona-as por completo. E comtudo, apesar dos imperfeitos processos de exploração, que augmentam o preço de venda, ainda assim teria vantagem economica na sua preferencia.

Qual o motivo d'um tal abandono?

Os nossos machinismos têm sido importados da Inglaterra,

em grande parte; habituamo-nos ao gerador de typo inglez, com pequena área de aquecimento por cavallo vapor, um metro quadrado quando muito e 3 a 4 centimetros de grelha por metro quadrado de aquecimento. Carecia a nossa industria de adoptar o typo americano em que a superficie de aquecimento por cavallo vapor é dupla, e quasi dupla a superficie de grelha em relação á superficie de aquecimento; e ainda os geradores modernos, que permittem a utilisação dos carvões ordinarios e até de schistos bituminosos. Com os machinismos que importámos de Inglaterra tornamo-nos feudatarios das minas inglezas, chegando ao desprezo das nossas boas anthracites para importar carvão inglez.

Da possibilidade de utilisação em grande escala da anthracite para todos os usos industriaes attesta melhor que toda a demonstração technica ou scientifica, a enorme prosperidade da industria norte-americana.

As hulhas do Cabo Mondego e os bons linhitos de Santarem e Leiria, sem fallar dos combustiveis mais modernos, podiam trazer avultado contingente de carvão á industria nacional. As hulhas jurassicas utilisam-se em toda a parte como um combustivel apreciavel, os linhitos são aproveitados ainda mesmo nos paizes que têm boa hulha, como a França, onde a producção annual ascende a mais de meio milhão de toneladas, ou boa anthracite como os Estados-Unidos, que lavram e consomem por anno cerca de um milhão de toneladas de linhitos. A Italia applica-os na locomoção a vapor e na industria do ferro. A Austria extrae do seu sólo por anno para entregar á industria cerca de 13.000:000 de toneladas, e a Prussia só de per si aproxima-se d'uma producção de 15.000:000 de toneladas. Os nossos linhitos jazem inexplorados e vamos importando carvão inglez!

Na Inglaterra, no paiz classico da hulha, todo o combustivel fossil se utilisa, as proprias turfeiras estão em exploração activa, regular e remuneradora. Nós preferimos dizer mal dos nossos carvões e continuar a ser tributarios da Inglaterra. Fomentar a utilisação dos nossos combustiveis seria d'uma alta

vantagem economica para o paiz: directa e indirecta. Directa pelo desenvolvimento da mineração carbonosa, que traria trabalho para muita gente e creação de riqueza publica; indirecta pelo fornecimento de combustivel em boas e variadas condições de preço, conforme o typo, ás differentes necessidades industriaes.

Avaliar do que temos e do que podemos produzir, e proteger e fomentar a utilisação d'essas forças productivas, é util e sensato. Proteger, proteger tudo, mas proteger unicamente pela pauta, pelo tributo, febrilmente, n'um accesso de proteccionismo, n'uma allucinação perante a qual o consumidor desappareceu, para vêrmos em todo o portuguez um industrial, e o paiz habilitado com todas as industrias, — as que tem e as que não tem, — é correr risco de fugir á molestia para morrer da cura.

Mande, pois, o governo pelos seus engenheiros proceder a um cuidadoso arrolamento, a um cadastro de todos os jazigos carbonosos do paiz, estudo minucioso e consciencioso, que offereça como base de trabalhos a emprezas que dêem garantias de bem utilisarem as concessões. Ainda ha pouco um dos mais intelligentes directores das carvoarias nacionaes queixava-se de que os relatorios dos engenheiros portuguezes eram ricos de dados geologicos, scientificos, mas absolutamente falhos de indicações technicas e uteis. Não nos parece que assim seja. Mas que futuros directores de carvoarias encontrem todos os dados de que carecem.

Entendemos, porém, que rara será a indicação technica util que se não baseie sobre dados d'um aprimorado conhecimento geologico mais que todos a exploração carbonosa. Da importancia que tenham os dados theoricos para resolução dos problemas praticos diz o facto ainda não ha muito occorrido em França. Em uma das mais importantes bacias carbonosas de este paiz a lavra havia quasi exhaurido o deposito ; a fallencia por inanição abeirava-se. Sondagens dispendiosas e repetidas não indicavam a menor bolsada de carvão a explorar. Rebuscavam-se as indicações dos velhos e mais respeitados technicos; todas as complicadas regras sobre falhas e accidentes eram

meticulosamente observadas; e a sonda lá ia sumindo na terra o dinheiro e as esperanças dos accionistas. Nem um ar de carvão! Como para leito de moribundo chamaram-se as celebridades em conferencia. Foi o snr. Zeiller já então posto em evidencia pelos seus bellos estudos de paleontologia vegetal. Estudou o terreno, a vegetação dos tectos e muros das camadas em lavra, e muito longe do campo de exploração, onde nenhuma regra d'arte descortinava coisa exploravel, entendeu o snr. Zeiller pelo estudo das floras de algumas camadas que ahi affloravam, que entre 600 a 700 metros de profundidade, n'esse local, se devia encontrar a camada productiva, que longe d'alli se esgotava. A arte exigiu a sondagem para confirmação dos dados scientificos, e d'essa feita o medico triumphou do curandeiro. A sciencia sobrepujou a arte. Entre 600 e 700 metros a sonda atravessou uma camada de carvão de 10 metros de possança. Estava salvo o doente.

Estes dados scientificos são por tal fórma importantes para a exploração pratica dos jazigos, que não raro se vêem no estrangeiro méras sociedades industriaes fomentarem estudos, museus, e publicações que á primeira vista nada parecem ter de commum com coisas industriaes. Haja vista o luxuosissimo atlas e texto de paleontologia vegetal publicado a expensas da *Société d'industrie minérale de France.* Na Franche-Comté acaba de se organisar uma empreza para exploração de hulha baseada tão sómente em estudos geologicos, e sem que nenhum affloramento indicasse n'aquella localidade a existencia de tão precioso combustivel.

O levantamento em grande escala da carta geologica da Belgica dotou este paiz com riquezas carbonosas, que nem se conheciam, nem se suspeitavam.

Entre nós é frequente vêr pesquizas de carvão em sitios, onde qualquer elementar estudo geologico daria falho a tal mineral. Em tempos, tendo-se estudado ao de leve as condições geologicas dos jazigos do Bussaco, pretendeu-se que se desse um furo de sonda nas planicies da Pampilhosa. Por largos annos esta pretensão andou perseguindo os governos. Se tal se fizesse,

lançar-se-ia dinheiro ao vento. Um estudo minucioso da bacia do Bussaco deixa vêr que os depositos do Rothliegende estão quasi todos a descoberto, e que a sonda depois de atravessar o infra-lias da Pampilhosa iria bater em siluriano ou archaico. Tem-se fallado da extensão até Peniche das faxas carbonosas de Leiria. Se qualquer empreza mais abastecida de capitaes do que de conhecimentos geologicos fosse tentar pesquizas n'essa região gastaria o seu dinheiro em pura perda. Os conhecimentos já hoje existentes ácerca da geologia d'aquella parte do paiz permittem affirmar que alli se não encontrará carvão exploravel.

Dos estudos meticulosos da geologia não vem mal á industria mineira. No fomento da industria de mineração de combustivel offereça o governo ás emprezas o subsidio de aprimorados estudos de sólo patrio, sirva de guia nos primeiros emprehendimentos, concorra quanto possivel para evitar desastres que atemorisem os capitaes.

Ponto tambem de enorme importancia: torne de facto caducas essas concessões sediças, que segundo a lei o estão, mas que não sei por que incrivel tolerancia ainda vigoram, não servindo senão para tolher o passo de emprezas serias e importantes. Em 1890 meia duzia de portuguezes patriotas, reunidos em Paris, pensaram em introduzir entre nós uma das mais importantes industrias mineiras. Reuniram capitaes e vieram a Portugal para pôr em pratica o seu intento. Deram de frente com trinta e tantas concessões mais fosseis que os fosseis que n'ellas se encerravam, caducas perante a lei, mas de facto em pleno vigor. Se quizessem fazer alguma coisa tinham de se entender com os antigos concessionarios, como sempre uma horda de sofregos, que, sem trabalho nem risco, assaltariam os que vinham trabalhar e arriscar capitaes. Desistiram, e o paiz ficou sem uma industria d'onde podia auferir amplissimos beneficios.

Acabe-se com esse parasitismo, com esse bandoleirismo que tolhe toda a acção honesta e efficaz. Pedir concessões pouco custa. Mas que os governos, tão rigorosos quando se trabalha, o sejam sobretudo quando nada se faz. Appliquem-se impiedosamente as leis, para não permittir que os concessionarios, que

não trabalham, vivam de alcatêa, para sahir á estrada com o caduco arcabuz da velha concessão, quando appareça alguem endinheirado e desprevenido. É necessario policiar o campo da mineração, e só assim poderão constituir-se emprezas serias e uteis.

Não se consinta a constituição de companhias com capitaes ridiculamente insufficientes. Não se permitta por exemplo que se formem emprezas para a exploração de minas de carvão com um capital de 5:000$000 reis. Emprezas d'esta ordem só servem para tolher o passo a outras que sejam de real utilidade.

Emfim uma reforma de tarifas de caminho de ferro, que facilite a circulação do combustivel nacional, impõe-se de per si. Combustivel temos bastante, que póde utilisar-se com assignalado proveito. Explore-se, fomente-se por todas as fórmas a sua lavra, e poderemos ficar entre nós, senão com a totalidade, pelo menos com a maior parte dos tres mil e tantos contos, que em boas libras todos os annos mandamos para Inglaterra em troca do seu carvão.

Porto, 7 de março de 1891.

Wenceslau de Lima.

CLARITA

I

Tinha Clarita os olhos mais fallados
D'aquelles arredores,
— Olhos de sonho, que uma vez cravados
Se iam todas as dôres.

Quem a visse, julgára a vida breve
Para a adorar, de joelhos;
E nunca o amor roçára a aza leve
Nos seus labios vermelhos.

Amor! — uma palavra tentadora
Que ella ouvira dizer,
Como os cegos, que passam pela aurora
E nunca a podem vêr.

O Destino cravára-lhe de frente
As pupillas fataes...
— Como folha que passa na corrente,
Vivia... e nada mais.

Quando ella abria, dôce e scismadora,
O olhar sereno e mudo,
Fazia-se em redor como uma aurora,
Illuminando tudo.

Sem suspeitar o seu encanto ardente,
Inconsciente passava,
Como a rosa que passa, inconsciente
Do aroma que exhalava.

Era-lhe a vida um lago socegado,
De socegadas aguas,
Em que o seu coração fosse levado
Alheio á dôr e ás maguas.

Quando uns olhos de amor se lhe fitassem
No olhar tranquillo e serio,
Era como se n'ella se poisassem
Os olhos d'um mysterio.

Assim, cercando-a de alegria franca,
A vida lhe tornava
A alma branca, como era branca
A roupa que lavava.

II

Clarita dorme: a mão dos sonhos passa
No seu corpo gentil de mimo e graça.
Na frescura das roupas, ao de leve,
Arfa-lhe o seio tentador, de neve...
E os seus labios, de rosa e de bondade,
Abrem-se a procurar, n'uma anciedade,
O traço d'outro labio desejado...

. . . . . .

— Era na eira, por um luar prateado.

. . . . . .

Ao longe, d'entre as arvores da estrada,
Ouve Clarita uma canção doirada:

Ha no céo estrellas d'oiro
Beijando as aguas do mar...

A vida passa tão breve...
Tu tens um cabello loiro,
Uns seios alvos de neve,
E um coração para amar.

Vão os doirados insectos
Beijar o seio das rosas...

Se a vida passa afinal,
Venham uns labios inquietos
Beijar-te as mãos setinosas
E esse teu collo real.

Anda um principe encantado
Correndo em busca d'amores...

Se a vida passa ligeira,
Cubra-te um véo de noivado,
Desfolha a c'rôa de flôres
Que tens na fronte trigueira.

Cahem lagrimas da aurora
Nas folhas que o sol abraza...

*

A vida passa tão leve...
Se tens de morrer... embora!
Chovam desejos em braza
Sobre o teu corpo de neve.

III

Ia já longe a voz. Clarita ouvia ainda,
Tremula, a palpitar n'uma alegria infinda,
Gemerem pelo ar, como uma tentação,
As notas sensuaes da morbida canção...
E n'um momento o ar cerrou-se em nevoa espessa,
Cobriu-se-lhe de noite a languida cabeça,
E tudo adormeceu n'um somno mysterioso.
Sentia-se rugir um mar tumultuoso
No silencio fatal que estrangulava os mundos:
Só rasgavam o céo, n'um esplendor de estrella,
Abertos, sensuaes, errantes, vagabundos,
Dois labios de paixão a procurar os d'ella.

Quando a manhã rompeu, espaço em fóra,
N'um intenso fulgor,
Dentro em seu coração rompia a aurora
Esplendida do amor.

IV

E foi assim. N'um dia perfumado,
Ella colheu um inquieto beijo
Nos labios juvenis do seu amado.
Corriam azas pelo azul distante...
Gemeu baixinho um grito de desejo,
E cahiu-lhe nos braços soluçante.

Depois... toda uma vida deliciosa,
Em que o céo era sempre côr de rosa,
Com grandes astros d'oiro,
E um anjo bom abria as claras azas,
Quando os sonhos poisavam, como brazas,
No seu cabello loiro.

Como um murmurio casto de oração,
Agitavam-se os labios da paixão
Na sua bôca terna,
E, sobre um mar de funda suavidade,
O alegre sol da sua mocidade
Tinha uma aurora eterna.

Amar! amar! uma illusão brilhante,
Que lhe andava no seio palpitante,
Como um desejo mudo.
E, no seu fundo olhar avelludado,
Descerravam-se os olhos do peccado
Illuminando tudo.

V

Assim passára o tempo. Uma manhã
Clarita acordou pallida. Sentia
Como que a bôca negra da agonia
A poisar-lhe nos labios de romã.

É que o busto gentil do seu amado
Fugira-lhe dos braços,
E ella não via o seu olhar rasgado,
A linha dos seus traços.

Via-o beijar um seio como o d'ella,
N'um extasis de amor;
Sentia-se morrer, como uma estrella
Á mingoa de fulgor.

É que á noite, nos sonhos tumultuosos,
Ouvia a mesma voz,
Que lhe dissera encantos mysteriosos
E a banhára nas aguas da alegria,
Soltar, em brados fundos de ironia,
Esta canção atroz:

Ha loisas sob um cypreste
Á espera das virgens puras...

As penas passam ligeiras...
Tu choras, e já tiveste
Nas tuas faces impuras
O aroma das laranjeiras.

Vão as abelhas doiradas
Poisar no seio da flôr...

Se as penas passam — que importa? —
Nas tuas mãos desbotadas,
Na tua face de morta,
Poisem os labios da Dôr.

Corre um vento de desgraça
Na folha dos jasmineiros...

A vida foge apressada...
Quanto mimo e quanta graça
Tinham os beijos primeiros
Da tua bôca de fada!

Abriu o seio uma rosa
Aos raios quentes do sol...

As penas vão como as aguas...
A tua alma dolorosa
Que se abra ao frio lençol
Do desalento e das maguas.

VI

— O quarto é nú, a enxerga em que repousa
Arrefece-lhe os membros, como a lousa
Que ha de cobril-a em breve...
Ah! como o dia é quente e perfumado...
E no seu coração alanceado
Poisa uma mão de neve!

Que é dos labios amados de paixão
Que ella sentira arder no coração
N'esse leito febril?
Agora o seu olhar é frio e baço,
E a Morte cinge, n'um gelado abraço,
O seu corpo gentil.

« Rosas de junho, perfumadas rosas,
Que humedeceis as folhas setinosas
No orvalho da manhã,
Rosas da minha face desbotada...
Quem me tornou assim triste e magoada
A bôca de romã?

No mesmo céo, as mesmas madrugadas.
As abelhas occultam-se, doiradas,
Nas folhas do jasmin...
Tudo era luz e brilho e suavidade...
E agora vive, em tragica anciedade,
A morte ao pé de mim.

Abre-se alli, em frente, a sepultura,
Como eu abria a minha bôca impura
Para abrigar o amor...
E ninguem me abre os labios, n'um desejo,
Para colher o derradeiro beijo
Dos meus labios sem côr ».

Ia descendo a tarde meigamente;
Para os lados do mar, o sol, no poente,
Ensanguentava a luz,
E o moinho erguia as velas desarmadas,
Pondo nas nuvens d'oiro, ensanguentadas,
A sombra d'uma cruz.

Por detraz do pinal ermo e parado,
Na brancura d'um manto de noivado,
A lua se recorta...

Clarita ergueu-se a meio sobre o leito,
Anceada, levou as mãos ao peito,
Cahiu... estava morta.

Coimbra — Janeiro de 92.

Alexandre Braga, filho.

IDÉAS E FACTOS

REVISTA DA IMPRENSA ESTRANGEIRA

Summario: *A paz na Europa,* por E. Tallichet.

A paz na Europa, por E. Tallichet

(*Bibliothèque universelle et revue suisse*)

O artigo, de que em seguida vamos transcrever as passagens principaes, foi publicado em janeiro, na excellente revista de Lausanne, cujo titulo acima mencionamos. Decorridos tres mezes da sua publicação, esse artigo é hoje mais interessante do que era no dia em que appareceu, pois tornou-se notavel pelo acolhimento que lhe foi feito na imprensa europeia; o *Journal des Débats* consagrou-lhe a sua primeira pagina quasi inteira, Magnard discutiu-o no *Figaro* por duas vezes, e não houve jornal importante que deixasse de se referir a elle. É portanto uma notabilidade consagrada.

De resto, está escripto com tal clareza e sensatez, encerra tão grande somma de pensamentos e em termos tão accessiveis á maior parte da gente, é d'uma tão palpitante actualidade que, independentemente do rumor que levantou, mereceria ser lido e guardado.

Razões que permittem esperar a conservação da paz. — Ha muito tempo já, quando a guerra parecia mais proxima e imminente do que hoje, sob o reino de Bismarck, tiramos agouros favoraveis do facto que a guerra arrastaria tão grandes calamidades para o proprio vencedor, que todos os governos interessados cuidariam zelosamente de evital-a. Esta idéa, então,

era nova; hoje tornou-se banal. Mais recentemente, voltando a este assumpto, diziamos que uma guerra travada agora não poderia deixar de ser longa, teimosa, e particularmente ruinosa para todos os que n'ella tomassem parte. Oppozeram-nos a opinião d'um militar muito competente, que pensava que uma guerra, se rebentasse, seria curta e decisiva. Muito pouco tempo depois, o conde de Moltke, seguramente o homem que era a maior auctoridade n'estas materias, pronunciava no Reichstag um discurso — um dos ultimos, senão o ultimo — em que, bem melhor do que nós o fizeramos, sustentava a mesma these, a saber: que precisamos deixar-nos de illusões, que uma guerra como a de 1870 já não era possivel, e que agora devemos contar com uma lucta prolongada, teimosa, semeada de triumphos e de revezes, cujo fim e consequencias era impossivel prever.

O exame da situação actual confirma plenamente estas apreciações, a França recuperou as suas forças, é mais poderosa do que nunca, possuindo um exercito immenso, bem exercitado, excellentemente armado, provido, podemos crêl-o, d'um bom commando, e todo elle animado d'um ardor, d'um caracter moral muito notaveis. Além d'isso, apesar d'uma divida enorme, goza uma posição financeira e possue recursos de primeira ordem. Nem um só instante poderiamos duvidar de que ella esteja apta a sustentar uma guerra defensiva contra qualquer, mesmo se os seus adversarios lhe oppozerem exercitos mais numerosos. Quanto a uma guerra offensiva, seria questão differente. Não poderia pensar n'ella sem um alliado, e o unico que poderia juntar-se-lhe, a Russia, seria provavelmente logo ao principio uma decepção para ella e mais uma fraqueza que um apoio. Por agora, a Russia, além da repugnancia muito conhecida do czar pela guerra, tem dois fortes motivos para se abster d'ella, a fome que devasta muitas das suas provincias e que por toda a parte se faz sentir pouco ou muito, e a falta de preparação do exercito, que ainda não foi armado com uma espingarda de pequeno calibre e que sem duvida não poderá tel-a antes d'alguns annos. Demais, se a Russia possue uma grande força, é uma força que só com muito tempo se torna disponivel. O imperio é

immenso, não dispõe de meios de transporte sufficientes. Para trazer forças consideraveis á sua fronteira occidental, precisaria provavelmente de muitos mezes. Accumulou sem duvida um grande exercito na Polonia, mas que poderia ser cortado na sua base pelos exercitos da Austria e da Prussia manobrando para se juntarem na sua rectaguarda e que a forçaria a recuar, quer dizer, a tomar uma posição mais defensiva que offensiva. Ora, na guerra moderna, os primeiros golpes são em geral os mais decisivos; em todo o caso têm uma grande importancia, e, durante os primeiros mezes, a França teria de sustentar só toda a carga. Está em condições de fazel-o se se conservar no seu territorio, ao alcance de todos os seus recursos, mas a sua situação tornar-se-ia perigosa se se afastasse d'elles, mesmo para proseguir nos primeiros triumphos.

A triplice alliança tem razões igualmente poderosas para não atacar, e que de resto valem tambem para a França. Se algum dia rebenta uma guerra na Europa, terá um caracter muito differente de tudo o que até hoje se viu, mesmo da de 1870. Os exercitos postos em movimento serão immensos, de proporções que confundem a imaginação. Ha vinte annos, todos os esforços da sciencia têm sido para aperfeiçoal-os cada vez mais, a todos os respeitos, o que não se fez sem multiplicar os serviços accessorios. Só por si, as provisões de viveres e munições constituirão embaraços serios á marcha dos exercitos, desde que não poderem utilisar as vias ferreas para os transportes, o que acontecerá quasi com certeza, logo que penetrarem em territorio inimigo.

Ora, estes exercitos immensos não se tornarão possiveis senão pela adopção do serviço quasi universal, isto é, chamando ás armas a immensa maioria dos homens validos, da flôr, em cada paiz, da mocidade e da madureza. No dia em que a lucta começar serão todos chamados ás armas. Não só todas as familias terão entre elles um ou muitos representantes, entre os quaes grande numero serão necessarios á propria existencia dos seus, mas o commercio, a industria e a agricultura serão feridos na sua força productiva pela ausencia de tantos trabalhadores.

de toda a especie, muitas emprezas arriscam-se a desorganisarem-se ou a aniquilarem-se, e, ás despezas colossaes do estado de guerra, será necessario accrescentar o empobrecimento semelhante d'uma producção diminuida ou mesmo abolida, que se tornará um elemento de fraqueza notavel para todos os belligerantes.

E as batalhas, o que serão? Parece evidente que com exercitos muito numerosos, occupando espaços de terreno d'uma grande extensão, toda a estrategia se tornará quasi impossivel pela força das coisas. Como combinar e fazer executar manobras decisivas que decidem a sorte d'um dia e moderam as perdas em homens de ambos os lados? Mesmo para a tactica, ninguem sabe ainda o que ella será. O largo alcance das armas novas e a falta de fumo transformaram as condições da lucta. É provavel que a pratica da guerra venha a descobrir a que melhor se apropria ás novas espingardas, e os que primeiro a descobrirem sem duvida tirarão d'isso grandes vantagens, mas, ao principio, devemos julgar que os exercitos se fusilarão de longe, sem poderem aproximar-se, e então podemos esperar de ambos os lados verdadeiras carnificinas, perdas tão espantosas que os combatentes serão obrigados a pararem para cuidar dos feridos, sepultar os mortos e restabelecerem-se um pouco do esfalfamento nervoso e moral que necessariamente ha de seguir taes massacres. Se ha um vencedor, não será capaz de proseguir no triumpho e vibrar um d'estes golpes decisivos que obrigam o vencido a capitular e a pedir a paz, mesmo em condições duras. As hostilidades promettem perpetuar-se até á aniquilação dos adversarios, quer dizer, até que tenham corrido ondas do sangue mais generoso, que todo o vigor dos povos em combate tenha desapparecido, que não haja senão mulheres, creanças, velhos e invalidos, no meio das ruinas e da miseria que acompanham toda a grande guerra, e que são tanto mais largas quanto esta foi mais prolongada. É n'isto que deve terminar a civilisação christã no seculo XIX?

Os chefes dos povos tiveram estas horriveis visões diante dos olhos, e é, nos ultimos annos, o que principalmente os im-

pediu de soltar o demonio, emprehendendo uma lucta em que elles mesmos poderiam naufragar com todas as instituições que fazem a Europa o que ella é. Só os poderes actuaes ficariam de pé no meio da ruina e do desabar de todas as coisas? Provavelmente seriam os primeiros levados pela tempestade. Chegado a certo gráu, o desespero não vê nem ouve coisa alguma. Que importam a anarchia e a desordem aos homens que perderam tudo e para os quaes o futuro não encerra nem um clarão de esperança!

Vantagens do estado militar presente. — Disse-se que o estado de paz, cada dia mais armada até aos dentes, que caracterisa o tempo presente, se tornava intoleravel, e que mais valia acabar d'uma vez para sempre por uma guerra que estabelecesse um melhor estado de coisas. As vozes que sustentavam esta idéa tornaram-se mais raras á medida que se comprehendeu melhor o que seria a guerra futura. Uma lucta só poderia levar a resultados favoraveis quando fosse curta e decisiva. Ora, ha vinte annos, os paizes que entrariam na lucta, têm tratado de manter entre si um equilibrio de forças tal, que nenhum dos dois partidos póde estar certo de ter a preponderancia. Os exercitos augmentaram de ambos os lados. Não se introduziu o aperfeiçoamento das armas n'um paiz que não fosse quasi immediatamente imitado nos outros. E ainda não chegamos ao fim d'estas rivalidades, que arrastam para a Europa enormes encargos e promettem tomar proporções cada vez mais insustentaveis.

Sem duvida isto é muito duro, e a este respeito o futuro é carregado. É preciso todavia apontar que estes sacrificios não foram absolutamente destituidos de compensação. As perspectivas terriveis d'uma guerra eram necessarias para levar os povos a aceitarem os sacrificios enormes que lhes foram pedidos. Um pouco por toda a parte o serviço militar tornou-se ou tende a tornar-se quasi universal. Todo o homem valido deve hoje servir a sua patria pegando em armas, e, salvo raras excepções, este sacrificio, que ás vezes é muito grande, foi aceite, não só sem resistencia mas muitas vezes com avidez. O exercito tor-

nou-se uma grande escóla de patriotismo, porque se ama a patria na proporção do que fazemos por ella. Sob as armas, aproximaram-se as diversas classes da sociedade; aprenderam a conhecer-se e a sympathisarem umas com as outras. Quando as tropas eram compostas d'uma só classe, a classe mais pobre e a menos cultivada, eram mais ou menos abandonadas pelos superiores e nem sempre muito bem tratadas. Agora que entram n'ellas os homens de todas as classes, e que o simples soldado póde ser d'uma cultura, d'uma posição social e d'uma fortuna muito superiores á dos officiaes subalternos e mesmo dos officiaes mais graduados, deverá effectuar-se uma mudança profunda. Já começou. O escriptor distincto que redige a nossa chronica parisiense, já por duas vezes apontou uma brochura intitulada *Le rôle social de l'officier,* que trata esta questão para a França e que foi muito bem acolhida no exercito. Não ficará sem effeito, porque o movimento já começou; ha de desenvolver-se. Porque não hão de os exercitos europeus dar á sociedade cidadãos mais cultivados, melhores a todos os respeitos, mais bem armados para os combates da vida? Porque não haviam de ser substituidos os exercicios, que mais ou menos fazem dos soldados machinas privadas de iniciativa pessoal, pela educação que os tornaria sêres conscientes e fortes? Nada perderiam, porque as mudanças que se effectuaram no armamento pedem esta transformação, e, com o novo regimen, quanto mais intelligentes são os soldados e capazes de se governarem por si, mais forte se torna o exercito a que pertencem, e mais possivel se torna encurtar o tempo de serviço e diminuir o sacrificio que a todos impõe o dever da defeza nacional.

Uma outra vantagem da universalidade do serviço militar, que se ha de manifestar cada vez mais, é interessar todo o mundo na conservação da paz. Quando os exercitos eram compostos de homens sem influencia politica, a guerra declarava-se com excessiva facilidade e ás vezes por motivos inteiramente futeis. Agora tudo mudou a esse respeito. Não ha familias que não contem um ou muitos membros no exercito e para as quaes uma guerra deixe de abrir as mais sinistras perspectivas. Desde que

se trate da defeza e da salvação da patria, todos marcharão sem hesitar e sem se prenderem com os laços de sangue. Mas a opinião publica pronunciar-se-ia energicamente contra toda a guerra que não parecesse absolutamente necessaria, e o governo que passasse por cima d'ella incorreria em responsabilidades muito graves e poderia arriscar a propria existencia. Ha n'isto uma garantia de paz que sem duvida não é perfeita e completa, mas que nem por isso deixa de ter um grande valor, e hoje todos os poderes publicos a levam muito em conta, com razão.

Emfim, os enormes preparativos continuados ha vinte annos foram excellentes, trazendo a todos os povos da Europa um desenvolvimento extraordinario de vigor e força physica. O augmento sem precedentes do bem-estar, da riqueza e do luxo nas classes cultivadas da Europa não era favoravel á perpetuação da raça, de que fazemos parte. As influencias debilitantes actuavam e manifestavam-se de muitos modos; a anemia encontrava-se por toda a parte, assim como as nevroses. O serviço militar começou a este respeito uma reacção que agora continuará com tanto maior força quanto coincide com um reapparecimento do gosto pelos exercicios corporaes ao ar livre. O bicyclismo nem sempre é muito agradavel aos que não usam d'elle, mas constitue um exercicio muito salutar para a mocidade e que deve ser animado. A gymnastica é ensinada em muitas escólas e encontra numerosos adeptos. As corridas a pé, nas montanhas, são cada vez mais usadas e estimadas. Sem duvida, é preciso não abusar dos exercicios musculares: passados certos limites, a força physica só augmenta á custa da intelligencia, como podemos verifical-o nos dançarinos, nos athletas e nas outras profissões do mesmo genero. Fadigas corporaes violentas e prolongadas produzem o mesmo effeito. Mas, se não houver excessos, os exercicios musculares, voluntarios ou obrigados, taes como o serviço militar, promettem com o tempo dar á Europa homens mais vigorosos, mais vivos e de melhor tempera que os seus paes e de que talvez possamos esperar melhores coisas.

Assim o periodo perturbado e muitas vezes alarmante em que vivemos ha muitos annos, não foi esteril para a Europa; os sacrificios que elle exigiu offereceram preciosas compensações. Poderiamos citar ainda outras; sob o ponto de vista moral, por exemplo, exerceram uma influencia salutar disciplinando os espiritos e moderando-os. Devemos lembrar-nos d'isso quando achamos pesado o fardo que nos impõem, e dizermos que, mais pesado ainda, não seria para comparar com as espantosas miserias d'uma guerra tal qual hoje podemos prevêl-a.

Não obstante as paginas optimistas que acabamos de lêr, o auctor reconhece os perigos da situação e confessa que existem causas de ruptura da paz na Europa. Entre outras, as continuas invenções de guerra, que podem tentar as nações a aproveitar as vantagens que porventura lhes dêem em dado momento, e a questão da Alsacia-Lorena annullam todas as garantias de paz; esta ultima principalmente. Mas por outro lado, sempre optimista, considerando o pesado encargo que a Alsacia representa para a Allemanha, encargo cuja grandeza tenta provar, não perde a esperança d'uma solução pacifica.

Não se poderia pretender que a Allemanha deixasse a Alsacia-Lorena sem compensações e sem garantias. A França póde dar-lhe em troca uma das suas colonias, o Tonkin, por exemplo, que é d'um grande futuro, ou o seu protectorado sobre Madagascar. A Allemanha poderia tambem pôr como condição o desmantelamento das fortalezas e a promessa de não estabelecer outras novas. Nada impediria a França de aceitar esta condição, tendo transformado depois da guerra todo o seu systema de defeza do lado da Allemanha. A Alsacia-Lorena tornar-se-ia um paiz aberto, uma especie de *boulevard* entre os dois paizes, favoravel ás suas relações de todo o genero e tambem á conservação da paz entre elles. Emfim, um accordo que deveria comprehender a Europa poderia intervir para regular em commum diversas questões pendentes, e principalmente para chegar a reduzir muito os armamentos exaggerados, que já não teriam razão de ser quando as principaes causas de animosidade e de guerra tivessem desapparecido. Estas ultimas disposições talvez nem mesmo fossem necessarias. Os desarmamentos effectuar-se-iam desde que tivesse desapparecido a sua causa.

Todavia o auctor termina reconhecendo que esta hypothese de solução pacifica da maior das questões internacionaes pendentes é presentemente nada provavel. E nem assim se confessa vencido nas suas generosas aspirações e no seu ardente amor de paz entre os povos.

Mais d'uma vez temos visto apresentarem-se idéas igualmente improvaveis e acabarem por realisar-se. Se esta é justa, seguirá o seu caminho. Que a situação actual se aggrave de anno para anno, e a Allemanha acabará por admittir que a Alsacia-Lorena não é só um perigo incessante, mas o grande obstaculo ao seu desenvolvimento e á sua prosperidade. Então mostrar-se-ha disposta a procurar os meios de evitar esta fraqueza, e Deus queira que o faça a tempo. Que não se deixe prender então por um orgulho nacional mal entendido. Se, na plenitude do seu poder, faz por sua propria vontade o sacrificio da Alsacia-Lorena á paz da Europa, trabalhará pela sua propria gloria e pela sua força bem mais que ganhando batalhas, porque terá alcançado titulos inolvidaveis ao respeito e á affeição dos homens.

J. L.

REVISTA DE POLITICA EUROPEIA

1 de março.

O acontecimento mais consideravel no dominio da politica exterior terá sido no mez findo a queda do ministerio francez presidido pelo snr. de Freycinet e conhecido pelo nome de gabinete Freycinet-Constans. O exame das causas que determinaram este facto e das circumstancias que o acompanharam no seio do parlamento francez é dos mais instructivos e augmenta o interesse que já de si mesmo se liga a um incidente tão grave como o que acaba de perturbar a vida constitucional da grande republica.

O ministerio francez cahiu em virtude d'uma colligação dos radicaes com a direita conservadora. A questão sobre que foi emittido o voto que derribou o gabinete foi a velha questão religiosa que desde a revolução dilacera a consciencia franceza e que entrou no seu periodo agudo desde a installação da Terceira Republica, nomeadamente com as leis Ferry sobre a secularisação do ensino. No caso actual esse antagonismo fundamental tomou corpo na discussão sobre a lei que deve reger a liberdade de associação e o regimen applicavel ás congregações religiosas. Após um debate tempestuoso, em que intervieram os chefes da direita conservadora, euphemismo designativo

dos elementos monarchicos, e em que o presidente do conselho usou da palavra por tres vezes, um discurso do temivel caudilho radical Clemenceau, discurso curto e frisante, falso na concepção fundamental a despeito das apparencias de rigor logico, mas proprio a mover uma assembléa sanguinea e inconsciente dos seus proprios designios, poz o governo entre a espada e a parede, e precipitou o pedido por parte d'este, d'um voto de confiança. Após uma votação equivoca em que o governo pôde pensar um instante que se sahiria com honra do incidente parlamentar, a camara rejeitou por 282 votos contra 210 a ordem do dia proposta pelo presidente do conselho. Em vista d'essa manifestação o ministerio abandonou os bancos do poder e foi offerecer a sua demissão ao presidente da republica. E emquanto os ministros demissionarios submettiam á apreciação do chefe do estado os resultados do incidente que os derrubára, a camara, como se quizesse dar em toda a plenitude a medida da anarchia que n'ella reina, rejeitou seguidamente, em duas votações por maiorias de cem e cincoenta votos, primeiro a ordem do dia radical, cuja fogosa defeza por Clemenceau precipitára a crise, depois a proposta de urgencia simples impugnada pelo presidente do conselho e em torno da qual se travára toda a discussão. E assim no mesmo dia, sobre a mesma questão, os mesmos representantes da soberania popular abundaram no pensamento e ratificaram a vontade dos mesmos ministros, a quem acabavam de despedir d'um modo humilhante para estes e para a auctoridade suprema que os investira do encargo glorioso e arduo de conduzir os destinos da França.

Taes são os factos reduzidos á sua expressão mais simples. O que porém não se póde descrever, e é preciso lêr no *compte-rendu* da sessão para se fazer uma ligeira idéa, é o caracter tempestuoso que os debates assumiram logo ás primeiras palavras dos oradores que n'elles tomaram parte, a frequencia e insolencia das interrupções, o desvario da paixão renitente á logica, a ausencia completa de argumentação seguida, e se devemos dizer tudo, a falta d'um thema nitido sobre que se accentuassem as discordancias e em torno da qual se travasse a dis-

cussão. Por esta ultima consideração a sessão de 18 de fevereiro, na qual sossobrou o ministerio republicano, foi mais deploravel para os creditos do parlamento francez do que á sessão de 19 de janeiro, na qual o ministro Constans esbofeteou o deputado Laur, determinando o conflicto que o presidente Floquet qualificou engenhosamente de incidente doloroso. Porque na sessão de 19 de janeiro a surpreza foi devida unicamente á impaciencia nervosa d'um ministro, homem de musculo, insultado face a face por um reproductor de phrases injuriosas; emquanto que na sessão de 18 de fevereiro o parlamento derrubou o ministerio e deu-lhe razão em seguida por maiorias consideraveis, manifestando assim a heterogeneidade de elementos de que se compõe, a falta de intuitos definidos, a impressionabilidade morbida ás excitações oratorias, e a perfeita ignorancia do que fará no dia seguinte! Derrubando o ministerio, não pela rejeição d'um projecto de lei, mas pela pesquiza tenaz das intenções secretas que presidiram á aceitação d'um pedido de urgencia feito por um deputado da opposição, a camara instaurou contra o governo um processo de tendencias. E derrubando-o por uma colligação das duas fracções inimigas, a radical e a conservadora, reunidas um instante sobre uma questão futil e separadas logo nas votações subsequentes á queda do ministerio, a camara manifestou a sua resolução de opposição a todo o transe, e esse inorganismo constitucional que a torna impotente para crear, mas omnipotente para destruir. Considerada á luz d'estas observações, a sessão de 18 de fevereiro é extremamente instructiva, e n'ella apparece como n'um escorço toda a historia constitucional da Terceira Republica desde o mallogro das tentativas de restauração monarchica.

As duas figuras salientes d'esta deploravel sessão terão sido o ministro Freycinet e o caudilho Clemenceau. O discurso do primeiro, pronunciado através d'uma saraivada de ápartes e remoques, foi uma obra-prima de sangue-frio, de habilidade contida, de nitidez nas respostas. Mas esse frio engenheiro, geometra, protestante e velho, grande administrador deslocado nos debates tempestuosos d'uma camara nervosa e sanguinea até á

doença, é o menos proprio para dominar e arrastar a má vontade d'uma assembléa desordenada, determinada sómente pelas paixões facciosas, mas accessivel ás surprezas da eloquencia. Em harmonia com este ponto de vista a fogosa oração do caudilho Clemenceau, pronunciada com a sua voz incisiva, e accentuada pela sua cabeça ossuda e militar, produz o effeito desejado. Deslocando a questão particular para o terreno da politica geral da republica em face da egreja, irritando a direita conservadora pelas suas ameaças e predicções sobre a sorte que reserva o poder civil á auctoridade ecclesiastica, acirrando as paixões anti-religiosas da esquerda pela denunciação das incompatibilidades e das traições, nas relações da egreja com a republica, usando e abusando de todas as vantagens que dá para a nitidez das palavras a posição nos bancos da opposição, longe das responsabilidades do poder e dos seus subentendidos, o caudilho radical procedeu por uma serie de apostrophes frisantes e vivas que lançaram dentro em pouco a confusão e o tumulto na assembléa. O dia, porém, não teria sido desastroso para o governo senão fôra a imprudencia do presidente do conselho, illusoriamente animado por uma votação equivoca, e propondo o voto de confiança sobre uma questão que não merecia tal honra. Esse passo falso, que annullou as vantagens obtidas á força de paciencia e sangue-frio, foi determinado por um desejo indiscreto de consolidar o ministerio por votações parlamentares. Se o presidente Freycinet percebesse mais claramente, que nos periodos de inconsciencia politica e agitação esteril, como o que atravessa a França, a inercia é uma força de resistencia, muitas vezes bastante para manter indefinidamente um governo no poder, não teria pedido um voto de confiança sobre essa miseravel questiuncula, e teria deixado arrefecer a effervescencia facticia que ella provocára. A palavras ôcas, orelhas moucas. Se o presidente do conselho attendesse a este rifão, é provavel que o ministerio francez ainda estivesse no poder.

Cahindo, fal-o depois d'uma existencia relativamente dilatada e não escassa em incidentes de interesse. Tinha subido ao poder em 1890. Os seus dois membros proeminentes vinham

mesmo de situações anteriores, o snr. Constans desde 1889, o snr. de Freycinet desde 1888. A sua folha de serviços não é das mais pobres. É ao snr. Constans que se deve a solução da aventura boulangista, que tão graves perturbações ia causando na França e na Europa. É ao snr. de Freycinet que é preciso attribuir os derradeiros grandes progressos militares manifestos nas manobras do outomno do anno passado. Sob o ponto de vista dos interesses da França estes dois ministros bem mereceram. No passivo do ministerio devem, porém, lançar-se duas pesadas responsabilidades: A theatrada de Cronstadt, que patenteando á Russia a anarchia de opiniões e sentimentos da nação franceza, lhe mostrou a possibilidade de exploral-a financeira e diplomaticamente. — As derradeiras leis aduaneiras que, destruindo a obra dos tratados de commercio anteriores, tendem a isolar sob o ponto de vista economico e mesmo politico o estado europeu que as adoptou. Se, porém, reflectirmos que esses dois passos foram dados em harmonia com as manifestações da vontade, senão do paiz inteiro ao menos d'uma parte d'elle bastante numerosa e energica para se impôr, podemos fazer participar o ministerio do beneficio das attenuantes, e declarar que dentro da mediocridade das instituições e dos homens da Terceira Republica a situação transacta foi um governo distincto.

O que será o ministerio que o vem substituir? Qualquer que seja o valor dos homens de que se componha, é certo que terá de arcar com difficuldades gravissimas. A éra das situações transitorias e das surprezas politicas parece tornar a abrir-se para a França. A questão a proposito da qual foi derrubado o ministerio, isto é, a questão do antagonismo entre o espirito secular e o espirito religioso, não é das que tenham solução definida, mas das que só podem ser conduzidas a poder de moderação e concessões reciprocas. Esta politica de conciliação tem sido preconisada com insistencia e vigor pelo chefe da Egreja Romana. Comprehendendo que das quatro nações catholicas a Italia pela occupação de Roma, a Austria pela entrada na triplice alliança, a Hespanha pela debilidade relativa que a su-

balternisa nos conselhos europeus, não podem prestar á causa da egreja os serviços que haveria a esperar d'ellas, Leão XIII volta os olhos para essa França, que mais d'uma vez n'este seculo se apresentou como o campeão dos interesses do Papado. D'ahi essas affirmações reiteradas tocante á possibilidade d'um accordo entre a pratica religiosa e as instituições republicanas, essas insistentes recommendações para a leal aceitação de fórmas politicas que já têm a seu favor a consagral-as uma duração relativamente dilatada. Mas n'essa empreza ditada por uma razão superior, o grande politico esbarra de encontro ás difficuldades derivadas do caracter extremo e violento dos francezes. D'um lado o radicalismo, possuido d'um rancor incuravel contra o catholicismo e em geral contra toda religião natural ou revelada, e assustado, não sem motivo, pela organisação formidavel e resoluto espirito da corporação clerical, multiplica as ameaças e os ataques, e deixa entrever um programma que seguido á risca conduziria a nada menos que ás perseguições religiosas. D'outro lado, o clero francez irritado até á indignação com a idéa de viver n'um estado de coisas em que se sente tolerado e vigiado, e albergando sob as vestes do sacerdote e dentro da jerarchia ecclesiastica a exaltação sanguinea e o ponto de honra dos homens da sua raça, não escasseia em protestos e prepara-se para empenhar o combate no campo eleitoral. Entre estes dois elementos antagonistas, tem de se equilibrar situações que, pelas tendencias pessoaes dos seus membros e pelos precedentes dos meios politicos em que ellas são recrutadas, podem ser consideradas como indifferentes e mesmo hostis a todo credo religioso, mas que pelas necessidades da politica interior e exterior são forçadas ás contemporisações e aos equivocos. E se ajuntarmos a estes factos a existencia d'um grande partido de nome dubio e programma pouco nitido que parece afastar-se cada vez mais da idéa d'uma restauração monarchica mas que se não decide a aceitar lealmente a nova ordem de coisas, d'um partido que não collabora na vida constitucional do seu paiz e só se manifesta perturbando-a com as suas colligações e conspirações, teremos completado o quadro das dissensões pro-

fundas que dilaceram a consciencia franceza e adduzido dados para augurar pouco favoravelmente do futuro politico da França.

A verdade é que a questão religiosa na sua phase aguda não é mais que um dos aspectos do vicio constitucional de que enferma aquelle corpo cheio de vitalidade e recursos, que é a nação franceza. Refiro-me á hypertrophia do centro que tem de estimular e regular toda a sua actividade collectiva, a grande capital d'onde deviam partir correntes poderosas mas calmas que fossem vitalisar a provincia, mas de onde só dardejam como relampagos as faiscas nervosas que vão convulsionar as cidades secundarias e as povoações ruraes. A França é uma hysterica, e Paris o seu utero. O influxo da grande capital cosmopolita e epicurista, com a sua litteratura corruptora, a sua plebe desvairada, o seu jornalismo sem disciplina, a dissipação dos seus costumes, a sua fome immoderada de impressões novas, a sua propaganda do descredito, e a sua apotheuse do espirito de irrisão, exerce uma acção desvairadora sobre o enervado organismo da França. Emquanto os trinta e cinco milhões de francezes da provincia forem governados pelos dois milhões de francezes e pelos quinhentos mil estrangeiros de Paris, a França não fará senão oscillar entre as revoluções e as reacções, condemnada á impotencia diplomatica e reduzida a tomar as bravatas pelas desforras. Sahirá ella d'esta situação? Muitas razões levam a crêr que não, algumas a futurar que sim. Entre estas apontarei as modificações determinadas na consciencia franceza pelo inquerito instaurado por um grande historiador philosopho sobre as origens da França contemporanea, que denuncía a lesão resultante da centralisação successiva do moderno estado francez, e o recente projecto de creação das universidades regionaes, que tende a minorar os effeitos d'essa centralisação na ordem intellectual. Não é provavel, porém, que o estado-maior politico da França renuncie sem ardua resistencia aos beneficios e satisfações d'uma organisação social, que pelos seus prefeitos e pelos seus homens de negocio e industria lhe permitte governar e explorar um imperio.

Emquanto a França se debate nas malhas de questões irritantes e estereis, a Allemanha arca com as difficuldades provenientes do desenvolvimento enorme da sua vida economica desde a constituição do imperio. O resultado natural d'este accrescimo de actividade industrial que tornou a Allemanha uma das grandes nações productoras da Europa, foi o augmento consideravel da população, a concentração d'esta nas cidades, a creação d'uma grande capital, o desenvolvimento desmedido das operações de Bolsa com o seu criminoso abuso do credito, factos estes que se traduzem na ordem social pela apparição d'um proletariado formidavel pelo numero e pela resolução. Se accrescentarmos a estes traços os que consistem na penetração cada vez mais profunda da instrucção nas camadas inferiores, e na deformação inevitavel das idéas superiores cahindo em espiritos incapazes ou mal preparados, teremos explicado a existencia do socialismo allemão, organisação utilitaria, materialista e athea das reivindicações d'uma maioria compacta e segura da victoria. Qual seja o programma do partido já o expozemos pelo miudo nas paginas d'esta mesma Revista por occasião do ultimo congresso socialista de Halle.

É contra este movimento invasor da Democracia social que provaram vãs a politica de repressão do principe de Bismarck e o seu programma de conservação a todo o transe. É contra esse movimento que se dirige com um sentimento mais profundo das necessidades do tempo, o moço monarcha a quem estão confiados os destinos do povo allemão.

Esse joven singular, dotado pela natureza d'um espirito superior, e possuidor d'uma cultura completa de homem de estado, traz os olhos da Europa suspensos dos seus movimentos e parece ser uma d'essas creaturas em que encarna o genio d'uma raça. Tendo no mais alto grau o sentimento da sua grandeza pessoal e da que resulta da alta posição que occupa no primeiro throno do continente, a maneira por que intrepreta a sua missão torna o problema dos seus destinos d'um interesse capital para os que se preoccupam com o futuro das sociedades contemporaneas. Nascido entre as acclamações das victo-

rias que fundaram a hegemonia prussiana, creado sobre os joelhos d'um avô soldado imbuido de pietismo guerreiro, elle mesmo impregnado do culto arrogante da Força e d'uma confiança mystica no caracter providencial da sua missão e dos destinos da sua patria, tendo entre as mãos o mais poderoso instrumento militar de que jámais dispozeram homens, esperava-se que a sua ascensão ao throno fosse o signal do desencadeamento d'uma grande guerra. Mas com uma continencia que demonstra a superioridade do seu genio e a solidez da organisação politica dentro da qual está contido, os olhos surprehendidos do mundo viram-no voltar-se para as obras de paz e para a ardua tarefa de estabelecer a harmonia das classes e fundar a ordem moral na Allemanha. A demissão do principe de Bismarck, acto de coragem, quando se reflecte que perante elle recuaram dois imperadores, o primeiro que se sentia tyrannisado pela vontade do ministro omnipotente, o segundo que lhe votava a mais cordial aversão, foi o preludio de medidas que vieram provar que esse acto de força não era o mero capricho d'um rapaz vaidoso. A instauração do grande inquerito sobre as condições do trabalho na Allemanha, e as leis que assignalaram os seus resultados na ordem legislativa não esgotaram a actividade reformadora do joven soberano. Vendo fundo na questão, é sobre os espiritos que elle procura actuar. Para este monarcha illuminado d'uma nação de philosophos os factos sociaes não são mais que as manifestações d'um estado intimo dos espiritos. É em harmonia com este pensamento que são projectadas essas reformas escolares que constituem o facto saliente da vida politica da Allemanha no derradeiro mez.

Segundo essas reformas nenhuma creança allemã que passar pelas escólas de instrucção primaria poderá escapar á acção do ensino religioso. O caracter secular que a escóla allemã tinha adquirido em harmonia com a campanha emprehendida pelo principe de Bismarck contra o ultramontanismo e com a tendencia essencialmente civil da sua concepção do Estado, vai ceder o logar a um regimen em que as differentes confissões religiosas serão representadas officialmente no ensino primario.

Nenhuma creança allemã, observa o governo, poderá de hoje em diante adquirir os primeiros elementos de instrucção sem ouvir fallar em Deus. É visivel o pensamento que preside a esta resolução. Impressionado o governo allemão pela progressão crescente do partido socialista, e conhecedor da ligação profunda que prende nas camadas inferiores do povo allemão a concepção materialista e darwinista do mundo e da historia com a reivindicação aspera dos gozos e com o programma do nivelamento social pela guerra, determina sahir ao encontro do inimigo atacando-o no proprio campo das opiniões. A maneira por que o faz, presta-se porém a criticas.

E estas não escassearam. As mais graves são as que estão contidas nos protestos assignados pelos professores do ensino superior. Estes documentos, que exprimem o pensamento da aristocracia intellectual allemã tocante ás relações do estado com a egreja em materia de instrucção publica, annunciam objecções fundadas sobre os perigos da ingerencia do clero no dominio da vida intellectual, e sobre a necessidade de conservar livre de toda a injuria o espirito secular da cultura germanica, tradição gloriosa da joven monarchia prussiana e cimento da cohesão nacional do imperio. Os mais illustres representantes da Allemanha scientifica, os Mommsen, os Curtius, os Helmholtz, cobrem com a auctoridade dos seus nomes este ponto de vista, onde se encontram pela identidade das suas origens e fins as tendencias universitarias e o partido nacional liberal.

Duas fracções, porém, e das mais importantes do Reichstag, o centro catholico e o partido feudal, apoiam esta politica, que lhes permitte alargar a sua esphera de ingerencia e augmentar os seus instrumentos de acção. Vê-se que ainda n'este campo da vida parlamentar e da engenharia do suffragio, a nova politica allemã tem uma orientação inteiramente diversa da que presidia áquella que a precedeu. Para o principe de Bismarck o nucleo da sua diplomacia interior, e por assim dizer o fulcro da sua alavanca politica era esse partido das universidades que desejou e preparou a unidade allemã ao tempo em que os poli-

ticos de profissão a tratavam de chimera, e cujo espirito a um tempo elevado e moderado é a mais bella encarnação do genio germanico. Para a nova politica, inspirada na vontade d'um joven monarcha, que não póde ser taxado de curteza de vistas, mas em quem se manifestam tendencias mysticas, não é coisa que repugne apertar as mãos e firmar-se nos hombros de partidos, que abandonados a si proprios iriam, um ao ultramontanismo e ás superstições catholicas, outro ao pietismo e ás superstições protestantes.

É certo, porém, que a nova reforma escolar é susceptivel de ser atacada e defendida com argumentos igualmente ponderosos. Qualquer que seja o valor metaphysico da noção de Deus e da vida de além-tumulo, e qualquer que seja a sua importancia como postulados de deducção moral, é incontestavel que o facto psychologico da crença nos dogmas fundamentaes da philosophia espiritualista representa um elemento importante no systema de motivos, que levam os homens a abster-se de se despedaçarem uns aos outros, e que os conduzem a resignar-se com as contrariedades e limitações inherentes á existencia. E comprehende-se que para o governo, cujo primeiro interesse é a manutenção da ordem, sejam bemvindas todas as doutrinas que tendem a pôr um freio á expansão dos instinctos naturaes.

Mas por outro lado póde-se allegar que dada a diversidade de confissões do imperio allemão e o inevitavel motivo de debilidade politica que d'ahi resulta, o verdadeiro recurso consiste n'uma forte cultura secular, fundada sobre a noção da dignidade humana e civica, e capaz de, fóra e acima dos crédos religiosos, crear uma communhão de opiniões e sentimentos na diversidade de tendencias que se combatem no seio do imperio. E se se reflecte que este ponto de vista está d'accordo com a tradição politica da monarchia prussiana e com o invencivel movimento que arrasta as sociedades modernas para uma organisação puramente racional, é forçoso confessar que, se a balança dos motivos pende para algum lado, é para a banda dos professores.

Nem o discurso do imperador na dieta de Brandeburgo, nem os alvorotos abafados pela policia de Berlim merecem especial menção, apesar dos commentarios exaggerados e malevolos que a paixão nacional dictou a uma certa imprensa. O discurso do imperador não fez mais do que accentuar o caracter intrepido e sonhador de gloria d'esse mancebo que, posto sobre o primeiro throno do mundo, não desfallece perante a grandeza das responsabilidades e dos perigos inherentes á sua alta dignidade. O tom arrogante de certas passagens explica-se pela mesquinha campanha de epigrammas que o despeito lhe move no interior, e pelo silencioso acastellar de ameaças, que o rancor e a cubiça lhe armam no estrangeiro. Quanto aos disturbios de Berlim devem ser considerados apenas como motins e mesmo assuadas, provocados pela minoria turbulenta do partido socialista e a que porventura não é estranha a intervenção de ouro inimigo. A resolução da maioria do partido socialista, que repudia toda a solidariedade com essas manifestações ephemeras, constitue a mais cabal das criticas que esses factos podem inspirar.

Nem a Austria nem a Italia offerecem no mez passado factos que se assignalem na trama da sua vida politica. A Austria debate-se na interminavel lucta dos grupos ethnicos e dos partidos em que elles se subdividem, sem poder recorrer senão a uma solução que talvez envolva o desmembramento do imperio. A Italia procura minorar as condições difficeis do seu thesouro, resultantes das despezas militares e navaes, a que a tem forçado os cuidados da sua autonomia politica e a defeza da sua integridade nacional.

A politica hespanhola tem a attenção occupada pela ardua empreza de equilibrar as finanças, que erros administrativos accumulados e a relativa exiguidade dos recursos economicos da nação pozeram em condições um tanto criticas. A campanha da Bolsa movida no estrangeiro contra o credito hespanhol, e a denunciação do tratado de commercio provocado pelas novas pautas francezas, não podem contribuir para resolver essas difficuldades.

A campanha da Bolsa, como é sabido, perturbou durante um periodo não curto e d'um modo angustioso a vida financeira da nação visinha. Mas a constancia do patriotismo hespanhol conseguiu vencer essas ciladas, a que não foi porventura extranho um intuito de natureza politica. Quanto á denunciação do tratado com a França, as suas consequencias não se fazem sentir desde já, visto a vindima do anno passado ter sido exportada antes de expirado o praso que abrangia o convenio que findou.

Da rotura d'este tratado os proteccionistas francezes accusaram, como era de esperar, o governo hespanhol. É facil, porém, vêr que os negociadores francezes offereciam em troco das velhas vantagens de que gozavam os productos do seu paiz, as novas pautas d'um caracter por assim dizer prohibitivo. Era portanto uma questão não só de interesse, mas ainda de dignidade não aceitar as negociações n'este termo. Assim o comprehendeu a opinião hespanhola, que apoiou fortemente o governo. Algumas vozes discordantes que se fizeram ouvir n'este côro de applausos, são apenas a expressão de animosidades facciosas, que nada póde desarmar. Os que conhecem a superioridade de espirito do chefe do partido conservador hespanhol e os seus habitos de se guiar nas questões publicas exclusivamente pela razão d'estado, não duvidam um instante que elle teria envidado todos os esforços para chegar a um accordo n'uma questão tão vital, como é para Hespanha a collocação da sua producção vinicola.

Rotas as negociações, o governo hespanhol procura outros mercados. Um publicista francez aventa que, quando fôr chegado o tempo das vindimas, os hespanhoes procurarão vir a um accordo. Interpretando a justa susceptibilidade dos seus compatriotas, responde um publicista hespanhol, que um tal ponto de vista revela um conhecimento bem imperfeito do caracter peninsular. Os francezes têm comtudo na sua propria historia factos bastantes para aprecial-o devidamente.

Seja como fôr, é certo porém, que o futuro da nação hespanhola não depende do voto de assembléas subalternisadas a

influencias de campanario, como tem mostrado ser nos ultimos tempos o parlamento francez. Hespanha que durante este seculo soffreu os flagellos da guerra estrangeira e da guerra civil, e foi dilacerada pela mão de seus proprios filhos, entrou n'um periodo de tranquillidade politica e de actividade productora, cujos effeitos já se deixam sentir e cuja acção benefica não fará senão augmentar accumulando-se. Basta ter percorrido os numeros das estatisticas concernentes aos ultimos annos para vêr que a exploração das riquezas naturaes da peninsula e a sua desenfeudação da tutela dos capitaes estrangeiros vai em progressão contínua. Por outro lado o espirito publico vai-se educando no regimen da liberdade dentro da legalidade, a disciplina militar vai-se consolidando, os partidos extremos, desarmados pelas circumstancias ou por nobres inspirações de patriotismo, deixam de ser um estorvo continuo e um perigo eminente, e o que é importante acima de tudo, uma pleiade de intelligencias penetradas do pensamento germanico, entre as quaes destaca o eminente Gonzalez Serrano, trabalha na educação philosophica da mocidade longamente desvairada por idéas incompletas e por chimeras malfazejas. Todos estes symptomas, se lhe juntarmos as considerações tiradas da pasmosa vitalidade do povo hespanhol, levam a crêr que em poucos annos de tranquillidade os nossos irmãos da peninsula terão reconstituido as suas finanças, completado a sua instrumentação industrial, entrado francamente na carreira do pensamento moderno, e pela ampliação das instituições militares e navaes lançado as bases da sua importancia proxima e da sua grandeza futura no concerto das potencias europeias.

Moniz Barreto.

REVISTA SCIENTIFICA

UM PROJECTO DE ACCORDO INTERNACIONAL PARA UM PROGRAMMA COMMUM DE INVESTIGAÇÕES ANTHROPOLOGICAS

O dr. R. Collignon, cirurgião-mór do exercito francez e anthropologista illustre, distribue actualmente por todas as sociedades sabias o seu *Projet d'entente internationale pour arrêter un programme commun de recherches anthropologiques à faire aux conseils de révision.* É mais outra tentativa para a unificação do manual operatorio e um apêllo aos medicos dos conselhos de inspecção para o registro de ligeiras investigações anthropologicas nos recenseados do exercito. Comprehende-se que, para conhecer e destrinçar os elementos ethnogenicos á custa dos quaes se constituiu um povo, para lhes marcar o grau de combinação, de mistura e de assimilação, e, finalmente, explicar os phenomenos que presidiram á formação das actuaes agglomerações politicas — pois que nação e raça não têm o mesmo sentido — se carece d'um numero consideravel de observações, as quaes, nem nos paizes onde existem corporações especiaes, se podem colligir satisfatoriamente sem o concurso de numerosos investigadores. Chamar para a resolução do *desideratum* a attenção dos medicos do exercito e da armada, os internos dos hospitaes e dos asylos, os membros das sociedades sabias, os professores, os empregados de certas categorias, os viajantes, os jornalistas, e subordinar todo este inquerito a um programma uniforme e acceite por todos os anthropologistas, é

tornar comparaveis os resultados em todos os paizes e contribuir assim para a solução appetecida.

A necessidade de assentar definitivamente n'uma methodologia universal vem já de longe. Broca, verificando a difficuldade na comparação dos trabalhos de varios anthropologistas do seu tempo, publicou, em 1864, a primeira edição das suas *Instrucções para as investigações anthropologicas no vivo.* A carencia d'uma norma deu o resultado de tornar excessivamente difficeis ou demorados os estudos comparativos dos trabalhos dos anthropologistas allemães com os dos francezes e ainda hoje, até certo ponto, com os dos italianos e belgas. Para apontar só um exemplo basta que lembremos o processo de determinação das cubagens, exclusivamente dependente da adopção da substancia conteúda; Virey e Treadwell adoptavam uma certa, Davis e Hamilton, outra, Tiedemann e Mantegazza, uma terceira, Phillips, uma differente, Welcker, ainda outra, Broca, outra diversa. Afim de demonstrar as causas de erro e consequentemente a impossibilidade de comparação, Wyman cubou o mesmo craneo com oito substancias distinctas e obteve oito resultados differentes. A publicação do manual operatorio de Broca, adoptado quasi inteiramente por Topinard nos seus excellentes *Elementos* e outros trabalhos subsequentes, prestaram pois um magnifico serviço aos anthropologistas de laboratorio e igualmente aos anthropologistas viajantes, estes ultimos, a maior parte das vezes, sem fim determinado, sem conhecimentos e sem iniciação, levantando registros que eram superficiaes, inexactos ou contradictorios. Mas ainda que o manual tivesse uma larga adhesão em toda a França e em outros paizes, como na Russia, onde obteve logo uma traducção de Bogdanow, na Hespanha e em Portugal (trabalhos de A. Serrano, Arruda Furtado, Nery Delgado, Oliveira Feijão, Paula Oliveira, Silva Amado) não logrou introduzir-se inteiramente em outros da Europa e da America, ou fosse por desejo de manutenção d'uma independencia individual de methodo, ou por dogma de escóla ou ainda por preconceitos ridiculos e pueris de nacionalidade. O inglez Beddoe publicou em 1874 as suas instrucções; Virchow, na Alle-

manha, deu a publico outras, em 1875; o suisso Kaltbrunner escrevia ainda outras em 1879; Quatrefages e Topinard, sem alterarem profundamente a norma adoptada pelos anthropologistas francezes, modificaram-a posteriormente.

Ora é certo que o trabalho de Broca não era nem poderia ser definitivo; alterações subsequentes seriam inevitaveis depois que uma extensa observação accusasse a inutilidade de medidas inteiramente mudas e a importancia d'outras não iniciadas; todavia, e sabido como está que em varias nações europeias entraram as mesmas raças, embora em percentagens diversas, a necessidade da unificação do methodo impõe-se sobremodo e principalmente depois que os subsidios tendem a crescer desmesuradamente, uma vez que o estudo do conjuncto se simplifica pela facil comparação dos resultados.

As *Instrucções* de Topinard para o levantamento da carta da côr dos olhos e dos cabellos, incontroversamente de exito e de realisação mais simples e mais segura do que a baseada nas de Broca com a sua escala chromatica de vinte typos para os olhos e trinta e quatro para a pelle e systema pilloso, deveriam ter alcançado as adhesões de todos os anthropologistas europeus. Ignoro se já foram adoptadas em alguns paizes; em Portugal, Topinard pretendeu introduzil-as por intermedio d'um distincto engenheiro, Ricardo Severo, hoje expatriado. Chegaram mesmo, em Paris, a estabelecer as linhas geraes do trabalho a emprehender; mas cá, feita a proposta á *Sociedade Carlos Ribeiro,* que a recebeu com jubilo, recuou-se e desistiu-se perante o dispendio inicial de 90$000 reis! Nunca houve tanto dinheiro em caixa!

Não se consegue tão cedo reunir estas instrucções parciaes e outras que se hão feito, de modo a constituirem base segura para um inquerito anthropologico completo; o que urge, porém, estabelecer, é um plano de conjuncto nas medidas indispensaveis. Com este intuito, procurando evitar questionarios complicados e alcançar, tão de prompto quanto possivel, resultados sufficientemente seguros, o snr. Adolpho Coelho, em nome da secção de sciencias ethnicas da *Sociedade de Geographia de*

Lisboa, publicou, em 1890, um *Esboço de um programma para o estudo anthropologico, pathologico e demographico do povo portuguez,* cuja cedula anthropologica é a seguinte:

- Condições somaticas normaes..
  - Caracteres anthropometricos propriamente ditos
    - Medidas geometricas.....
      - Estatura.
      - Diametros e perimetros thoracicos.
      - Indice cephalico.
    - Dynamometria...
      - Força de pressão manual.
      - Idem de tracção horisontal.
      - Idem vertical (renal).
  - Caracteres chromaticos.....
    - Côr do cabello.
    - Côr dos olhos.
    - Côr da cutis.
  - Caracteres morphologicos apreciados pela simples inspecção.
    - Fórma geral.
    - Fórma do nariz.
    - Fórma do rosto.
    - Fórma do cabello.
  - Caracteres esthesiometricos....
    - Acuidade visual.
    - Idem auditiva.

Em nota o distincto ethnologo lembrava que ainda eram importantes outras medidas anthropometricas, taes como as dos membros e os indices facial e nasal, e bem assim a sensibilidade tactil, dado de valor nos caracteres esthesiometricos. Mas este plano, que é bem feito e sufficiente para o proposito, deixava ao arbitrio do observador a escolha dos pontos de reparo e os preceitos restantes de todo o manual operatorio, podendo pois ter acontecido, se no paiz alguma coisa houvessem feito, que trabalhos varios não fossem entre si comparaveis. O snr. Adolpho Coelho apenas para os caracteres chromaticos chamava a attenção especial das instrucções de Topinard e, para os

outros, indicava uma bibliographia vasta e escolhida em Charles Roberts, Quetelet, Kaltbrunner, Quatrefages, Beddoe, Virchow e Topinard; de sorte que o resultado seria deploravel para os principiantes e amadores, cuja superficialidade ou preferencia de methodo melhor ou peor fundada os levaria a adoptar processos de sua escolha. Preciso é affirmar comtudo e desde já que este receio mal tem fundamento, pois em Portugal nem d'uns nem d'outros apparecem.

Ora o opusculo recente do dr. Collignon tem em vista estabelecer um convenio internacional que systematise o quadro das observações de maior significação e o processo como devem ser executadas, procurando assim evitar o desaccordo que existe entre os questionarios subordinados a diversas escólas e até differentes, frequentemente, n'um mesmo paiz. Como calcula, porém, que a melhor occasião de as levantar é a das inspecções militares, visto ser esse o momento em que se encontra uma população masculina d'uma idade certa e nascida n'uma pequena circumscripção administrativa, como o cantão em França, o mandamento em Italia, o concelho em Portugal, etc., prevê o caso da deficiencia de tempo e capitula o projecto em tres partes: medidas a tomar no conjuncto do contingente; medidas a recolher em quarenta individuos pelo menos; medidas a levantar em vinte individuos ao minimo. O resumo é como segue:

I. Estatura. — Processo conhecido; levantal-a em todos os recrutados aptos, temporisados ou isentos, exceptuando unicamente as deformações vertebraes (gibbosidade, rachitismo), os encurtamentos por fracturas ou lesão pathologica dos membros inferiores. Todo o individuo bem conformado, ainda que tenha apenas $1^{m},30$, deve ser medido. Esta mensuração é naturalmente levantada para o fim puramente militar; não dá trabalho algum especial.

Côr dos olhos. — Divididos em tres categorias: 1.ª todos os que são *francamente azues* ou *muito claros;* 2.ª todos os

que são *manifestamente escuros* ou *castanhos;* 3.ª os restantes, classificados como intermediarios ou duvidosos.

Côr dos cabellos. — Repartidos por tres categorias principaes e duas secundarias, correspondendo ás cinco classes seguintes: ruivos, louros, intermediarios ou duvidosos, castanhos e negros. As duas primeiras categorias, ruivos e louros verdadeiros, isto é, louros *sem hesitação possivel,* formam a classe dos cabellos *claros;* as duas ultimas, *castanhos sem hesitação* e *negros sem hesitação,* constituem a dos cabellos *escuros* (methodos Beddoe e Topinard).

Fórma da curvatura do nariz. — Distribuidos por tres categorias: convexos, rectos e concavos.

II. Os dois factores do indice nasal, medida de primeira ordem, mas de variações tão extensas que importa corrigil-as pelo numero. Ambas tomadas com a maxima delicadeza e cuidado.

Altura total do nariz. — Vai desde o angulo do sob-septo do nariz, na parte mais proxima, sem deprimir muito, até ao ponto mais concavo da chanfradura situada na raiz nasal. Este ultimo reparo é extremamente delicado em achar; algumas vezes assignala-se á attenção por uma mudança nitida de curvatura, outras por uma pequena ruga transversal que se accentua se se abaixa a pelle da fronte com a mão livre. Para a descobrir o observador deve collocar-se á direita do individuo olhando-o de perfil; operando de frente a altura é inexacta nove vezes em dez.

Largura do nariz. — Medida nas azas do nariz sem as deprimir e não atraz, na inserção das narinas.

III. Diametro antero-posterior maximo. — Do ponto mais saliente da glabella ao maximo, onde quer que fique.

Diametro transverso maximo. — Tomado ao maximo, onde cahir. Recommendado para estas duas medidas o compasso de

espessura, modêlo Broca, ou melhor, de Bertillon. Rejeitar absolutamente o quadro de maxima que augmenta indevidamente a brachycephalia, em virtude da interposição das duas espessuras de cabellos no diametro transverso e d'uma só no antero-posterior.

Diametro bi-zygomatico maximo. — Sobre as duas arcadas zygomaticas, no ponto de afastamento maximo, onde quer que esteja (compasso de espessura).

Altura total da cabeça. — Em projecção, do vertex ao mento. Esta medida deve ser tomada directamente com o auxilio do esquadro cephalometrico e não em dois tempos, deduzindo da estatura a altura do mento ao sólo. Por este ultimo processo, principalmente quando a estatura já foi tomada n'outra parte, póde-se ter a certeza que a posição da cabeça do observado não será identica nas duas mensurações; o erro póde exceder *cinco centimetros.*

Manual operatorio. Estando fixo o grande esquadro sobre o vertex em posição horisontal determinada pelo fio de prumo, o segundo esquadro, chamado explorador, applica-se sob o mento e no ramo vertical lê-se a altura da cabeça. Ter cuidado em que o olhar do observado seja horisontal fazendo-o fixar n'um objecto situado á mesma altura ou no horisonte. N'esta occasião, se houvesse tempo, poder-se-iam juntar rapidamente, e por um simples movimento do esquadro explorador, outras medidas em projecção de pontos singulares da face, taes como o ophryon, o espaço interdentario, etc., etc.

Fazendo descrever ao grande esquadro um quarto de circulo, ter-se-ia a importante medida da *altura do craneo, vertex ao trago;* para este ultimo o reparo seria o proprio centro do trago, ponto facil de determinar. Como os anthropologistas allemães ligam bastante importancia a esta medida, o dr. Collignon está disposto a adoptal-a e mesmo a precedente (vertex ao ophryon, d'onde se deduziriam a altura real da face com relação ao craneo e o indice facial propriamente dito).

Estatura do individuo sentado. — Fazer sentar o individuo n'uma superficie plana, as pernas bem estendidas e a co-

lumna vertebral direita. Obtem-se, pela subtracção da estatura propriamente dita, o comprimento dos membros inferiores.

Altura do tronco. — Tres methodos: 1.º do perineo á setima vertebra cervical (americanos, Zampa); 2.º da setima vertebra cervical ao assento (Ranke); 3.º da forquilha esternal ao assento (Topinard, Collignon). O snr. Collignon aponta resumidamente os inconvenientes dos dois primeiros e pronuncia-se pelo ultimo. O individuo deve estar naturalmente sentado e bem direito.

Largura superior do tronco. (*Diametro bi-acromial*). — Determinar os sulcos feitos pelos dois acromios e comprehendel-os entre os ramos do compasso de corrediça, sem apertar muito.

Largura inferior do tronco. (*Diametro bi-iliaco*). — Reconhecer os sulcos formados pelas cristas ou saliencias iliacas e comprehendel-os entre os ramos da corrediça conservada bem parallelamente ao eixo transversal do corpo.

Comprimento total do membro superior. — Do acromio á extremidade do medio, o braço pendente e bem estendido. O dr. Collignon prefere esta medida á grande envergadura (Broca) que leva realmente mais tempo a tomar e que além d'isso dá o comprimento do membro superior com algum erro. Quando o braço se eleva, a cabeça do humero mergulha, d'onde se segue um encurtamento notavel.

Em resumo, o programma abrange: tres caracteres descriptivos — côr dos olhos e dos cabellos e fórma da curvatura do nariz —, seis medidas fundamentaes do craneo e da face — factores dos indices cephalico, facial e nasal — e seis medidas do corpo — estatura, estatura do individuo sentado, altura e largura superior e inferior do tronco, comprimento total do membro superior. Evidentemente o quadro é bastante limitado e desde logo se repara na falta de certos dados importantes, como os dynamometricos, e medidas do valor de certos diametros faciaes; mas o dr. Collignon pensa sensatamente que nas

inspecções o tempo não sobeja e mesmo, quando se consiga fazer por completo o levantamento exarado nos tres paragraphos precedentes, se ha alcançado muito. O opusculo contém ainda paginas em branco onde os anthropologistas poderão pronunciar-se por uma ou outra das mensurações apontadas e respectivos processos operatorios. D'est'arte o programma será definitivo *après enquête,* isto é, logo que todas as questões duvidosas estejam decididas por uma especie de plebiscito.

A lembrança de aproveitar o momento da inspecção para proceder a investigações anthropologicas é excellente. Ha já exemplos: Guibert, um dos collaboradores de Broca, executou numerosas medidas nos conscriptos de varios cantões do norte da França; commissões anthropologicas seguem, ha tres annos, os conselhos de revisão do gran-ducado de Bade; desde o anno passado que na Baviera se faz o mesmo; o proprio dr. Collignon emprehendeu os mesmos trabalhos em varios departamentos francezes. Seria pois para desejar que entre nós esta iniciativa fosse imitada e tanto mais quanto é certo não termos ainda laboratorios, nem escólas, nem pessoal especialmente destinado para os serviços anthropometricos. É um trabalho facil, sem dispendio, rapido e de successo.

Queiram ou não, a noticia aqui fica. Ora — mas não façamos chimera! — de nada vale, afinal!

Rocha Peixoto.

POLITICA INTERNA

O GOVERNO E O PARLAMENTO. — A CRISE ECONOMICA.
A COMMISSÃO DE INFRACÇÕES

Extincção do ministerio da instrucção publica, projecto de lei sobre os reincidentes, interpellação no parlamento sobre a demissão do snr. visconde de Pindella, que foi nosso ministro na capital da Hollanda, lei de meios, e até mesmo as negociações com os portadores de titulos da divida publica externa, para a reducção do juro ou qualquer contrato semelhante que minore os encargos do thesouro portuguez — todas estas questões, que têm sido discutidas recentemente e que em tempos normaes levantariam um vivo debate, são, na opinião geral, lançadas em certa obscuridade pela gravidade da crise economica que nos afflige. Quasi poderiamos dizer que, se os periodicos ainda imprimem noticias de genero differente, é por amor da arte ou dever profissional; no espirito publico uma só interrogação anda permanentemente na lembrança. Pergunta-se, e de nada mais se cuida a serio, onde iremos buscar o pão de ámanhã, tão angustiosas são as circumstancias em que nos vemos.

Ha um conhecimento exacto da realidade n'este modo de julgar a situação presente; nem podia deixar de assim succeder, pois que o saber nos vem por experiencia, sempre boa conselheira. Como haviamos de nos illudir se tão de perto sentimos já os nossos males! Que valem todas essas medidas, mais ou menos largas e beneficas, perante a crise economica? A extincção do ministerio da instrucção publica não foi surpreza para

ninguem; tinha nascido semi-morto e em tão deploravel estado que nem sequer chegaram a deital-o no berço fôfo e dourado que o snr. conde de Thomar lhe alugava e onde o snr. Arroyo deveria embalal-o na primeira infancia. Desde que esse famigerado ministerio tinha vindo, não de uma necessidade imperiosamente reconhecida, mas d'um arranjo politico, da simples conveniencia partidaria de fabricar mais uma cadeira de ministro, desde que assim nascera, trazia no sangue os germens de morte; faltava-lhe a consagração suprema, a vontade nacional, e ao primeiro vento adverso não podia deixar de cahir por terra. O projecto de lei sobre os reincidentes é bom, dá aos criminosos de profissão o unico remedio seguro de regeneração, um largo campo de trabalho com uma liberdade relativamente grande; mas, embora envolva beneficios incontestaveis e tenha uma alta significação moral, como interessa particularmente a uma classe que vale mais pela piedade que inspira do que felizmente pelo numero dos seus membros, não produz na opinião publica a anciedade que despertam os assumptos que directamente tocam a todo o paiz. Da demissão do snr. visconde de Pindella quasi nem vale a pena fallar: a muita sympathia que anda ligada ao nome de s. exc.ª, os seus merecimentos quasi unanimemente louvados na imprensa, o calor com que alguns jornalistas e deputados tomaram a peito a sua defeza, insistindo com perguntas ao ministro dos estrangeiros, que afinal terminaram n'uma interpellação formal generalisada a toda a camara, nada d'isso conseguiu abalar o animo popular que, realmente indifferente, ficou sempre na crença de que o ministro podia demittir livremente os embaixadores. Nem mesmo a presença dos representantes dos credores estrangeiros em Lisboa distrahiu sensivelmente a opinião; como não parece provavel n'este momento qualquer reclamação armada das nações estrangeiras, caso em que o sentimento de independencia nacional necessariamente havia de revelar-se com certa vivacidade, todos andam na persuasão de que, melhor ou peor, os nossos credores chegarão a qualquer proposta aceitavel. Temos fé em que a nossa pobreza ha de livrar-nos de maiores exigencias; ninguem póde dar o

que não tem, nem seria assisado pedir o impossivel a quem se mostra disposto a todos os sacrificios possiveis. A crise economica e só a crise economica é quanto nos fica na memoria ao fim de todas as discussões politicas actuaes; atormenta-nos como um pesadelo em que vagueia tenebrosamente o espectro da fome.

*

* *

Os bancos do Porto e de Braga começam a suspender pagamentos; da Covilhã annunciam que as fabricas estão fechadas ou, pelo menos, reduziram os dias de trabalho, que os operarios andam a pedir esmola e, aqui e além, impellidos pela fome não duvidam recorrer ao roubo violento. Estas são as manifestações da crise economica mais recentes e de maior grandeza, as que mais avultam, e por detraz d'estas occultam-se, disseminadas mas representando grande somma de miseria, as pequeninas manifestações, as ruinas dos proprietarios, as despezas particulares reduzidas e as casas de penhores fartas de joias e de pratas.

Teme-se essa liquidação dos bancos do Porto, ha muito promettida, mas só agora a caminho de realisação. A sua ruina vem dos negocios do syndicato de Salamanca. Immobilisaram capitaes importantes, superiores ás suas forças, e, o que é mais grave, n'uma empreza que não foi lucrativa. D'ahi vinha a desconfiança, os depositos afrouxavam; e, ao mesmo tempo, sem capital disponivel, viam-se coagidos a não fazerem descontos, lançando sobre o commercio e a industria uma rêde de difficuldades que no seu ultimo termo traziam uma grande catastrophe. Foram vivendo emquanto poderam, sem levantar maior sobresalto na praça, mas um tal estado não podia durar indefinitivamente, chegou agora ao extremo, esgotados todos os palliativos, obrigado cada paiz a mostrar as suas forças no meio dos embaraços economicos geraes na Europa. Os bancos ainda mandaram uma commissão a Lisboa pedindo ao governo que os soccorresse. O governo prometteu vagamente dar-lhes apoio,

mas, como não podia dar-lhes dinheiro, a commissão voltou ao Porto e poucos dias depois tres dos bancos mais importantes d'aquella cidade suspendiam pagamentos. Parece pois que a praça do Porto terá de liquidar as perdas da louca aventura de Salamanca.

Uma tal liquidação não poderá fazer-se sem grande abalo, e o governo mostra-se inclinado a esperal-o, pois com surpreza nomeou governador civil do districto do Porto o snr. Neves Ferreira, um official da armada, muito respeitado e muito conhecido pela sua valentia, mandando simultaneamente para Leixões um navio de guerra com cem praças de marinha. Os jornaes quasi unanimemente applaudem as precauções do governo, cujo motivo todavia não está ainda inteiramente esclarecido: ha quem imagine que se temem novos movimentos revolucionarios de caracter republicano no norte; outros, porém, que julgamos mais proximos da verdade, explicam a resolução do governo sómente pelo receio das desordens que póde trazer a questão economica. Seria mesmo uma indesculpavel cegueira o governo esperar que tudo deve passar-se em paz; nunca a fome deixou de ser aggressiva para todos os governos, a quem gratuitamente imputa as suas dôres, e muito menos deixaria de sel-o n'um paiz de providencialismo administrativo, que por temperamento e por tradição agradece todos os bens ao governo, seu deus tutelar, a quem apedreja em tempos adversos, tornando-o responsavel pelos erros proprios e alheios.

Convém, porém, não exaggerar a importancia da situação da praça do Porto. Representa um fleimão de caracter grave, porque as veias e arterias que o alimentam não podem trazer-lhe senão um sangue igualmente viciado da mesma molestia; se assim não fôra, se no resto do organismo circulasse uma seiva abundante e sã, a ferida havia de curar-se rapidamente. Mas não; a verdade, a triste verdade é que todo o paiz está igualmente arruinado e, se o Porto se distingue, é por mostrar com uma extrema agudeza um mal commum a todo o corpo. O paiz está pobre; e, além de pobre, affectado d'uma iniqua repartição da pouca riqueza que lhe resta.

Da pobreza ninguem duvida; as estatisticas das alfandegas dizem tudo. Importamos alguns milhares de contos a mais do que exportamos; pouco vendemos e tudo compramos, a lã, o linho, o pão e os metaes. Cabe aqui perguntar de que serviram esses rios de ouro que durante quarenta annos tivemos canalisados para Lisboa. Fizeram-se estradas e caminhos de ferro para levar ás provincias as mercadorias estrangeiras, os tecidos réles dos armazens de Paris, garrafas de bebidas insalubres, frascos de agua de colonia e toda a quinquilheria de mau gosto com que atulhamos as casas; e, no regresso, essas mesmas carruagens, que espalharam pelo paiz vicios de luxo e necessidades futeis, voltavam vasias de mercadorias e repletas de gente que, não contente com o que dissipára sem sahir da sua aldeia, vinha ás cidades dissipar o que lhe restava. Foi para isso que serviram os emprestimos e o dinheiro do Brazil, pois não vêmos fabricas nem searas que elles tivessem produzido. Basta dizer que agora, como outr'ora, metade do paiz está inculto.

Da boa repartição da riqueza póde igualmente duvidar-se? Pela nossa parte, confessamos, julgamos ter tambem entre nós uma questão social, de caracter differente da das nações do norte europeu, menos agitada e menos ameaçadora para a ordem publica, mas igualmente importante para o bom governo da sociedade. Faltam-nos capitalistas e grandes proprietarios cuja riqueza affronte a cubiça popular e seja uma tamanha injustiça social, que demande reparação urgente. Carecemos d'esses dois elementos perturbadores, que entre estranhos são uma ameaça e um perigo; mas temos um exaggerado numero de empregados publicos e um commercio muito superior ás forças da riqueza nacional. Poderiamos, comparando o pessoal das nossas secretarias de estado com o de outras nações, chegar á conclusão de que ha mais quem tenha administradores igualmente numerosos relativamente ao total da população; nem assim invalidariamos as recriminações populares contra a burocracia. O numero considerado em absoluto ou relativamente á população pouco nos diz; o essencial — e d'isso todos têm co-

nhecimento exacto — é sabermos que esse numero é excessivo relativamente ao serviço que a classe nos presta, e que esta, por conseguinte, representa um onus sem compensação, um tributo sem vantagens sociaes correspondentes. Em cada repartição das secretarias de estado ha um ou dois empregados que trabalham; os outros nada fazem, e nem mesmo foram admittidos senão para satisfazer o pedido d'um deputado influente ou d'um amigo particular do ministro. Esta é a deploravel situação a que nos conduziu, não diremos a corrupção, mas a inepcia na administração publica, porque o nepotismo, que inventou serviços para collocar afilhados, em logar de procurar gente capaz para servir estrictamente as necessidades publicas, nasceu tanto d'uma errada concepção politica como da miseria do paiz. A classe média não via collocação remuneradora fóra das secretarias e, como era ella quem fazia as eleições, os ministros accumulavam despachos sobre despachos, sem força para resistirem á onda que vinha de fóra. Assim chegámos ao estado presente em que o paiz se vê obrigado a sustentar um crescido numero de parasitas; porque entre conserval-os e demittil-os, isto é, entre o augmento das possibilidades da anarchia, pondo na rua alguns milhares de bôcas famintas, e o sacrificio d'uma larga despeza inutil, o paiz prefere a ultima hypothese. É menos cruel e menos perigosa.

O commercio está em condições identicas, com a aggravante de que, não tendo logar á mesa do orçamento, não tendo garantida uma parte da riqueza nacional tirada pelos impostos e repartida pelo estado, a sua situação é muito mais precaria. Havia muito quem se alegrasse com o crescer da circulação, quem visse com enthusiasmo o accrescimo do movimento nos caminhos de ferro, o Porto e Lisboa com um armazem commercial em cada porta, as mais pobres aldeias com a sua baiuca; não se reflectia em que o commerciante é apenas um intermediario e entre nós era em geral um importador, visto que compravamos muito mais do que vendiamos. Esgotou-se o nosso credito no estrangeiro, falta-nos o dinheiro do Brazil, e sobretudo isso entramos n'um regimen economico expressamente des-

tinado a difficultar a importação; ficam portanto dispensados os serviços d'esse antigo intermediario, que abatido e sem alento não sabe ainda como ha de ganhar o pão de ámanhã. Por circumstancias de differente natureza, mas concorrendo todas para o mesmo fim, o commercio terá de ser no futuro muito mais limitado do que até agora, e por certo um dos problemas mais graves e dos deveres mais afflictivos da nação no momento presente, é saber como ha de operar sem crueldade esta transformação, como ha de trazer á lavoura e á industria os braços que o commercio dispensa.

Beati pauperes! Talvez que esta velha regra moral seja tambem no momento actual a melhor das condições economicas. Quando vemos os perigos que ameaçam presentemente os povos mais ricos, considerando imminente uma grande transformação social, de que o proteccionismo e as *grèves* que os jornaes diariamente nos annunciam são apenas o prenuncio, não podemos furtar-nos á esperança de que as nossas dôres serão pequenas relativamente ás que os outros povos vão soffrer. Sendo um dos paizes mais atrazados, somos *ipso facto* um dos que menos têm a destruir para estabelecer a nova ordem de coisas; nem temos millionarios a esquartejar nem milhares de operarios a levantar barricadas. A prolongada miseria não póde crear grandes emprezas, mas deixa aos que foram educados n'essa dura escóla um espirito de resignação e de passividade, que é o maior amparo nas horas de desgraça. Sirva-nos esta esperança de consolo; abrande as nossas dôres a certeza de que não seremos talvez os mais cruelmente crucificados n'esta cruz, a que os desvarios da civilisação contemporanea nos prenderam os braços.

*

* *

Falta-nos espaço para nos occuparmos d'um facto sobre que ha muito o paiz tem os olhos fitos — a accusação do ex-ministro da fazenda, snr. Marianno de Carvalho, proposta á ca-

mara dos deputados pelo deputado snr. Manoel d'Arriaga. E, a nosso vêr, uma das mais graves questões pendentes; o paiz, na sua grande maioria isenta de compromissos partidarios, liga-lhe uma importancia que os homens envelhecidos na politica não parecem muito dispostos a reconhecer.

O snr. Marianno de Carvalho escapou *legalmente* á responsabilidade das suas altas cavallarias financeiras.

Pessoalmente estimamos que assim fosse: achamos sempre de boa moral responder ao mal com o bem, e, no caso presente, repugnava-nos uma inutil crueldade. Goze em paz a existencia o homem que pelos seus desvarios levou a fome a tanto lar humilde e innocente. Mas politicamente não deveremos occultar que a impunidade do ex-ministro, accusado na opinião publica de tão graves culpas, redunda em descredito das instituições, para restaurar o prestigio das quaes seria necessario começar por um exemplo de justiça.

Esta questão, repetimos, é da maior importancia. Falta-nos o espaço para a discutir com a largueza necessaria, e por isso a reservamos para o proximo mez, se d'aqui até lá não se derem factos que lhe disputem a primazia.

20 de março de 1892.

Jayme de Magalhães Lima.

BIBLIOGRAPHIA

PUBLICAÇÕES NACIONAES

O reconhecimento analytico da cocaïna e seus saes (*Notas e documentos*), por A. J. Ferreira da Silva. — Porto, 1891.

Ferreira da Silva é, como os senhores bem sabem, uma das mais poderosas organisações de trabalhador que entre nós contamos. Mas não só isso: a sua individualidade scientifica põe-se em relevo pela tripla qualidade de professor, de homem de laboratorio e de iniciador, ensinando com uma segurança profissional sem semelhante, trabalhando com uma precisão delicada e amorosa, levando ás instituições de que faz parte o melhor da sua actividade anciosa em desenvolvimentos progressivos de organisação, de material e de methodos. Solida e potente envergadura, a d'este homem! Tambem, um feliz! Que diabo! Ser intelligente, ser erudito, ser forte e alcançar o merecido triumpho, uma consagração que é larga, porque elle não descança, e duradoura porque é justa, devemos convir que, na immobilidade mais que parada d'este paiz, faz um destaque grato que avulta, tanto o reconhecem, tanto o avaliam!

D'entre as suas ultimas publicações poremos aqui a ligeira referencia que esta secção comporta, á segunda edição das suas notas e documentos ácerca d'uma reacção nova e caracteristica da cocaïna, descoberta feliz e ainda actual do illustre chimico do Porto. O ensejo foi promovido pelo exame de varias substancias medicamentosas apprehendidas pela auctoridade a Urbino de Freitas, indigitado criminoso n'um processo destinado ainda a fazer seu ruido.

Não podemos, certamente, demorar-nos no transcripto do processo, nem sequer n'um singelo resumo, tanto isso se afastaria da indole d'esta Revista. Indicaremos todavia, que a nova reacção da cocaïna se obtem tratando-a pelo acido azotico e pela potassa em solução alcoolica e que o principio odorifero formado na reacção tem já a sua natureza determinada por Béhal, embora suspeitada anteriormente pelo nosso illustre chimico e incluida até nas notas da sua carteira de laboratorio. A descoberta de Béhal é um triumpho para o chimico portuguez, como a descoberta da reacção caracteristica do alcaloide mencionado é um famoso serviço á chimica e á medicina.

O opusculo encerra toda a documentação relativa á notavel descoberta — artigos, extractos de sessões de academias e sociedades sabias, communicações e cartas — sendo, do mesmo passo, um relato descriptivo e historico do facto assignalado e um dos mais alevantados padrões de gloria do incansavel e distincto trabalhador.

Sur l'emploi du sulfo-sélenite d'ammoniaque pour caractériser les alcaloides, par A. J. Ferreira da Silva. — Lisboa, 1891.

Ha poucos annos Lafon assignalou um novo reagente para a morphina e a codeïna: era o sulfo-selenito de ammoniaco. O snr. Ferreira da Silva procurou conhecer a acção do reagente sobre outros alcaloides vegetaes e encontrou factos novos que permittem juntar aos dois alcaloides citados mais seis, até aos quaes o emprego do sulfo-selenito referido se póde estender com reconhecidas vantagens. E, como todas as investigações do illustre chimico, um trabalho habil e valioso.

Sur l'oxyde jaune de mercure, dans l'analyse des vins, par A. J. Ferreira da Silva. — Lisboa, 1891.

Exposição confirmativa ácerca da deficiencia do processo de Cazeneuve para o reconhecimento dos vinhos falsificados, pois que, por tal methodo, alguns dos portuguezes seriam incluidos n'aquella categoria. Muito brilhante e convincente.

Pela capital, por José Forbes Costa. — Livraria Civilisação, editora; Porto, 1892.

Racolta de antigos ensaios de *chronica*, publicados ao tempo em que quem subscreve o livro frequentava, em Lisboa, a Escóla do Exercito. No verso do ante-rosto annuncia-se outra obra do mesmo auctor, intitulada a *Reforma do exercito e os alumnos militares*. Deve ser devéras interessante, attenta a especialissima competencia do snr. Forbes Costa, que é um official muito distincto e muito illustrado.

Panegyrico do direito moderno, *feito em 13 de novembro de 1889 na sessão solemne da reabertura da associação dos advogados de Lisboa*, por Alfredo Ansur. — Lisboa, 1892.

Peça oratoria talhada orthodoxamente nos moldes classicos da arte. Dividida em cinco partes e trinta e tres paragraphos, a saber (quanto ás primeiras): I. *Exordio;* II. *Informação;* III. *Confirmação;* IV. *Refutação;* V. *Peroração.* Revolucionarismo azul e rosa. Final apotheotico, como se vê dos seguintes paragraphos da *Peroração:* **27.** *Retrato de Mirabeau e apostrophe a este tribuno.* **28-29.** *As declarações dos direitos do homem. Recapitulação.* **30-32.** *Invocação da Philosophia da Historia aos encyclopedistas do seculo XVIII e aos vultos principaes da Revolução. Amplificação em prosopopeias.* **33.** *Epilogo.*

Primeiras palavras:

«**1.** O que vou dizer-vos, senhores, é o producto de um baixo e pobre engenho que com philaucia, não só desmedida e impertinente, mas até pueril, procurou guindar-se aonde, melhor avisado, não devêra sequer levantar os olhos.

. . . . . .

Sabei pois, que este *Panegyrico* é uma especie de capa mendicante, sem intrinseca originalidade alguma, e para a qual, á mingua de cabedal proprio, respiguei por aqui e por além, especialmente, entre outros logares, n'essa mina facil e inesgotavel do Larousse e n'um certo livro do suisso Bluntschli, de quem sem escrupulo traduzi, fundi ou condensei paginas inteiras!

.....

Por um daltonismo semelhante ao tradicional do celebre compositor Meyerbeer, que punha bastas vezes uma gravata vermelha julgando-a preta, eu tambem compuz um trabalho eminentemente paradoxal para os tempos que vão correndo, suppondo-o juridicamente orthodoxo.

.....

Em presença d'isto, se em vez d'um jurista anonymo tivesse a honra de chamar-me Bach, ou Mosart, ou Beethoven, ou Bellini, ao entoar a symphonia triumphal dos principios mais seguros da Democracia moderna, com quanta propriedade a não adereceraria eu de córos abundantes em *fa menor!* »

.....

Derradeiras palavras:

« **33.** Disse; e sacudindo as azas candidas, d'onde chovem constellações de fulgidas gemmas, a Philosophia da Historia transcende brandamente para os astros. Sob os seus passos harmoniosos palpitam as estrellas de etherea emoção, e um rio de iris sem par, desprendendo-se-lhe dos cabellos opulentos, opéra com o sólo a communicação dos seus encantos por maneira perenne.

Pelo que me respeita, senhores, é tempo de terminar tambem. Lisboa! Rio de Janeiro! França! Paris! Europa e America! Terra! Sol! Virtude! Luzes adquiridas e naturaes em fazer discernir o Bem do Mal! Etc. etc. etc. »

Com taes chaves (aureas, como se vê) abre e fecha o *Panegyrico* em questão.

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

I) FRANCEZAS

Feuilles detachées, por Ernest Renan. — Paris; Calman Levy, editores.

O livro eminente do mez, em França, é incontestavelmente esta simples collecção de reminiscencias e de impressões pessoaes reunidas pelo snr. Renan por conselho do velho Calman Levy que (segundo confessa o snr. Renan, no delicioso prefacio) entendia que o publico preferia a quaesquer trabalhos de erudição, critica ou exegese, do auctor das *Origens do Christianismo,* algumas paginas intimas de recordações, em que elle fallasse muito da sua interessante pessoa e muito da sua amada Bretanha. Calman Levy tinha razão — e a individualidade do snr. Renan é talvez mais attractiva que a sua obra. Por isso a parte curiosa e que mais prende nas *Feuilles detachées* é o prefacio, em que o snr. Renan, com aquella risonha bonhomia, que é uma das fórmas do seu scepticismo, e n'um estylo de incomparavel limpidez e doçura, vai indolentemente desvelando uma ponta do seu pensamento sobre toda a sorte de problemas — a vida, a morte, o amor, a existencia futura, o Purgatorio, Deus, e a sua propria e encantadora personalidade. Ha no snr. Renan, por vezes, grande falta de unidade philosophica, de logica e até de gosto. Mas elle proprio confessa que « *dans sa manière de sentir il est femme aux trois quarts* ». Ora o proverbio indio ensina que se não deve bater n'uma mulher nem mesmo com uma flôr. É impossivel ser severo com o snr. Renan — e tudo se lhe per-

dôa, pela belleza, pureza, suave brilho e bondade moral d'aquella prosa, que não tem hoje outra igual em França, que é a classica e nobre patria da Prosa.

Souvenirs de la côte d'Afrique, pelo Barão de Maudat-Grancey.

Este livro tem duas notas misturadas e alternadas. Uma jovial, toda de reminiscencias dos trinta annos de viagens do auctor, desde que foi pela primeira vez a Madagascar como guarda-marinha. Outra mais séria e severa, de protestos, expostos com muita auctoridade e experiencia, contra as incansaveis tentativas, feitas sobretudo pelos inglezes, para supprimir na Africa o trafico da escravatura. O snr. de Grancey sustenta, e com argumentos de aspecto grave e valioso, que estas tentativas contra a escravatura produzem mais damno e trazem mais soffrimentos ás raças negras — do que o proprio trafico: e que com esses esforços para a suppressão, e sobretudo com as praticas a que a suppressão serve de pretexto, a raça branca perde material e moralmente. Esta opinião merece estudo — e o livro merece ser percorrido, quando não seja senão pelas pittorescas anecdotas em que abunda sobre os negreiros provençaes, as familias reinantes negras, os costumes de Madagascar e as rivalidades e as intrigas constantes entre as diversas divisões navaes estacionadas na Africa Oriental. O tom geral é ligeiro, facil e elegante.

Journal des Goncourt. Tomo vi. — Paris; Charpentier, editor.

É o ultimo volume (que será publicado por agora) das *Memorias dos Goncourt,* e vai de 1878 a 1884. Edmond de Goncourt, cançado talvez de que systematicamente o accusassem de só dizer as *verdades desagradaveis,* condescende, n'este tomo, em só publicar *verdades agradaveis:* — e o livro ganha na verdade como interesse e mesmo como obra de litteratura. O que o torna menos attrahente é o velho defeito dos outros, a immensa, excessiva, quasi ridicula importancia que o snr. de Goncourt attribue á sua pessoa, á sua obra, á sua influencia na litteratura e no seculo. Talvez o snr. Goncourt não o acredite — mas é incontestavel que, mesmo que não tivessem existido os irmãos Goncourt, a França seria uma grande nação, e a sua litteratura uma grande litteratura.

La France en Ethiopie, pelo Visconde de Caix de Saint-Amour. — Paris; Faivre et Teillard, editores.

É a historia, escripta sobre documentos ineditos do Archivo do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, das relações da França com a Abyssinia sob os reinados de Luiz xiii e Luiz xiv. Livro especial e valioso para todos os que estudam a historia colonial no seculo xvii.

Le Paradis de Mahomet, traduzido do arabe por A. Alric. — Paris; Flammarion, editor.

Este volume é o quarto d'uma excellente série publicada pela casa Flammarion, destinada a vulgarisar, por meio de traducções e reproducções, simples e despidas de todo o apparato erudito, as lendas historicas, os mythos religiosos, as tradições cavalheirescas de todos os povos. O primeiro d'estes volumes foi *Le Roman du Renard,* uma das mais velhas e curiosas epopêas francezas, posta em verso, segundo os textos originaes, pelo snr. Charles Potvin. O segundo publicado foi *La Pucelle* de Jean Chapelain, vertida para francez modèrno por E. de Molenes. O terceiro deu-nos o grande poema sanscrito, o *Ramayana,* traduzido admiravelmente por H. Fauche. Esta collecção, impressa em elzevir, com uma cartonagem artistica, e excepcionalmente barata, é a melhor que podem desejar aquelles que, sem tempo para investigações laboriosas, desejam ter uma noção das lendas, das tradições e das theogonias, que representam o mais bello producto da imaginação humana.

Le demi-monde sous le second empire, por Zed. — Paris; E. Kolb, editor.

Eis um livro que tem no titulo a sua melhor recommendação para aquelles sobretudo que conheceram Paris n'uma época em que elle foi excepcionalmente alegre e brilhante, e ainda para aquelles que se interessam pelas Chronicas Historicas da Vida Social. Escripto além d'isso por quem parece ter penetrado intimamente em todos os recantos, os mais reservados d'essa sociedade, este volume constitue um documento importante sobre a vida do segundo imperio.

Une cour d'Allemagne en 1892, por L. de La Brière. — Paris; De Soye, editor.

Weimar, capital do Gran-Ducado de Saxe, tem sido sempre, desde o seculo xviii, um dos mais altos centros litterarios da Allemanha. O gran-duque actual, homem de cultura e da boa raça dos Mecenas, continua as tradições de gosto, de estudo, de amor ás letras e ás artes, que tanto illustraram os seus avós, um dos quaes, e dos melhores, teve por primeiro ministro simplesmente Goëthe. O livro do snr. de Brière pinta com finura e grande conhecimento esta interessante côrte, verdadeiro oasis das coisas do espirito, da litteratura e da elegancia, no meio da Allemanha arregimentada, assoldadescada e hirta na sua fardeta.

Souvenirs du Marechal Macdonald, Duc de Tarente. — Paris; Plon, editor.

Ganham incontestavelmente favor no publico os livros de Memorias dos Generaes do Primeiro Imperio. A França, depois de vinte annos de paz, gosta de recomeçar a ouvir os bellos echos de gloria e batalha, — quando não seja

senão nas chronicas dos seus generaes victoriosos. Depois das *Memorias do general Marbot,* que se tornaram vivamente populares, eis aqui as do general Macdonal, que apesar de não ter sido ûm dos mais altos heroes da Epopêa Napoleonica, merece (sobretudo pela sua magnifica conducta em Wagram) ficar grandemente na Historia. O livro põe n'uma bella luz, e com sympathico relevo, esta franca e nobre figura de soldado — mostrando-o através das suas façanhas, dos seus soffrimentos em campanha, dos perigos de que tantas vezes escapou, e das grandes responsabilidades com que o sobrecarregava o imperador. As anecdotas abundam, brilhantes e pittorescas.

II) INGLEZAS

Egyptian Science, por V. Johnson. — Londres; Griffith, Farran & C.º, editores.

Livro excellente, em que o auctor, continuando o seu plano (começado no seu outro volume *Chaldean Science*) de fazer uma Historia geral da Sciencia, accessivel á generalidade do publico, que não tem a especialidade e os vagares de Erudição, examina o estado das Sciencias, no antigo Egypto, antes da occupação romana. Os capitulos mais attrahentes versam sobre a Astronomia, a Mathematica, a Medicina, a Chimica, a Mechanica e Engenharia, dos tempos pharaonicos. Trabalho admiravelmente lucido e instructivo.

South Africa from Arab Domination to British Rule, colligido por R. W. Murray. — Londres; Stanford, editor.

É a tentativa, frouxa e muito incompleta, d'uma Historia geral d'Africa. Consiste n'uma collecção, um pouco desconnexa, de estudos e ensaios de differentes auctores sobre épocas historicas do Continente Negro. O professor Keane fornece um capitulo sobre os *Portuguezes no sul d'Africa,* em que é pouco imparcial e pouco generoso para comnosco, que todavia revelamos a Africa ao mundo moderno. O snr. Ellerton Fry conta e estuda a grande marcha dos inglezes através de Mashona, — que nós, mais imparciaes e generosos, reconheceremos ser um dos acontecimentos interessantes da moderna historia colonial. O snr. Deville Navis concorre com capitulos sobre a Beira, o Pungue e o baixo Zambeze. O livro está bem provido de mappas — e em summa contém um fundo muito aproveitavel de informação.

Palms and Pearls, por Alan Walters. — Londres; Bentley and Son, editores.

Palmas e perolas é um livro de viagens, em Ceylão, com finas e interessantes descripções, estudos, anecdotas e lendas sobre os passaros, peixes, plantas e flôres da ilha privilegiada. Pertence ao typo geral dos livros inglezes de viagens, quasi sempre agradaveis, cheios de observação e de factos,

dando uma impressão muito justa das paizagens, resumindo com exactidão os costumes, e caracterisados invariavelmente por aquella sympathia pelas raças alheias e pelos seus modos de viver e de crêr, que é um dos bons lados do touriste inglez.

Juntamente com este, podemos mencionar outros livros de viagens, que n'este mez, como sempre, abundaram, transbordaram :

A WINTER CRUIZE IN SUMMER SEAS, por C. C. Atchinson (Sampson Low, editores), é uma excursão indolente, através de « mares de verão », desde Buenos-Ayres até ás republicas do Pacifico.

THROUGH ABYSSINIA, por Harrisson Smith (Fisher Unwin, editores), é a curiosa historia d'uma missão á Abyssinia para se concluir o tratado pelo qual a Inglaterra garantiu, em 1886, ao rei João a posse do territorio de Bogos e o livre commercio por Massouah.

IVORY, APES AND PEACOCKS, por Horace Walter (Stanford, editor), é um livro de excursões na Africa, que, sob o seu phantasista e rutilante titulo *Marfim, Macacos e Pavões,* contém muita informação séria e util sobre as raças, costumes, os recursos naturaes e o futuro da Africa Equatorial.

The Old and the New, *English country Life,* por KEBBEL. — Londres; William Blackwood, editor.

Uma admiravel pintura da vida rural na Inglaterra, no seculo XVIII e no presente tempo. O auctor francamente prefere os habitos e os sentimentos do antigo regimen, e desenha as suas feições desvanecidas, ou que se vão desvanecendo, com grande encanto e um fino introspecto politico. O seu quadro da Inglaterra rural no seculo XVIII é talvez idealisada; mas constitue, certamente, uma imagem de vida encantadora e que merece ficar como delicado e original trabalho d'arte.

Smuggling Days and Smuggling ways, por HENRY SHORE. — Londres; Cassel e C.º, editores.

É a instructiva e divertida historia das grandes épocas do contrabando e dos costumes e aventuras dos contrabandistas. O livro trata sobretudo do contrabando nas costas de Cornual, no paiz de Galles, mas apresenta uma larga e geral pintura do contrabando, tal como elle se praticava por toda a parte, antes do aperfeiçoamento dos serviços de guarda-costas. O auctor não deixa de sympathisar com a esperteza e bravura dos aventureiros, de quem canta a epopêa, hoje meio esquecida: — e é ainda com sympathia, quasi com saudade, que dá ao seu volume o subtitulo de *Historia d'uma arte perdida!*

Nature in Books, por ANDERSON GRAHAM. — Londres: Methuen e C.º, editores.

É uma tentativa para marcar a influencia que tem exercido a Natureza — o campo, a paizagem, os bosques, os montes, no espirito e na obra de alguns grandes escriptores classicos e modernos. Livro profundamente pensado, de paciencia e séria investigação, cheio de requinte litterario.

A year in Portugal, pelo dr. GEORGE LORING. — Londres; Putmans, filhos, editores.

Este *Anno em Portugal* parece que foi deliciosamente agradavel para o snr. Loring, diplomata americano, porque só lhe deixou da nossa terra, dos nossos costumes, da nossa sociedade e dos nossos monumentos, impressões felizes. O livro é interessante, amavel e exacto.

ANNUNCIOS

Preço: 200 reis a linha de trinta e quatro letras no typo do corpo da REVISTA

Os annuncios devem ser dirigidos aos administradores Lugan & Genelioux, no Porto e aos agentes: em Paris, Amedée Prince et Cie — 34, Rue de Provence; em Londres, Amedée Prince et Cie — 10, Coleman Street; e em Leipzig, Karl W. Hiersemann — 2, Königsstrasse

NOUVEL

ARMORIAL DU BIBLIOPHILE

Guide de l'amateur des livres armoriés, par JOANNIS GUIGARD

PARIS, 1890

2 volumes . . . . . 13$500

Compra e Venda de

LIVROS ANTIGOS E MODERNOS

Especialmente de obras relativas a

PORTUGAL, BRAZIL & COLONIAS

Karl W. Hiersemann, Livreiro Editor

Catalogos *Portuguezes* e *Brazileiros*. Catalogos geraes de *Bellas-Artes, Architectura, Artes industriaes, Numismatica, Archeologia, Bibliographia, Litteratura, Costumes, Genealogia, Heraldica, Geographia e Linguas orientaes.* — Os Catalogos pedidos são enviados gratis.

Recebem-se encommendas : LEIPZIG, 2, Konigstrasse, 2.

L'ARGUS de la PRESSE

ESTA EMPREZA RECEBE

LÊ, CORTA E TRADUZ TODOS OS JORNAES DO MUNDO

E FORNECE EXTRACTOS SOBRE TODOS OS ASSUMPTOS, ÁS PESSÔAS QUE OS PEDIREM

Informações e condições fornecidas por correspondencia que deve ser dirigida ao director

A. CHERIÉ

PARIS — 157, rue Montmartre — PARIS

BANCO NACIONAL DO BRAZIL

Incorporado com o Banco Internacional do Brazil

FUNDADO NO RIO-DE-JANEIRO A 1° DE OUTUBRO DE 1889

Capital subscripto : Rs. 90,000 : 000$000
ou £ 10,000,000 sterling, ou 250 milhões de francos
50 por cento dos quaes por entrar.

DIRECTORIA :

Conde de FIGUEREIDO, *Presidente* — Visconde do GUAHY, *Vice-Presidente*

Barão de Salgado Zenha.
Manoel Moreira da Fonteca.
Pedro Gracie.
William H. Holman.
Senador Francisco de Carvalho Soares
Brandão.
Luiz Rodrigues de Oliveira.
Manoel Gonçalves.
Duarte.
Edward Herdman.

SUCCURSAES :

Pernambuco e Pará

CORRESPONDENTES :

EM TODOS OS PORTOS DO BRAZIL

SUCCURSAL EM LONDRES :

London and County banking Company Limited

Compra cambiaes sobre o estrangeiro. Fornece letras de credito aos viajantes e para operações commerciaes. Recebe consignações de cafés e outros productos para serem expedidos, sobre os quaes fornece adiantamentos nas condições convencionadas. Faz adiantamentos sobre cafés e mais mercadorias, de accordo com os estatutos do Banco e effectúa toda a sorte de operações bancarias. Encarrega-se de guardar titulos e cobrar coupons, de sua venda e compra, bem como das remessas de dinheiro pelo correio ou pelo telegrapho.

CORRESPONDENTES NA EUROPA E AMERICA

Pariz, Bruxellas, Amsterdam e Genebra. — Banque de Paris et des Pays-Bas.
Antuerpia. — Banque d'Anvers.
Hamburgo, Berlim, Francfurto. — Deutsche Bank.
Genova, Roma, Napoles, etc. — Banca generale, e succursales.
Madrid e outras cidades de Hespanha e Ilhas Canarias. — Banco hypotecario de España, e succursales.
Lisbôa, Porto, etc. — Banco de Portugal e succursaes.
Nova-York. — MM. G. Amsinck & C°.

LIVRARIA CHARDRON — LUGAN & GENELIOUX, Editores

NOVAS PUBLICAÇÕES

Ahn

Curso de lingua franceza. Adequado ao uso dos portuguezes e dos brazileiros pelo professor H. Brunswick. *Quarta edição,* correcta e augmentada. 1 vol..... 500
Encadernado..... 700

Curso de lingua italiana. Adequado ao uso dos portuguezes e dos brazileiros pelo professor H. Brunswick. *Segunda edição,* correcta e augmentada. 1 vol..... 500
Encadernado..... 700

Abbade Ambrosio Guillois

Explicação litteral e moral das *Epistolas e Evangelhos* dos domingos e principaes festas do anno, das ferias do advento e de todos os dias da quaresma, etc., etc. *Terceira edição.* 2 vol..... 1$500

Bernaldim Ribeiro

Menina e moça (SAUDADES). Edição dirigida e prefaciada por D. José Pessanha. 1 vol..... 500

Camillo Castello Branco

Questão da Sebenta. Collecção completa. (Opusculos I a IX). 1 vol. 500

Eça de Queiroz

A reliquia. *Segunda edição.* 1 grosso vol..... 1$000

As minas de Salomão, romance de Rider Haggard. Traducção revista por Eça de Queiroz. 1 vol..... 600

Ignacio de Vilhena Barbosa

Exemplos de virtudes civicas e domesticas, colhidos na historia de Portugal. *Nona edição.* 1 vol..... 400
Encadernado..... 560

Joaquim d'Araujo

Primeiras leituras. Selecta infantil, coordenada para uso das escólas primarias. 1 vol..... 400
Encadernado..... 540

Conde Leon Tolstoï

A sonata de Kreutzer. Estudo social. 1 vol..... 400

Oliveira Martins

Camões, os Lusiadas e a Renascença em Portugal. 1 vol..... 600

Os filhos de D. João I. Edição de luxo, illustrada, papel de linho, typo elzevir. 1 grosso vol..... 2$000

Portugal em Africa. A questão colonial — O conflicto anglo-portuguez. 1 vol..... 400

Pinheiro Chagas

Brazileiros illustres. *Segunda edição,* revista e accrescentada. 1 vol. 300
Encadernado..... 400

Raposo Botelho

Geographia geral actualisada e posta em harmonia com o novo programma para o ensino nos lyceus. *Setima edição,* correcta e adaptada á ultima organisação da instrucção secundaria. 1 grosso volume..... 1$000

Theophilo Braga

Camões e o sentimento nacional. 1 vol..... 600

Cardeal Wiseman

Fabiola, ou a Egreja das catacumbas. Romance religioso. *Nova edição illustrada.* 1 grosso vol. brochado..... 1$000
Encadernado..... 1$300

PUBLICATIONS NOUVELLES

DE LA

LIBRAIRIE HACHETTE ET Cie

Boulevard Saint-Germain, 79, à Paris

BUISSON (Ferdinand), agrégé de philosophie : **Sébastien Castellion,** *sa vie et son œuvre* (1515-1563). 2 vol. in-8.°, brochés, 20 fr.

FUSTEL DE COULANGES, membre de l'Institut (Académie des sciences morales), professeur d'histoire en Sorbonne : **Les transformations de la royauté pendant l'époque carolingienne,** revues et complétées sur le manuscrit et d'après les notes de l'auteur, par Camille Jullian, professeur d'histoire à la Faculté des lettres de Bordeaux. 1 vol. in-8°, broché, 7 fr. 50.

NOUVELLES GÉOGRAPHIQUES, publiées sous la direction de F. Schrader, chef des travaux cartographiques de la librairie Hachette et Cie, avec la collaboration de H. Jacottet. *Première année.* 1 vol. in-8°, broché, 5 fr.

RÉBELLIAU (Alfred), ancien élève de l'École normale supérieure, maître de conférences à la faculté des lettres de Rennes : **Bossuet historien du protestantisme.** *Étude sur l'*histoire des variations *et sur la controverse entre les protestants et les catholiques au XVIIe siècle.* 1 vol. in-8°, broché, 7 fr. 50.

ZELLER (Berthold), maître de conférences d'histoire à la Faculté des Lettres de Paris, répétiteur à l'École polytechnique : **La minorité de Louis XIII. Marie de Médicis et Sully** (1610-1612). Étude nouvelle d'après les documents florentins et vénitiens. 1 vol. in-8°, broché, 7 fr. 50.

WURTZ (Ad.) : **Dictionnaire de chimie pure et appliquée.** *Deuxième supplément* publié sous la direction de M. Ch. Friedel, membre de l'Institut (Académie des sciences), professeur à la Faculté des sciences de Paris. — *Première partie.* 1 vol. in-8°, broché, 20 fr. ; rel. 1/2 veau, 23 fr. 50.

LANSON : Boileau. 1 vol. in-16, avec une photogravure, broché, 2 fr.

(Collection des grands Écrivains français).

LIVRARIA CHARDRON — LUGAN & GENELIOUX, EDITORES — PORTO

NOVAS PUBLICAÇÕES

METHODOS DE AHN

CURSO DE LINGUA FRANCEZA

ADEQUADO AO USO DOS PORTUGUEZES E DOS BRAZILEIROS

PELO PROFESSOR

H. BRUNSWICK

Quarta edição, correcta e augmentada

1 vol. 500. Enc. 700

CURSO DE LINGUA ITALIANA

ADEQUADO AO USO DOS PORTUGUEZES E DOS BRAZILEIROS

PELO PROFESSOR

H. BRUNSWICK

Segunda edição, correcta e augmentada

1 vol. 500. Enc. 700

BERNALDIM RIBEIRO

MENINA E MOÇA

(SAUDADES)

Edição dirigida e prefaciada

POR

D. JOSÉ PESSANHA

1 vol..... 500

CAMILLO CASTELLO BRANCO

QUESTÃO DA SEBENTA

COLLECÇÃO COMPLETA

(OPUSCULOS I A IX)

1 vol..... 500

Livraria Chardron — LUGAN & GENELIOUX, Editores — Porto

NOVAS PUBLICAÇÕES

CONDE LEON TOLSTOI

A SONATA DE KREUTZER

ESTUDO SOCIAL

1 vol..... 400

OLIVEIRA MARTINS

CAMÕES

OS LUSIADAS E A RENASCENÇA EM PORTUGAL

1 vol..... 600

OS FILHOS DE D. JOÃO I

Edição de luxo, illustrada, papel de linho, typo elzevir

1 grosso vol..... 2$000

PORTUGAL EM AFRICA

A questão colonial — O conflicto anglo-portuguez

1 vol..... 400

THEOPHILO BRAGA

CAMÕES E O SENTIMENTO NACIONAL

1 vol..... 600

Porto — Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, Cancella Velha, 70